

The background of the cover is a photograph of a vast, misty landscape. In the foreground, a dirt path with some grass leads towards the right, where a single, weathered wooden post stands upright. Beyond the path, the terrain consists of rolling hills and valleys, some covered in green vegetation and others appearing more barren. The hills recede into the distance, where they are shrouded in a thick, white mist or fog, creating a sense of depth and mystery. The sky is a pale, hazy blue, blending into the mist. The overall mood is serene and contemplative.

Gil Cleber

Adágio em Sol Menor

Romance

Adágio em Sol Menor



Gil Cleber

Segundo romance da trilogia

As Cinzas do Tempo



Adágio em Sol Menor



Romance



Arte final e capa: Gil Cleber

Ilustração da capa: fotografia feita pelo autor.

Nota importante:

Sendo o autor contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:

gilcarvalho959@gmail.com

www.gilcleber.com.br

A penumbra espanta
E as coisas revestidas de sombras
Parecem adormecer de morte.

*(Decy de Souza Ribeiro
in Canção na Manhã de recordar a Noite)*

O Jardim



Então a senhora Cavalcanti tirou o chapéu.

Ao mesmo tempo com reverência e um doce sofrimento, olhou a velha casa recordando um certo dia de sua juventude, quando estivera ali pela primeira vez. *“Havia muita gente naquele dia”* lembra, e sorri ao pensar em seu desapontamento, pois ao aproximar-se deste mesmo portão — diante de si agora trancado e amarrado com arames —, vira agitação na casa e pensara numa festa.

“Uma festa no entardecer... uma festa ao crepúsculo...”

Mas não era uma festa, e dando-se conta de seu engano assim que entrou, viu que na verdade se tratava de um funeral.

E agora todo o resto à sua volta, como acontecia nesses momentos, dissolveu-se, já não era capaz de perceber nem mesmo a presença da neta, que se aproxima sem alarme.

— Não há ninguém — disse em voz baixa, consigo mesma.

— Não era de esperar que houvesse, vovó — respondeu a menina.

A senhora Cavalcanti — Suzana Cavalcanti —, pensou ouvir qualquer coisa, qualquer voz, um chamado, o cântico dos anjos, mas era apenas a neta que fazia uma observação. Não, não era de esperar que houvesse alguém. Num gesto inconsciente estendeu o braço, puxou-a para junto de si, mas não repôs o chapéu: *“Aqui estou eu”* pensou, *“aqui estamos nós...”* e continuou olhando a casa que parecia dormir ao sol da manhã, entre o matalgal, as paredes envelhecidas e sem cor mostrando suas rachaduras (*“meu Deus, em que estado se encontra. Ali mesmo, naquela parede da frente...”*), enquanto obsoletos fantasmas estariam brincando de roda na escuridão dos velhos salões.

Sentindo junto de si o corpo da neta, a menina de doze anos que a todos encantava com seus modos, sua graça e mais que tudo, com sua beleza, viu que tudo começava e mesmo para a velha casa podia haver uma esperança, e que o funeral de tantos anos atrás (*“quanto tempo? Quarenta anos?... Quase quarenta anos”*) fora apenas um incidente nessa grande história que se escreve com o correr dos dias, *“não a história dos livros”* pensou, não, não a história

dos livros, mas aquela de que ninguém toma conhecimento, de que não há relato oficial, e que se guarda em pergaminhos invisíveis.

“*Como cadeados...*” pensou, e sentiu-se confusa: o que lhe teria ocorrido, para comparar a cadeados... e o que comparava a cadeados, afinal? A liberdade fingida de estar viva? Desejaria ter morrido jovem? pergunta-se, pois agora tinha cinqüenta e cinco anos e um marido que envelhecia a olhos vistos mas nunca perdia sua jovialidade e sua alegria; e tinha também uma filha a quem não compreendia “*minha filha...*” e uma neta. E isso era tudo. “*Cadeados...*” voltou a pensar, e de novo se questionou sobre morrer jovem, “*teria valido a pena?*”, pois morrer jovem pode ser uma experiência terrível, só que depois de vivê-la não se pode mais pensar nela, nem lembrar, nem avaliar como foi; sim, tinha cinqüenta e cinco anos e algumas alegrias, algumas tristezas, mas uma época houve em que tinha dezenove — quando estivera ali em companhia de uma velha conhecida de sua família, “*uma senhora que aparecia às vezes em nossa casa e ficava conversando com mamãe*”, fato que apenas ela conhecia e que somente poucos dias antes ressurgira do passado...

Só agora o Dr. Cavalcanti se aproximava, vindo de estacionar o automóvel adiante, embaixo de uma enorme jaqueira que crescera à beira do caminho.

— José — disse a mulher —, não há ninguém.

— E era de esperar que houvesse? — ele disse, e Suzana percebeu que sua resposta fora igual à da neta. “*Meu marido*” pensou, voltando a cabeça para Cavalcanti, que se deteve ao seu lado. Um pouco recurvo por ter estado muitas horas ao volante, esforçava-se já por aprumar-se, agitando os ombros como que para repor os ossos no lugar, à maneira de um atleta, um velho e imprestável atleta, teria ocorrido a Suzana, mas como fosse piedosa e amasse o marido nesse começo de velhice, e o amasse desse amor perene e incorruptível dos corações puros, não pensou, pelo menos não pensou de forma tão corrosiva. Um velho atleta sim, não imprestável: o seu amor de juventude, o seu amor de qualquer tempo, qualquer idade, ele, ei-lo que vinha já um tanto desempenado, e devido ao calor abria os primeiros botões da camisa revelando um peito magro coberto de pêlos brancos, moreno por nunca negligenciar o hábito de caminhar ao sol quase todos os dias pela orla marítima. Mas Cavalcanti deteve-se, voltou o olhar para o carro de onde a filha ainda não saíra, aborrecida por tê-los acompanhado. — Sempre aborrecida essa menina — comentou com um movimento de cabeça, e adiantou-se mais alguns passos, passou pela mulher e, junto ao portão, olhou finalmente a casa ao fundo, no meio do matagal.

Ergueu os braços, respirou largamente e tornou a baixá-los.

— Aqui estamos nós! — exclamou num tom de voz mais elevado que seu natural, tornou a levantar e abaixar os braços. — O campo, os pássaros, a vida...

Mas Suzana não prestava atenção aos trejeitos do marido, deixava-se levar

pela brisa, o vestido tremulava, e as fitas do chapéu lhe fizeram cócegas nas pernas. Agora a neta corria para o avô e apontando a casa dizia qualquer coisa. “*Que estranho*” pensou Suzana, pois a menina estava apenas a três ou quatro passos de si, mas não lhe ouvira a voz, “*foi a brisa*”, devia ter sido a brisa — a brisa agora os precedia no jardim abandonado, movia a relva; se fosse mais forte faria estalar o madeirame gasto e teriam a impressão de que tudo viria abaixo de uma hora para outra. A brisa, sem precisar subir os degraus de pedra, entrava na varanda, fazia uma reviravolta como um cachorrinho lampeiro, quietava-se de repente, desaparecia, e retornava em seguida nas copas cheias do arvoredor, com amplos movimentos dos galhos e um murmúrio de boas-vindas...

“*Eis as vozes da manhã*” pensou a senhora Cavalcanti.

— Há um caramanchão lá adiante — disse o marido espiando por cima do portão —, pelo menos deve ter havido...

A senhora Cavalcanti deu dois passos em sua direção no exato instante em que ele se voltava pronunciando-lhe o nome...

— Suzana...

...e mais uma vez se deteve. Houvera de fato um caramanchão naquele lugar, mas agora restavam de pé apenas duas colunas de tijolos, e as buganvílias floriam sobre a relva. Também houvera bancos de pedra, um deles, o da esquerda, ainda estava ali; o outro desaparecera, mas Suzana não estava bem certa quanto a isso. Quando viera naquele dia longínquo de sua juventude por certo sentara-se num daqueles bancos, mas não era um dia recomendável para deixar-se estar à vontade, displicente sob um caramanchão, contemplando o jardim. Talvez não se recordasse da ruazinha calçada com pedras que conduzia do portão até os degraus da varanda, mas parecia-lhe tão natural que ela existisse que conseguiu descobri-la sob a relva. “*É preciso entrar*” pensou, e inspecionou o portão, cujas tábuas pareciam frouxas e por isso estavam amarradas com arame. O portão fora todo amarrado, preso aos moirões em ambos os lados para não cair. Não seria fácil desfazer aquele emaranhado, pensou, e comunicou sua opinião ao marido, que tocou uma das tábuas com a ponta dos dedos, experimentando-lhe a resistência.

— Há ferramentas no carro? — disse, e voltou-se.

Agora a filha saltava: pensou perguntar-lhe se havia ferramentas no portamalas, pedir-lhe que trouxesse um alicate, mas seria inútil, refletiu em seguida, pois ninguém mais impertinente e desobediente que ela, ainda que já não fosse criança, e ninguém mais ranzinza quando obrigada a fazer algo contra sua vontade — e não era certo que ali estava ela contra sua vontade? Não resmungara toda a semana ante a perspectiva daquela viagem? “Mas não é preciso acompanhar-nos, Helena” havia dito Suzana; “sim” o pai reforçara, “que vai fazer lá, se a roça não lhe agrada?”, mas ela insistiu porque lhe parecia inconveniente e perigoso — disse-o sem vacilar — que dois velhos e uma

criança fossem meter-se sozinhos pelo meio do mato um final de semana inteiro sem um responsável para assisti-los em algum contratempo. “*Então agora não somos responsáveis*” pensava Cavalcanti, “*já não podemos responder por nós mesmos e por uma criança, como se estivessemos caducos*”. Não, não era uma boa idéia pedir-lhe o que quer que fosse, pois não seria atendido.

— Eu vejo se há alguma ferramenta no carro — disse a neta, e adiantou-se, passou correndo pela mãe, que caminhava tranqüila, ajustando os óculos escuros.

— Está quente — disse com mau humor, abrindo um leque e começando a abanar-se. — O sol está insuportável. Pelo visto, o calor aqui é infernal.

“*Azeda como sempre*” pensou Suzana. Pois o sol era apenas uma desculpa para cobrir os olhos com aqueles óculos escuros, impessoais e distantes, que lhe desagradavam. “*Não nos quer encarar, quem sabe não nos vê como a seres humanos, por isso foge, esquivava-se...*”, e de novo Suzana evitou um pensamento cruel, pois poderia muito bem ter admitido que a filha era uma mulher cheia de fraquezas, e seguramente infeliz, que procurava esconder toda a sua desgraça atrás de atitudes estudadas e de lentes escuras. Mas não, a senhora Cavalcanti seria incapaz de fazer tal julgamento: reconhecia-lhe a insuficiência de caráter, mas era sua filha, sua menina ainda, conquanto já contasse vinte e nove anos, ainda uma garotinha que precisava de colo, “*pena que ela mesma não admita que precisa de colo*”, porque se fosse assim, com que imenso prazer a tomaria nos braços e entoaria um acalanto...

— Sim — disse fingindo displicência, como se não tivesse dado importância às observações antipáticas da filha. Inspecionava a casa como se de uma hora para outra alguém fosse aparecer na varanda, descer os degraus de pedra para recebê-los. Durante todo o caminho, e não sabia explicar bem porquê, imaginara que isso fosse acontecer, e agora parecia um tanto decepcionada. — Faz calor... — disse ainda, fazendo questão de concordar com Helena, pois o pensamento que se insinuara um momento atrás trazia sua dose de remorso. Que bom seria, ela pensa, se nada disso acontecesse, se em momento algum sentisse ímpetos de condená-la, mesmo que logo esse veredicto involuntário fosse de pronto reprimido e ela tivesse vontade de abraçá-la. Suas palavras, contudo, não revelam seus pensamentos: — Que pena... não há ninguém...

— Não importa, Suzana — disse Cavalcanti —, vamos entrar assim mesmo e ver em que condições se encontra a propriedade.

— Espero que em condições pelo menos razoáveis — disse Helena com um ar carrancudo. Nada a desagradava mais que vir perder o final de semana naquele meio de mato. Olhou para sua própria filha com algum rancor, essa menina incomumente bela que parecia competir consigo a todo momento, e que conseguira fazer com que os avós a levassem para aquela viagem. “*Estorvo*” pensou sem arrependimento, e afastou-se da filha. Condescendera em ir

com os velhos, “*não se pode deixar pessoas idosas sozinhas nesses ermos*”, mas não os podia perdoar por não terem desistido da viagem. “*São mesmo uns trapalhões.*”

Suspirou.

— Nem tudo é perfeito — mastigou, em meias palavras.

— Oh não, Helena — concordou a senhora Suzana, ignorando-lhe o pensamento —, mas dá-se um jeito.

— Mas afinal — ela acrescentou com maus modos —, o vendedor ou a proprietária não lhes garantiu que havia um responsável, um caseiro ou algo assim? Alguém para nos receber?

— Para tudo há jeito — sentenciou Cavalcanti, e voltou o rosto: ouviu a voz da neta junto do carro dizendo que encontrara um alicate. Ao lado do porta-malas aberto Lara acenava com a ferramenta. — Traga-o, Lara — exclamou —, precisaremos dele.

A menina correu pela estrada brandindo o alicate, como se tivesse feito uma grande descoberta. Suzana observou o desembaraço da garota descobrindo nela essa alegria que só se conhece nas crianças felizes, mas que pode ser partilhada e da qual tinha o intenso desejo de partilhar naquele momento. Imaginou que passaria aquele final de semana com sua família nesta casa, nesta antiga fazenda abandonada que haviam comprado através de um anúncio de jornal. Por certo teria aborrecimentos, “*sempre há aborrecimentos*”, e já começava por aí: não havia ninguém ali para recebê-los “*conquanto a proprietária garantisse...*”, e reconheceu que a filha não deixava de ter alguma razão em mostrar-se irritada. A casa estaria caindo aos pedaços, e com certeza teria um trabalho enorme para pô-la em ordem, pelo menos para deixar habitáveis os cômodos que fossem ocupar naqueles dois ou três dias. A filha decerto não ajudaria em nada, estava contrariada e já o demonstrara com suas observações ranzinhas e sua má cara. Mas Suzana não desanimava com facilidade: a alegria da neta bastava para compensar as contrariedades que se oporiam ao seu sossego.

— Será que tem um lago por aí? — perguntou a menina encostando-se nela, como uma gata cheia de mimos que se espreguiça em nossas pernas. — Gostaria de poder pescar uns peixinhos para o almoço.

Bem, agora a pirralha queria pescar “uns peixinhos” para o almoço, pensa Helena com azedume. Crianças só trazem aborrecimentos, ela diz consigo mesma, e repreende a menina dizendo-lhe que estava proibida de pôr tais imundícies na boca!

O velho Cavalcanti, interrompendo seus esforços para cortar o arame, volta-se um momento. Procura um lenço nos bolsos da calça — tinha o rosto vermelho e o suor começava a escorrer em sua fronte —, mas devia ter-se esquecido de apanhar um ao se vestir pela manhã.

— Isso são modos, minha filha... — ele começa a dizer, mas reconhece

que é inútil. Aquela era sua filha, não sabia a quem saíra, mas era sua filha, e sorri. Tanta ranzinze tinha às vezes o poder de fazê-lo achar graça. Balança a cabeça, volta-se para o portão e aplica o alicate nos arames enferrujados.

— ...de falar com uma criança? — Helena completou, fazendo trejeitos com os lábios. Dividiu-se: olhava para o pai e para a filha, e isto durou alguns segundos. Por fim, riu-se da própria impertinência, mas não querendo dar-se por vencida assumiu uma expressão carrancuda e lançou um olhar terrível à menina.

— Creio que... — o velho terminara de cortar os arames do lado esquerdo, e o portão soltava-se enfim. Mas não abria: as dobradiças emperradas não podiam girar, e do lado direito ainda havia um emaranhado de arames prendendo-o ao moirão. Uma das tábuas, apodrecida, soltou-se. Caiu. — É preciso pô-lo abaixo — disse por fim, e empurrou o portão com força, mas foi inútil: outra tábua soltou-se, com um rangido, mas o portão não cedeu.

— É preciso cortar os arames do outro lado e pô-lo abaixo — disse.

A filha começava a mostrar sinais de impaciência. Suzana, ainda abraçada à neta, não lhe percebeu o gesto de má vontade, distraída com os esforços do marido. Pensou em oferecer-se para ajudá-lo, mas sabia de antemão que ele recusaria, “isto é trabalho para homens” diria orgulhoso, e ela balançou a cabeça: o marido não gostava de admitir que estava envelhecendo, que suas forças diminuía, que já não podia ocupar-se de certas tarefas. “*Um teimoso*” pensou a mulher com carinho, pois o via sob o sol, vermelho e suado, tentando cortar os arames que mantinham o portão firme no lugar; recusava-se a pedir ajuda, e se lha oferecessem, recusaria.

— Descanse um pouco, José — ela achou por bem recomendar —, não há pressa. Mas Cavalcanti não a escutou. Não quis escutar. Ora, ainda era um homem, ainda estava vivo, podia usar um alicate muito bem!

— Ficaremos plantados aqui toda a manhã, pelo visto — resmungou Helena dando alguns passos na estrada. Ajustou melhor os óculos, caminhou até a beira da estrada: abaixo, o vale, um rio; nas encostas próximas e nas mais distantes, arvoredos. “*Que deserto!*”

— Tenho uma idéia! — exclamou Lara desprendendo-se da avó e correndo para o carro. Abriu a porta do lado do motorista e apertou com vontade a buzina.

— O que ela está fazendo! — disse Suzana.

— Mas quem...? — e o Dr. Cavalcanti voltou-se por um instante.

— Retardada! — gritou Helena. — Pare já com esse barulho!

— Ora essa! — protestou Lara descendo do carro e regressando para junto da avó. — Depois disso, se tiver alguém por aí, certamente escutou e virá ver quem é.

— Bravo, minha neta! — disse Suzana. — E nós, que nem tínhamos pensado nisso!

Helena fez um muxoxo ajustando os óculos e rosnando qualquer impertinência à qual ninguém prestou atenção.

— Pronto! — exclamou o velho, erguendo o alicate como um troféu. Acabara de cortar o último arame e o portão, soltando-se dos mancais, desabou.

Neste momento viram surgir nos fundos da casa uma cabeça, depois um ombro, por fim um corpo avultou indeciso entre o mato, e assim permaneceram todos por vários segundos, olhando-se com curiosidade. “Eu não disse?” e Lara abraçou-se à avó, que lhe fez festas nos cabelos. Cavalcanti foi o primeiro a romper a imobilidade e acenou com o alicate na direção do desconhecido:

— Aproxime-se, homem! — ele disse. — Afinal não estamos sozinhos — acrescentou, voltando-se para a mulher, e, de novo para o outro: — Vamos!

Agora o desconhecido aproximava-se: era um mestiço, um mulato forte e jovem ainda, com roupas muito velhas e encardidas que vinha andando ressaabiado, aproximando-se daquelas pessoas que apareciam ali de repente, punham o portão abaixo e pareciam querer invadir a propriedade.

O Dr. Cavalcanti adiantou-se um passo.

— É você o encarregado?



Naquela manhã os relógios haviam parado: o sol imobilizou-se por um momento; por um brevíssimo momento as copas, as folhagens, as águas dos rios, estiveram imóveis; os bichos e os homens quedaram-se quietos e dormientes naquele instante, como que à espreita do tempo, à espera do que estava para acontecer.

Todas as coisas se debruçaram dentro de sua existência, deixaram de existir, converteram-se em possibilidade e dúvida, expectativa: mas nada aconteceu.

No instante seguinte o ponteiro dos segundos avançou de novo em seu ritmo habitual; o sol, a água dos rios, avançaram; o vento moveu a folhagem e homens e bichos reassumiram sua existência como um fato, uma maldição, e a dor e a angústia voltaram a ocupar seu lugar no mundo.

Mas afinal, tudo não teria passado de simples sensação? (As expectativas não seriam frustradas, apenas sonho e fumaça que se dissipariam com o abrir dos olhos, o avançar das horas, os acontecimentos comuns: o céu cheio de nuvens a refletir-se nas águas, o pássaro que deixa o ninho, o veleiro que deixa o cais à procura do paraíso, o som longínquo de motores e pneus, o rosnar de um cão que fareja, o choro de uma criança...)

Sim, porque aquela manhã, enquanto as esposas preparam o café e os ma-

ridos fazem a barba espiando a cara no espelho do banheiro, o menino empina seu papagaio e as uvas negrejam nos parreirais, e nas feiras, nas lojas, nas ruas as multidões pululam mas no campo o silêncio mantém o mundo em perene quietação; aquela manhã, portanto, poderia ter sido o início de um dia mágico, um dia de revelações extraordinárias, mas não: tudo não passou de simples esperança, ilusão, desenho feito na água, rabisco no escuro. Só mais um dia comum, apenas a manhã ensolarada de um dos últimos dias de setembro do ano de 1980.



Sim, aquele era o encarregado — e Suzana abre uma das janelas que davam para o jardim. “Gumercendo às suas ordens” disse entre tímido e desconfiado esticando a mão para Cavalcanti. Vivia numa casinha construída há tempos nos fundos da fazenda — onde havia antigamente um pomar, ele informou menos retraído, *“perdendo o acanhamento”* pensou Suzana, pois *“em breve já estaria de todo à vontade com o novo patrão”* diria consigo mesma mais tarde. Mas o pomar morrera sufocado pelo mato alto, continuou o encarregado, “mesmo no meu tempo já não restava muito dele”, e concluiu: “mesmo no tempo do velho Jorge...”, mas ela já não prestava atenção: afastava-se dois ou três passos observando ao longe que em frente à casinha roupas secavam na corda, um cão dormitava ao sol e galinhas ciscavam na relva. À porta assomou de súbito uma mulher negra com um ventre volumoso, esteve ali um momento e em seguida desapareceu num dos cômodos. Pela chaminé elevavam-se pequenos rolos de fumaça que a brisa dissolvia.

O pomar não existia mais, ela constatou à distância, e olhando o que restava do jardim — apenas esse amplo espaço cheio de mato, com uns montículos que sugeriam antigos canteiros — concluiu que muita coisa já não existia ali.

— ...sim, senhor, ele era bem velho quando morreu!

“Quem teria sido Jorge?”

O rumor de águas despencando nas pedras, porém, chegava até ela, vinha como um som muito grande que pelo efeito da distância enfraquecia, ficava apenas um eco — a voz do mundo, a voz de tudo, e pôde com efeito observar que por ali corria um riacho entre moitas de juncos. Mais abaixo, como a vegetação impedisse o fluxo da água, esta se espalhara formando um charco, um pequeno pântano. *“Contudo”* ela pensou, *“o ruído da queda...”* e deteve-se: o que entendia, afinal, por “a voz do mundo”? Como momentos antes pensara em cadeados sem saber ao certo a que se referia, agora pensava na “voz do mundo” sem conhecer essa voz, sem jamais tê-la ouvido, sem nem mesmo suspeitar que pudesse haver tal voz ou que palavras pudessem ser ditas dessa maneira. *“Terá o mundo uma voz?”*

Então abriu a janela e a deixou aberta (e a atmosfera fez-se mais clara, mais límpida: uma nuvem acabava de cruzar diante do sol, passara e a luz, livre de obstáculos, espalhava-se sobre todas as coisas outra vez. Deveriam ser invisíveis os sonhos, os desejos, ela pensou, e as ambições — as más ambições — negras, opacas, para que todos pudessem ver e condenar (por que pensava dessa forma?). O dia lhe parecia um vasto campo ensolarado, agora que o sol brilhava com ofuscante esplendor, e podia percorrê-lo como quem caminha através de uma estrada reta e plana. Descobriu em algum ponto um reflexo intenso, “*o nascimento das fadas*”, e por momentos fechou os olhos. Abrindo-os, o reflexo desfizera-se como que por encanto).

Trazia-lhe algum consolo isto de abrir janelas: ainda podia abri-las quando em certas horas tudo parecia estar se fechando ao seu redor. Agora, por último, dera para ter pensamentos tristes e sentir-se deprimida, e não compreendia o que lhe estava acontecendo. Ao comprar aquela casa — lembrava-se de que já estivera ali uma vez, na adolescência, soubera-o ao conversar com a proprietária e informar-se de sua localização exata e do nome dos antigos donos —, esperava encontrar um desses lugares mágicos onde se pudesse operar nela uma transformação que desafiasse o bom senso, algo que nem a psicologia nem a medicina nem qualquer ciência — nem mesmo a religião ou a filosofia — explicasse, e que mesmo não fosse possível compreender, mas tão somente experimentar e fruir sua dádiva sem poder dividi-la com o mundo “*que seria apenas uma testemunha de tudo*”, e talvez nem isso porque seria um segredo e estaria protegido contra toda profanação. Ao abrir essa janela sobre o que restava do antigo jardim (pois havia um jardim, garantiu o encarregado, “*embora no meu tempo já estivesse quase morto*”, e então refletiu que aquele homem parecia um emissário do mau agouro, pois no “seu tempo” tudo já estava destruído. “*Mas a que ‘seu tempo’ ele se refere?... Fala como se fosse um velho!*”) perguntou-se se naquele final de semana experimentaria essa transformação miraculosa, esse filtro dos deuses. “*Ainda posso abrir as janelas de uma casa. Mas, e as da vida?*” Então teve dúvidas.

— Tem um trilho que cruza o riacho mais abaixo — lembrou-se de ter ouvido o homem explicar, quando Cavalcanti lhe perguntou por que o portão estava amarrado daquela maneira e como ele fazia para sair.

— Certamente não pulam sempre por cima — brincara o velho.

Não, não pulavam por cima. Havia um trilho: margeava o riacho, uma tábu servia de ponte; cruzava-se pela frente da casa, descia-se através do extinto jardim até a cerca. Uma tronqueira — que não tinham visto — dava para a estrada.

Nesse momento escutou embaixo, na sala, a voz da neta chamando por ela.

— Aqui em cima, Lara — e seguiu-se um tropel como de mil cavalos escada acima. À porta do quarto apareceu primeiro a neta, depois uma meni-

ninha preta de uns nove anos, o polegar metido na boca, o olhar comprido, enviesado de baixo para cima, um vestidinho vermelho feito uma tulipa, mas muito encardido e esgarçado na bainha.

— Vovó, esta é Mariinha, a filha do encarregado.

— Então já arranjou uma amiga, hã? — e piscou para a menininha preta com um sorriso que não foi correspondido, “*um bichinho do mato*” pensou Suzana penalizada, “*um bichinho assustado*”. — Como vai, Mariinha? — insistiu, conseguindo arrancar da menina um movimento de ombros e um passo para a retaguarda. Voltou-se para a neta: — Podem ir brincar, querida, fiquem à vontade, mas evitem lugares perigosos.

— Não se preocupe, vovó — replicou a menina —, não há lugares perigosos aqui — e saiu, seguida pela menininha preta, que lançou um olhar alvo e desconfiado para a senhora antes de desaparecer.

— ...sim, senhor — o vento trazia agora a voz terrena e banal do encarregado, que em algum ponto atrás da casa conversava com Cavalcanti. Falava com desenvoltura, um português incorreto e pitoresco, e a voz forte sobressaía dos sons da manhã. “*Fizeram-se camaradas*” pensou Suzana, “*agora são amigos. Serão eternos amigos*”, pois conhecia o caráter franco do marido — não fora justamente esse, afinal, um dos traços de sua personalidade que mais a cativara? E lembra quando conhecera, aos vinte anos (e na festa de noivado de uma de suas amigas), aquele com quem viria a casar-se, “*parece que logo após o final da Guerra*”. Sim, fora numa festa de noivado, logo após o final da guerra, que conhecera aquele rapaz simpático e bem falante, se bem que não de todo bonito, que no entanto a conquistara e com quem se casou um ano mais tarde. Seu casamento durava já trinta e quatro anos, duraria toda a vida, e refletir sobre isso fez com que pensasse também, feito uma adolescente, numa história de amor.

Mas qual seria sua história de amor?, perguntou-se após um momento, em que baixou a cabeça e fechou os olhos.

Mais tarde lembraria esse momento como aquele que precede uma descoberta, temendo que ao abrir os olhos percebesse nada ter encontrado: a sua história de amor era talvez a mais banal, a mais prosaica, aquela que se enquadrava em todos os padrões. “*Terei sido feliz?*” quis saber, mas não obteve resposta. “*Terei feito o meu marido feliz?*”, e de novo não teve resposta. Sabia contudo que essa história havia passado, estava passando ainda, e ainda passaria por um tempo — e haveria de terminar como tantas outras, porque não há história de amor que não termine, “*não existem sonhos dourados, não há eternidade a não ser na morte*”.

E sentiu um vago remorso: não estaria sendo cruel com aquele homem a quem todavia ainda amava, e que passara a vida ao seu lado com a leveza de seus movimentos, a doçura de seu sorriso, a maneira suave e tranqüila de pronunciar seu nome?

Na noite em que o conhecera ouviu dele palavras que já se habituara a ouvir de outros jovens, de outras pessoas, de todos enfim: alusões à sua beleza, que fazia os moços nas festas recuarem temerosos, lançarem um galanteio tímido, beijar-lhe canhestros a mão.

Nunca se envaidecera dessa beleza, e talvez nunca tivesse tido plena consciência dela: olhava-se no espelho e achava-se bonita, sim, mas que havia de tão particular afinal em seu rosto que impressionava a todos? Fora aquela velha senhora, lembra-se — Rosa Gonçalves, que visitava às vezes sua mãe e tinha por si uma especial afeição —, quem lhe falara de sua beleza pela primeira vez. Nem mesmo seus pais pareciam impressionar-se muito, talvez por força da convivência.

— Suzana — ela lhe dissera um dia —, você possui um rosto muito pouco comum. A sua beleza... Temo que você se deixe perder por ela.

Mas Suzana era ainda uma garota (mal entrara na adolescência) e não a compreendera direito. Como a outra não insistisse — aliás, havia dito aquilo como se pensasse em voz alta, involuntariamente, olhando-a com muita intensidade e mesmo algum sofrimento —, não voltou a tocar no assunto. Quando percebeu que o mundo à sua volta curvava-se a essa beleza continuou sem compreender, e menos ainda, lembrando as palavras da outra, por que corria o risco de perder-se.

“*A vaidade? Talvez...*” pensou, mas não, nunca fora vaidosa, por isso não corria tal risco. De mais a mais a contrariava um pouco aquilo de comentarem sobre si: onde estivesse via-se apontada por todos como um animal curioso; percebeu alguma inveja por parte de outras moças e continuou sem entender, e cada vez menos compreendia ao ver os rapazes tímidos em sua presença, reverentes como diante de um emissário dos anjos. Procurava agir com simplicidade, queria agradar às pessoas, dizer-lhes que ela era uma moça comum, que aprendera piano e cantava com voz de soprano; que também se aventurava às vezes na cozinha e aprendera a fazer uns docinhos, “mas juro que mal sei alinhar uma bainha de vestido”, e no mais... se diziam que era assim tão bela, não passava disso, e isso era muito pouco para torná-la alguém especial: mas então era sua vez de recuar, tímida ela diante da impressão que produzia à sua volta.

Percebeu que muitos jovens a cercavam cheios de intenções, alguns se diziam apaixonados, mas quando repelia essas ardorosas declarações dizendo-se ainda muito jovem e sem nenhuma inclinação naquele momento para o amor, temia magoá-los e (se é que pode alguém arrepender-se disso) quase se arrependia de sua beleza.

Todas aquelas manifestações chegavam a enfadá-la, tornavam-se aborrecidas, e para não deixar após sua passagem uma impressão de soberba e antipatia, acolhia-as com sorrisos e retribuía, na medida do possível, os elogios recebidos. Portanto naquela noite ouviria mais uma vez esses elogios, sentir-

se-ia enfadada, sorriria para os moços que a viessem convidar para uma dança, e chegaria em casa cansada perguntando-se pela milésima vez o que todos viam nela que a tornava tão incomum. Seria desse jeito se não tivesse conhecido o jovem Dr. José Antônio Cavalcanti, médico recém formado mas já com algum renome, e não ouvisse dele esses mesmos louvores à sua beleza, que, no entanto, vindos de sua boca já não eram os mesmos mas soavam de outro modo, e tinham o poder de convencê-la daquilo que diziam. Ao chegar em casa naquela madrugada, após o baile, e olhar-se no espelho, descobriu o que seria essa decantada beleza e sentiu-se tranqüila. Tinha certeza de que estava diante de seu destino, e não se enganava.

Quando se casou, um ano mais tarde, súbito sentiu-se livre.

“*Teria sido esta a minha história de amor?*” perguntou-se, enquanto via passarem embaixo, no jardim, a menininha preta e Lara — que herdara sua beleza e em que se revia quando menina; não sua filha Helena, que possuía um rosto vulgar, mas Lara, sua neta, que por certo ouviria das pessoas o mesmo que ela ouvira na juventude.

A menina deteve-se um instante e olhou na direção da janela: sorriu para a avó, que lhe acenou, e adiantou-se seguida pela amiguinha, a escandalosa tulipa sangüínea que se derramava no verde do matagal.

“*Teria sido esta...?*”, mas não continuou. “*Eu o amei, esta é que é a verdade*” pensou, embora fosse verdade também que o amor havia sofrido uma transformação que lhe custava muito admitir, dando-se conta ao mesmo tempo de não ser possível que alguém mantenha aos cinquenta anos o mesmo amor dos vinte. Ia, aos poucos, concluindo que não importava ter amado, não importava continuar amando: tudo, na realidade, se resumia no fato de que algo imponderável partira-se no fundo de tudo aquilo, rompera-se uma das malhas do tecido, rachara-se o cristal.

E diante dos seus olhos uma brisa fez ondular a copa das árvores, o matagal, a relva no jardim.

IV

— Em ruínas por fora — disse Helena ao entrar, puxando os óculos até a ponta do nariz — e caindo aos pedaços por dentro.

“*Foram suas primeiras palavras*” pensou Suzana, como de costume sem coragem para repreender a filha. Mas Cavalcanti não deixou de observar:

— Filha, seja menos aborrecida. É uma casa antiga.

“*É uma casa antiga, é uma casa antiga*” dizia Helena agora para si mesma com mau humor, “*uma casa velha, isto é que é*”, e mais uma vez reconhecia que tinha razão, “*sempre tem razão quando se trata de contrariar a todos*” refletia Suzana enquanto olhava a cama cuja madeira fora atacada por cupins; o colchão

muito encardido mostrava enormes rasgões pelos quais parte de seu enchimento aparecia.

“Quem poderá dormir aqui?”

“Quem poderá passar uma noite nesta casa?”, e Helena torcia o nariz enquanto examinava uma cadeira cambeta esquecida num canto. *“Eu! Todos nós! Pois mesmo que seja irracional pernoitar numa casa assim, teremos de enfrentar tal provação, porque dois velhos resolvem de repente agir como crianças”*, e ela se achava inteiramente certa.

Irritou-a não encontrar móveis na casa, exceto alguns trastes sem nenhum valor *“a não ser o de servirem para produzir uma bela fogueira no quintal”*, e sentiu-se lograda com aquele negócio, embora nele não tivesse despendido qualquer níquel nem tomado parte em nenhum momento, a não ser para contestá-lo como uma crâncice de seus pais caducos.

“Depois eu é que sou aborrecida e desagradável!”, e meteu as mãos nos bolsos do vestido, girou sobre os calcanhares: viu-se só na sala vazia.

Aquilo a decepcionou: estivera um tempo longo de costas para todos, junto à cadeira; não que estivesse interessada nela, mas apenas para mostrar aos velhos como se sentia, e também para dar a entender àquele serviçal mes-tiço o seu verdadeiro lugar, que em vez de estar ali conversando com seus pais como com alguém de sua igualha deveria ter ido cuidar dos seus afazeres, mostrando-se menos confiado e mais circunspecto. *“Criados!...”* Mas, reconhecia, a atitude do criado estava na medida da atitude dos velhos: que tinha sua mãe de ter estendido a mão ao homem, e seu pai, por que, afinal de contas, pusera-se a falar com ele como se um criado fosse algo mais que um criado, e um preto mais que um preto? Porque, e ela estava convicta disto, havia diferenças entre os homens, e uma escala de valores, uma hierarquia, oh!, e como era importante isso de hierarquia, pensava, põe ordem ao mundo, estabelece limites, *“é preciso sempre estabelecer limites”*, e assim um preto era sempre um preto, não podia comparar-se a um branco, e um criado, mesmo o melhor dos criados, seria sempre um subalterno. Mas pelo visto, reparou com irritação, ali não havia ordem estabelecida: houvesse, e aquele homem não iria casa adentro, ainda que fosse uma casa caindo aos pedaços, mostrando tudo — os cômodos grandes, os trastes que restavam, relembrando um tempo que ele próprio não conhecera mas do qual ouvira falar pelo antigo encarregado, com largueza de gestos e atitudes, já senhor de si e de tudo, como um guia turístico chamando atenção dos visitantes para as ruínas de Machu Pichu ou para as Pirâmides do Egito.

Mas Helena agora estava sozinha na sala vazia: haviam aberto as janelas e ela não percebera; a luz da manhã entrava aos borbotões, e ela não sentia; todos se haviam afastado: seus pais, sua filha, o criado, e ela continuara aprisionada em sua rede.

Aproximou-se de uma das janelas: eis a varanda, a treliça quebrada, o as-

soalho repleto de folhas secas e gravetos atirados pelo vento; depois o jardim, o que fora um dia o jardim, presume, onde o matagal pusera fim à ordem e à beleza de um gramado (devia haver um gramado...) e de canteiros coloridos por todas as flores, pois num jardim sempre há flores, e àquele pensamento sentiu-se suavizar um pouco, adoçar-se: esquecer algo de sua amargura e deixar-se invadir por essa onda de ternura que se encontra nos pensamentos simples, nas imagens silenciosas. Sim, não é possível um jardim sem flores, e Helena debruçou-se na janela da sala, iluminada pelo esplendor da manhã: desfez-se a críspação de seu rosto, os lábios insinuaram um sorriso.

“A felicidade é uma coisa simples” ocorreu-lhe de súbito, mas ocorreu-lhe também que apesar de simples, era muito difícil de alcançar.

Não se perguntou sobre ser feliz: não podia saber, podia apenas experimentar, e a única questão a ser respondida era se conhecera a felicidade em algum momento — não se referia à alegria comum, ao contentamento vulgar, ao prazer transitório, nada disso tinha importância, tudo isso conhecera de forma fragmentária e não fora bastante.

“Uma janela e uma varanda” passou-lhe pela cabeça, pois algo muito simples na vida como uma janela e uma varanda talvez fosse suficiente para dar uma idéia da felicidade. Mas concluiu que as coisas simples disfarçam a complexidade da vida, iludem, e quando enfim abrimos os olhos levamos um choque: deparamos à nossa volta com a confusão, e nos sentimos perdidos. Nesse ponto era muito diferente de sua mãe (ouvia agora os passos da mãe no sobrado), que nunca tivera grandes ambições, e apreciara sempre as coisas simples, pois Suzana a todos impressionava com sua beleza, mas quando lhe diziam “você deve mostrar sua beleza ao mundo” ela sorria e balançava a cabeça, incrédula, pois nada via de especial em si mesma. A beleza da mãe incomodava Helena, que às escondidas costumava remexer os álbuns de família e passar horas inteiras admirando fotografias antigas. Via sua mãe adolescente, depois adulta, depois casada, e ao longo dos anos registrados em centenas de imagens descobria que aquele rosto, apesar de tudo impotente diante do tempo, apesar de estar-se apagando aos poucos, possuía uma força imensa que ela invejava. Mesmo agora, quando Suzana contava cinquenta e cinco anos, os cabelos já quase brancos (e embranqueciam livres, pois Suzana jamais usaria tinturas; “pra quê?” diria, muito prática e sem vaidades, “não poderei esconder que sou velha”), ainda se descobriam vestígios dessa beleza; e se entrava num salão de festas, ou num restaurante, ou no teatro, sempre chamava — a contragosto — atenção sobre si, apesar da simplicidade de seu vestido ou do penteado.

Helena percebia o movimento dos presentes voltando-se para admirar aquela senhora tão bela e distinta que acabava de chegar. Quem não a conhecia indagava dela aos demais, comentava, olhava-a com admiração, e Suzana já com simpatia e graça cumprimentava uns e outros, estendia a mão, erguia

uma taça da bandeja que passava à sua frente e ia sentar-se a um canto para conversar com algum conhecido. Helena percebia-o com um sentimento de inveja, mas não sem uma ponta de admiração por aquela mulher tão diferente de si que, no entanto, era sua mãe.

“*Não sou bonita*” pensou, e isso a magoava às vezes. Sua mãe, sempre tão pródiga com todos, fora no final das contas avara com ela, a própria filha: por que guardara sua beleza apenas para si? E para a neta: pois afinal essa beleza que Suzana negara à filha renascera com a neta (comparando a filha às fotografias de sua mãe na mesma idade, a semelhança era tal que quem não as conhecesse diria que as fotos eram mesmo de Lara), e descobria aí com alguma hesitação o motivo de sua má vontade com a criança, sentimento que no entanto não a tornava menos amarga. “*Que tolice*” reconhecia, e não conseguia levar-se a sério, pois como sua mãe poderia legar-lhe a própria beleza se não estava em si fazê-lo, e que culpa teria Lara de tê-la herdado? Helena chamou-se tola, admitiu que estava sendo irracional — mas no fundo ficava, como um peso, o ressentimento.

E ali estava ela: mal humorada por ter-se obrigado a perder seu final de semana no meio do mato. Aborrecida porque a casa estava em ruínas e não tinha mobília. Irritada consigo mesma sem saber bem por quê. Imóvel diante de uma janela que dá para uma varanda e para um jardim arruinado...

“...ou para a vida” pensou.



— Por aqui — disse o encarregado, e indicou a ponte, uma simples tábua que cruzava o riacho. — Parece que tinha uma ponte mais abaixo — explicou, mas quando ele aparecera por ali ainda garoto não havia mais nem vestígio

E Cavalcanti abriu os braços. Movimentou-os. Sentiu-se mais jovem. O ar da manhã já não lhe parecia abafado, o cheiro de mato restaurava-lhe as forças. Deteve-se um instante e olhou em volta: o jardim não existia mais, nem o pomar, a casa estava bastante arruinada, e aquele lugar era longe, muito longe de tudo.

— No entanto está tudo muito bem — disse de inopino, e o encarregado olhou-o sem entender. Cavalcanti então comentou que a fazenda estava bastante estragada, mas esperava recuperá-la. — Pode-se dar um jeito, penso eu...

— Decerto que se pode, doutor! Isso é construção antiga, do tempo dos escravos — e reforçou, sim, a casa tinha recuperação.

Com as mãos nos bolsos Cavalcanti elevou-se na ponta dos pés uma, duas, três vezes, e meteu-se pela ponte improvisada.

— Aonde vamos? — perguntou, mas sem esperar pelo outro começou a

descer acompanhando o riacho, pisando o mato, a relva, a barra das calças enchendo-se de picão. O encarregado, que contava levá-lo até sua casa e apresentar-lhe com muito orgulho a mulher — “moça de valor” diria depois, não na presença para não a deixar acanhada —, viu-se frustrado. Aonde ia o homem afinal?

— Ouço barulho de uma queda — dizia Cavalcanti adiantando-se —, deve haver uma cachoeira por aqui.

— Tem sim — disse o encarregado seguindo-o —, uma cascatinha, é logo aí na frente, mas está tudo cheio de mato. Não tem como chegar na beirada...

Pensou que faria o homem desistir de continuar naquela direção, mas foi inútil. O doutor era teimoso e não ligava para ele: desceu acompanhando o riacho, aproximou-se do ruído, sim, havia uma queda por ali, a água devia despenhar-se entre pedras, mas era impossível aproximar-se mais, ver alguma coisa: o chão agora se convertia num pântano, adiante moitas de espinheiros e juncos fechavam o caminho.

— Talvez seja preciso drenar o leito do riacho — disse, e recuou um ou dois passos vendo que sujava os sapatos na lama. — E para lá? — apontou noutra direção. — O terreno ali parece plano, o que há ali?

Mas Gumerindo não teve tempo de responder: nesse momento o som de vozes infantis chamou sua atenção. Voltou-se: ali estavam as meninas — a neta do doutor caminhava na frente, cruzava agora a tábua sobre o riacho; a filha vinha no rastro, a menininha preta a quem nada espantava ou surpreendia, salvo aquela exceção, talvez única: pois nunca em sua vidinha miúda vira “*uma menina assim tão bonita!*”, nunca tivera uma coleguinha tão linda e afetuosa que lhe houvesse tomado as mãos com tanto jeito, brincando com ela e contando casos da cidade. A menininha preta deteve-se junto à ponte: devia acompanhar a outra? Devia ficar perto do pai? O que fazer? E, indecisa, meteu dois dedos da mão direita na boca.

Lara, porém, corria para o avô, contava coisas, “a Mariinha mostrou-me um ninho, vovô” ela exclamou.

A menininha preta não compreendia aquilo: o que havia de interessante num ninho minúsculo de beija-flor que pudesse causar tanto espanto e alegria àquela menina da cidade? Mostrara-lhe o ninho por mostrar, sem empenho, até com um pouco de vergonha por não ter nada melhor, porém qual não foi sua surpresa com o olhar encantado da linda garota diante do ninho muito alvo e macio no fundo do qual dois pequeninos ovos figuravam uma promessa para flores futuras, enquanto um casal de beija-flores sobrevoava alarmado, piava impaciente ora pousando num galho, ora no chão, ora sobrevoando outra vez e com nervosismo as meninas.

E então viu Lara afastar-se com cuidado e levar o dedo aos lábios, e mais uma vez não compreendeu: ora, não era preciso tanto cuidado, ela já estava acostumada, vira outros ninhos, vira filhotinhos crescerem, emplumarem,

vira-os enfim agitar as asas pequeninas, arriscar o primeiro e desajeitado vôo, e por fim ganhar as alturas, misturar-se aos outros pássaros... Tudo aquilo lhe parecia tão banal que até tivera vergonha, mas Lara mostrara-se encantada e depois de olhar recuava, pé ante pé, o dedo nos lábios a pedir silêncio, e agora contava para o avô que vira um ninho como se aquilo fosse uma grande novidade.

— Um ninho! — dizia Cavalcanti, e alertava a neta mostrando-lhe que ali havia um pequeno pântano, “não vá sujar os sapatos” disse. — Um ninho, então! — sim, a neta vira um ninho, e aquilo era bom pois lhe dava a oportunidade de ensinar-lhe tudo o que sabia sobre ninhos e filhotes, o que não seria muito mas suficiente. Abraçado à neta fez o caminho de volta.

— Veja a vovó — e Lara apontou.

De uma das janelas do segundo andar Suzana acenava-lhes. Cavalcanti via-a agora, respondia ao aceno, erguia os braços a mostrar que estava bem, “o ar da manhã” diria se pudesse ser ouvido dali, “esse cheiro de mato”, e continuou.

— Doutor José — disse o encarregado quando Cavalcanti se aproximou —, se quiser... — e fez um gesto vago.

— Ah, sim, vamos a sua casa — e pôs-se a caminho, passando pelo encarregado. Para alegrá-lo, acrescentou: — Quero conhecer sua senhora.

O encarregado sentiu-se cheio. Um homem como aquele, um doutor da cidade referir-se assim à sua Zefa! “*Muito distinto, muito distinto...*” conseguiu pensar, e não pensou mais nada. Era preciso alcançá-lo, que já avançava pela margem do rio em direção a casa. Só teve tempo de dizer à filha:

— Mariinha, tenha modos, sim? — e correu.

VI

E então Suzana acenou, sorriu, sentiu-se em casa.

Já podia acenar da janela para o marido, tudo à sua volta adquiria subitamente um ar de familiaridade que até então não tinha, e sentiu que mesmo como estava, “em ruínas por fora e caindo aos pedaços por dentro” como fizera questão de frisar com aspereza a filha, a casa convertia-se num lar, num abrigo, e à hora das refeições — no almoço, por exemplo — todos que se sentassem à mesa comporiam uma família.

“*Uma família...*”

Girou sobre os calcanhares, olhou em volta, cruzou e descruzou os dedos, comprimiu os lábios. “*Estou em casa*”, e encaminhou-se para a porta.

Ao sair, deteve-se, olhou para o fim do corredor, escutou o silêncio no interior da casa, perguntou-se onde estaria Helena a essa altura, e se já estaria menos mal-humorada. Seria bom que estivesse, pois iria precisar de sua ajuda para pôr a casa em ordem. Sabia de antemão o que a filha lhe responderia:

“Mande chamar a mulher do encarregado” e bom seria se não fizesse nenhuma alusão ao fato de ser negra, acrescentando que serviços pesados são próprios de negros, e ela, que era branca e filha dos proprietários não iria ocupar-se com uma atividade que não lhe cabia. Para evitar uma resposta destas mandaria antes chamar a mulher do encarregado, talvez esta conseguisse a ajuda de alguma conhecida, e destinaria à filha alguma tarefa amena, *“como pôr a mesa, por exemplo, ou...”* mas, por mais que se esforçasse, não encontrou outra coisa que sua filha pudesse fazer. Pensou que talvez fosse melhor resolver o problema sem sua ajuda, e encaminhou-se para a escada.



— Não vá por ali — Lara disse —, tem lama.

Mas a menininha preta em seu vestidinho cor de sangue não a escutou. Os pezinhos descalços afundaram na lama onde o riacho, com o leito tomado pelo junco e pela taboa, transbordava, formando um pequeno pântano.

Vendo que a garota da cidade não a acompanhava, a menininha preta estacou, virou-se para ela e ficou olhando-a, sem compreender. Era estranho que alguém não quisesse pisar a terra úmida, sentir nos pés a frescura da água e entre os dedos ver saltar pequenos jatos de lama. Moveu os pés na terra viscosa, chap chap chap, mas a outra teimava em continuar parada no mesmo lugar e em adverti-la:

— Vem, Mariinha, você não deve entrar aí. Pode fazer mal.

Mal? Ora, e por que haveria de fazer mal se sempre brincara ali? Afundava até os tornozelos nos pontos mais macios, e depois saindo ao sol, a lama a secar em seus pés, fingia estar calçando uma linda botinha nova — e agora, o indicador e o médio da mão direita metidos na boca, baixou os olhos para o chão e mexeu os pés fazendo saltar gotículas de água barrenta. Por fim estendeu o braço, apontou na outra direção: adiante, depois de umas moitas, o terreno era seco. Na relva destacava-se o sinal de um trilho. Correu para lá, uma faixa vermelha a mover-se ligeira, e parando entre as moitas acenou para que Lara a acompanhasse.

— Aonde vamos, Mariinha?

Mas a menina fez um gesto, apenas, continuou através das moitas e com um salto saiu no descampado — um terreno amplo, coberto por uma relva salpicada de florzinhas miúdas, delimitado ao longe pelas encostas, e à direita por um matagal de onde sobressaíam, afogadas em erva-de-passarinho, umas laranjeiras raquíticas, umas jabuticabeiras desfolhadas, uma jaqueira ainda vigorosa.

A menininha preta agora caminhava, corria através do descampado fazia cabriolas que por um momento punham desnudas suas perninhas finas e negras feito varetas chamuscadas; mas a um chamado de Lara, parou.

— Mariinha, tem espinho?

A menininha preta fez que não com a cabeça, sem tirar os dedos da boca, e ficou olhando Lara descalçar os sapatos e as meias. Pés pequenos e alvos rebrilharam ao sol, pousaram macios na relva, deram um passo, dois... Lara sorriu, exclamou tomada de prazer:

— Mariinha! Como a relva é refrescante!

Mas a outra não compreendeu — e já começava a pensar que não seria nada fácil compreender a gente da cidade. Ainda há pouco aquela garota recusara-se a meter os pés na lama fresca, e agora... Que é que havia demais em pisar o mato? Por que aquilo parecia tão especial se ela própria andava ali como em qualquer lugar? A menininha preta gostava de brincar no descampado porque havia muito espaço: quase sempre só, pois as amigas das vizinhanças moravam distante e não podiam estar juntas com frequência, corria, fazia casinhas, com um ramo de bambu fingia um cavalinho que saltitava e escoiceava em todas as direções e, por fim cansada, estirava-se no chão, abria os braços e ficava olhando o céu. Tudo isso lhe parecia natural. Seria tão novo e extraordinário para a garota da cidade? Não, ela não conseguia entender, e o modo que encontrava de expressar sua incompreensão era meter mais ainda os dedos na boca e arregalar os olhos indagativos.

— Você vem sempre aqui? — perguntou Lara, aproximando-se.

A menininha preta fez que sim, e produzindo um som baixo e incompreensível com a boca apontou numa direção e encaminhou-se para um ponto mais ou menos central do descampado.

Aí havia um montículo circular com alguns metros de diâmetro, a grama parecia ter crescido sobre uma pequena elevação de terra. A menininha preta estava no centro do círculo: abriu os braços e na ponta de um único pé fez um pirueta.

— Engraçado... — disse Lara observando o círculo. — Parece que havia uma casinha aqui, sei lá, uma construção qualquer — mas logo sua atenção se voltava para as laranjeiras com suas frutinhas miúdas e amareletas, sufocadas pela erva-de-passarinho. Para Lara não havia nada de errado com a aparência dos frutos: a cor indicava que estavam maduros, bastava isso. — Aquelas laranjas devem ser doces — disse. — Venha, Mariinha — e passou a comandar a expedição.

A menininha preta acompanhou Lara que cruzava o descampado rumo às laranjeiras, levando nas mãos os sapatos.

— Aqui devia ser o pomar, Mariinha.

Mas a menininha preta tinha de apressar-se se quisesse alcançar a outra, pois essa garota bonita da cidade também sabia ser ágil quando queria, não era nada tola como de início dera a entender ao encantar-se com um ninho ou declarar que fazia mal entrar na lama. Tinha garra: decidira ir até as laranjeiras, tomara a dianteira e lá ia como se nada a pudesse deter.

Mas deteve-se a poucos passos da árvore: soltou um grito de dor, caiu na relva chorando, puxou para o colo um dos pés, no qual se via agora encravado um espinho.

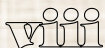
— Ajude-me, Mariinha! — suplicou, o rosto banhado em lágrimas.

A menininha preta estacou, ficou olhando abobalhada para a outra. Mas isto durou um instante só: em seguida ajoelhou ao lado de Lara e examinou o pé machucado: não fora nada, um pequeno espinho de laranjeira entrara no dedão, era fácil removê-lo.

— Cuidado, Mariinha!

Mas a menininha preta segurou o pezinho macio da outra, firmou o dedo ferido com uma das mãos e com a outra puxou num gesto rápido o espinho. Lara soltou um grito, mais de pavor que de dor. Uma gotícula de sangue brotou, escorreu, pingou numa folha de grama e ficou ali, feito uma minúscula corola enquanto Lara secava as lágrimas e calçava outra vez os sapatos.

— Nem quebrou — disse a menininha preta observando o espinho, e aquelas foram as primeiras palavras que Lara a ouvia pronunciar com clareza.



E, por fim, eis a varanda.

As tábuas do assoalho, cobertas de manchas, de rachaduras, de gravetos e folhas secas; a um canto, uma cadeira de balanço despedaçada. O portão fora arrancado de suas dobradiças e embaixo, entre a grama alta, viam-se uns restos de madeira apodrecida, mas os degraus de pedra — cinco degraus largos e pesados — mantinham-se incólumes.

“*A rocha*” pensou, e de fato a rocha persistia. Subsistia, como o ódio às vezes subsiste, e achou inusitado aquele símile: o ódio e a rocha eram iguais. “*O ódio no coração do homem*”, e embora não conseguisse compreender a natureza do ódio, e tampouco a da rocha, um tanto confusa achou que ambos deviam ter a mesma natureza. “*Se um dia esta casa ruir...*”, pois se um dia a casa viesse a ruir (o que já não parecia provável pois seus pais, decididos a restaurá-la, contratariam engenheiros; construtores trabalhariam ali, pedreiros e serventes estariam incumbidos de manter a casa em pé), aqueles degraus de rocha não sofreriam o menor abalo: desabassem sobre ele as paredes, o madeirame corroído, passassem os anos, mesmo os séculos, e quando viessem remover o entulho, ali estariam eles, iguais, exatos, talvez até preservados, invencíveis.

Em alguns corações o ódio permanece intacto, ela conclui, mesmo que tudo se faça para destruí-lo. Mas por que pensar nisso agora, se ela, apesar de mal-humorada, não se julgava capaz de odiar dessa maneira? Lembrou-se do seu amor malogrado, das esperanças desfeitas, do sentimento de angústia que sobreveio ao perceber que nada parecia resolvido, porque afinal lhe restara a filha, “*a filha daquele homem*” ocorria-lhe às vezes cruelmente, essa criança que

encantava a todos mas contra quem — nunca admitindo abertamente, mas reconhecendo-o lá no fundo, esse sentimento do qual se envergonhava mas não podia livrar-se — nutria um inequívoco rancor...

“*A rocha... o coração do homem...*”, e o jardim em ruínas, a casa em ruínas, a manhã que avança, a semana que termina, pois no dia seguinte seria sábado, depois viria o domingo, e como seriam longos o sábado e o domingo passados daquela forma, longe da agitação da vida urbana, do lufa-lufa do centro da cidade, da multidão que infesta os *shoppings*, os teatros, os cinemas, as danceterias...

Pelo contrário, ali, só o recolhimento, a meditação, o reencontro com seu próprio silêncio.

“*A rocha... o coração do homem*”, e por que essa idéia persistia feito verruma? (pisou as folhas secas, ouviu o estalido dos gravetos sob seus pés) “*Um peso de papel*” pensou, pois seu coração agora seria uma rima de papéis, e aquela idéia do peso a lembrar-lhe sempre sua insatisfação. De pé no primeiro degrau já não via o jardim, já não tinha atrás de si a velha casa, já não estava mais em si mesma.

E então, do outro lado do riacho e na companhia de uma garotinha preta, passava a garota de deslumbrante beleza, sua filha, “*filha daquele homem*” que, não obstante o rancor, ainda seria o homem de sua vida se ele não tivesse partido...



— Zefa, vem cá falar com o doutor — e na porta do casebre apareceu uma negra jovem, o corpo deformado por uma imensa barriga. — Ela está nos dias, Dr. José — esclareceu, e fazendo-se mais submisso, a voz mais surda: — O senhor até podia fazer o favor de examinar ela depois, dar uma receita...

— Não tem dúvida, não tem dúvida — disse Cavalcanti apertando a mão que lhe era estendida, rija, tímida, encardida. — Mais tarde terei prazer em examiná-la.

— Mas vamos entrar, doutor, vamos entrar — e Gumercindo adiantou-se, entrou na casa, puxou uma cadeira, oferecendo-a ao patrão. — Zefa, traz café pra nós, serve o doutor.

Cavalcanti sentia-se cativado pelas maneiras simples do homem, por sua quase infantilidade, e olhou apiedado a mulher com sua enorme barriga ainda trabalhando na cozinha: sentado em uma cadeira, naquele cômodo que servia de sala, podia ver pela porta no cômodo vizinho a boca ardente de um fogão, a negra curvando-se com sacrifício para ajeitar as achas de lenha, avivar as chamas com o abano, endireitar o corpo e desaparecer de sua vista. Em seguida escutou um ruído de vasilhame, e imaginou que o café estava a caminho.

— Mas se dona Dora tivesse avisado nós — começou o encarregado, desculpando-se mais uma vez pelo estado em que os novos patrões iam encontrar a propriedade. Sim, pensa Cavalcanti, se a antiga proprietária tivesse avisado poderiam encontrar a casa pelo menos com aparência não tão má, a cozinha pronta para ser usada, os quartos um pouco arrumados, e ele não teria suado tanto para pôr abaixo o portão. Sabia as conseqüências daquele esforço: por mais que não quisesse pensar naquilo, que desejasse esquecer a idade, envelhecia, estava velho, sentia dores nas costas, “*a coluna, a maldita coluna*”, tinha enxaquecas com freqüência, e o reumatismo atacava sempre no frio. “*Ainda bem que nestes últimos dias tem feito calor*”.

— Mas o fogão da fazenda funciona bem — dizia agora o encarregado sem muita convicção. Cruzara as pernas, recostara-se na cadeira como num trono, sentia-se importante vendo sua mulher, sua negra, servir café ao doutor em canecas brancas de ágata. Depois ela saía, voltava trazendo um prato com biscoitos, saía outra vez. — Será que a Titina tá em casa, mulher? — ele dizia da sala para a cozinha, elevando a voz.

— Não sei, ‘Mercindo — ela respondia —, só vendo.

— A Titina é uma vizinha nossa — explicou. A Titina morava dois ou três quilômetros estrada acima. Iria chamá-la para ajudar na cozinha, e Cavalcanti sorvendo um gole do café fraco e doce dizia ser muito a propósito, “precisamos pôr o fogão para funcionar e preparar um almoço, e sua senhora não deve fazer esforço nesses dias”, ao que o encarregado escancarava a boca num riso superior: — A Zefa? Ah, o doutor não conhece a Zefa — e passava a explicar que a Zefa não tinha luxos. Da vez anterior trabalhara até o dia do parto, e o resultado estava ali: Mariinha, uma menina de nove anos forte como quê, e a mulher rija como sempre. — Só vendo! — completou.

— Mas repouso sempre é recomendável — sentenciou Cavalcanti, e o outro achou por bem não retrucar. Afinal quem era ele, um matuto ignorante, para teimar com um homem da cidade, ainda por cima doutor? “*Mas que a Zefa não tem luxos, lá isso...*”



Então Suzana abriu a porta dos fundos e viu o desenho, a inscrição.

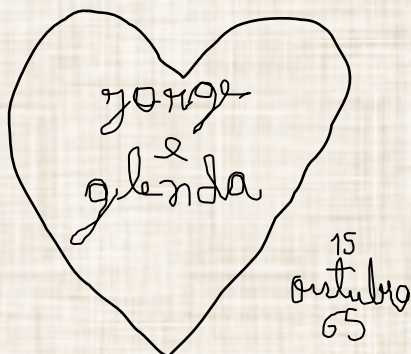
Não se apercebeu logo do que estava acontecendo: o que era aquilo? Pois sim, havia uma inscrição ali: alguém entalhara na madeira da porta a figura bastante rústica de um coração e dentro dele dois nomes: **Jorge e Glenda**. Embaixo, uma data: 15 outubro 65.

Suzana imaginou a princípio que algum garoto teria feito aquilo, associando seu nome ao de uma mocinha das redondezas, “*um namoro de roça entre adolescentes*” pensou, mas lembrou-se de que Jorge também era o nome do antigo encarregado, e já devia ser muito velho em 1965. “*Teria sido ele?*” Mas

sorriu com incredulidade, embora a idéia de que se tratava do antigo encarregado a atraísse: um homem muito idoso apaixonado por alguma garota da vizinhança e, talvez impossibilitado de realizar seu amor, limitava-se a escrever o nome dela junto ao seu, como fazem os meninos, entalhando-os na madeira da porta dentro da figura de um coração, sem dúvida com as dificuldades que a velhice impõe: a tremura das mãos, a memória da qual já se apagavam as noções de escrita, as vistas fracas... “*Romance, estou sempre fazendo romance...*” Suzana sorria não acreditando ainda, pois por mais que tal idéia lhe parecesse bela, também lhe parecia inverossímil. “*Qual!...*”, duvidava, entreendo porém um certo mistério naquele nome — Jorge — associado a um outro, um nome de mulher...

“*Quem terá sido Glenda?*”

E uma confusão de idéias que se misturavam (abrir janelas, pois há poucos momentos abrira uma janela no segundo andar, agora abria uma porta nos fundos da casa e deparava com uma inscrição; duvidara do amor durante a contemplação de um jardim invadido pelo mato — sua beleza e o marido que envelhecera e a quem se perguntava se fizera feliz —, enquanto agora criava para si mesma um “romance”, como ela dizia, uma história de amor) fez Suzana deter-se, crispar o rosto em dúvida: sim, podia abrir portas e janelas, nem tudo se fechava à sua volta; e também pensara no amor, pois ela, sempre disposta a fazer romance das coisas, dos casos mais simples, das histórias mais banais via-se entrando na velhice incapaz de romancear sua própria vida, surgindo-lhe dúvidas que nunca tivera; pensara no amor ao abrir uma janela, e ao abrir uma porta deparava com a possibilidade de um romance, pois se ainda há dez minutos afirmara para si mesma não haver amor que não termine, agora vislumbrava — ainda que só em sua fantasia — a paixão de um homem velho por uma mulher jovem, talvez uma adolescente, e concluiu que se os amores não permanecem, o coração é sempre capaz de renascer — e neste momento Suzana incumbiu-se de inventar uma história para o antigo encarregado: na velhice Jorge encontra, certo dia, uma moça (talvez da vila, ou de algum sítio das imediações...), uma camponesa robusta e corada, bela e cheia de vida. A caminho do túmulo encanta-se, o velho coração inflama-se uma vez mais, é certo que a última, e ele ama ainda. Mas a linda camponesa não seria dele, que decerto não se sentia encorajado a uma declaração, e como não seria fácil calar consigo mesmo esse amor resolve tomar por confidente não alguém que pudesse compreendê-lo, mas algo — um objeto inanimado — que se não o podia ouvir, podia pelo menos regis-



trá-lo como testemunho: e entalha na porta o coração e os nomes, o dele e o dela, para que quem os visse pudesse imaginar, à sua maneira, sua própria aventura. “*Uma bonita história...*” pensa com desânimo, crendo que tudo aquilo não passava de fantasia.

Mas a inscrição ainda estava ali, saltava-lhe aos olhos.

“*Isso de entalhar coisas no madeirame dessas casas antigas...*” pensa Suzana, que já havia visitado outras casas assim e sabia ser comum encontrar rabiscos a ponta de canivete na folha de uma porta ou de uma janela, em alguma ripa de um gradil de varanda ou na espalda de um banco de jardim. Alguém que em certo momento lança mão de uma faca, um prego, qualquer objeto pontiagudo, e decide deixar sua marca, não para que outros leiam mas para si, apenas para si, para afirmar aquele instante em que algo rebrilhou, um som se fez ouvir dentro da alma, uma gota de chuva umedeceu a hora presente. Um entalhe — desenho palavra ou frase, qualquer coisa que alguém irá encontrar e ler, e o autor anônimo, se morto, viverá ainda uma vez; se vivo, será mais uma vez chamado àquele lugar, àquele dia e hora, ainda que disso nunca venha a saber.

Ali estava, pois, o risco na madeira — o desenho, as palavras, o testamento para o futuro, e Suzana comoveu-se: “*é preciso cuidar para que na reforma da casa não se destrua este símbolo*” ela pensou, “*e a porta permaneça aqui mesmo, e a mensagem se preserve...*”

Pois uma pessoa prática diria “é madeira da melhor qualidade, sintam-lhe o peso! Basta lixar para remover as imperfeições”, mas não, não esta porta, não este símbolo... E de repente Suzana sentia a força de um nome, uma simples palavra que designa alguém, um corpo sem rosto, algo que vem não de fora mas de dentro — oh!, e o quanto isso a perturba nesse momento, ao contemplar o desenho e a inscrição —, sim, algo que vem de dentro, essa presença misteriosa que surge feito um inexplicável sentimento, uma voz sem som algum e que contudo podemos ouvir, os passos que os pés não dão, mas que vão de um lugar para outro.

Suzana sentiu-se transbordar, algo emergia, não as lágrimas que agora rolavam por suas faces, mas que vinha com elas, que lançava sobre si asas imponderáveis, um manto de ferro a prendê-la no chão, o toque da morte. “*Mas não é a morte*” pensou, “*é a vida que se insinua aqui*”, e de alguma forma ela estava certa disto.



A filha e uma garotinha preta, pensou Helena com azedume. A menina não saía a ela! Tinha muito das atitudes francas do avô, possuía a beleza da avó, mas não o senso de dignidade da mãe: pois Helena não podia aprovar que sua filha se envolvesse daquela maneira com gente inferior, e ainda mais

naquele grau de intimidade, pois agora a menininha preta parecia estar fazendo alguma coisa enquanto Lara a advertia para não fazer.

— ... não deve entrar aí...

Lara dissera estas palavras. O que estaria fazendo a impertinente negrinha, que obrigava a outra a adverti-la? E que tinha a filha com o que a negrinha fizesse, para chamar-lhe a atenção? Ora, não havia uma grande diferença entre ambas? O certo era Lara manter-se a distância, reprovar com altivez as atitudes inconvenientes da outra, arriscar talvez uma advertência severa, e jamais naquele tom quase afetuoso de preocupação.

Mas logo Helena desviou sua atenção da filha: já que não sabia distinguir-se, que ficasse com os da sua igualha, pensou, impiedosa. "*Pois que fique!...*", e se afastou pela calçada em direção ao arvoredado.

E o arvoredado a envolveu.

Havia alamedas ali, restavam vestígios: ruelas com calçamento, arbustos de um lado e de outro, mais adiante árvores altas, mato cerrado em volta de casa, "*intransponível*" ela pensou, e aqui, junto à calçada, uma grande paineira ultrapassara o telhado e suas raízes punham a estrutura em perigo: a calçada fora fragmentada e na parede via-se uma nítida rachadura de alto a baixo.

"*Será seguro passar uma noite aqui?*", e pousou a mão na parede, sentindo a fenda com a ponta dos dedos. Esquecendo por um momento seu mau humor começou a achar algum encanto naquele lugar — deserto, silencioso, o oposto de tudo que lhe agradava, mas decerto belo ainda, pois aquela casa em seus bons tempos, pensou, devia rebrilhar com as alamedas limpas e os arbustos podados, a grama aparada, os canteiros floridos. Aquele arvoredado, por exemplo, não estaria assim tomado pelo mato, poder-se-ia sem dúvida passear entre as árvores, sentar-se à sombra do caramanchão ali adiante (ainda estava no lugar um dos bancos de pedra e uma coluna mantinha-se de pé), e não seria perigoso tirar os sapatos, pois não haveria espinhos na relva. "*Nos bons tempos...*"

Nos bons tempos Helena estaria feliz — e esse pensamento alarmou-a. O que acontecera com sua vida que a tornara tão amarga?, pois alguma coisa acontecera... E apoiando-se na parede concentra-se, fixa o olhar em algum ponto entre as folhagens, tenta lembrar-se...

Mas não havia muito de que se lembrar, e isto a angustiava. Sua vida fora tão vazia que agora, quase aos trinta anos, não tinha do que se lembrar? Havia a aventura de sua adolescência, aquele amor naufragado (e se nesse momento impunha-se a imagem de Lara — afinal os filhos não são uma coisa boa? perguntava-se; não são os filhos tudo que pode uma mulher esperar da vida, sua máxima realização, o motivo de sua existência? "*Os filhos...*" pensou com desdém —, procurava afastá-la, ao mesmo tempo com remorso e repugnância, pois muito lhe custava reconhecer sua repugnância pela filha).

“Por que uma mulher tem de se casar e ter filhos?” disse de repente em voz alta, erguendo a cabeça, aprumando-se, afastando-se da parede e dando um ou dois passos ao acaso.

“*Casar e ter filhos*” pensou outra vez, e num assomo de orgulho lembra-se de que, apesar de não ter-se casado mas de um erro de adolescência ter-lhe ficado aquele trambolhozinho, tornara-se uma mulher independente, bem sucedida, e era isso que importava!

De súbito, porém, Helena sentiu-se dominada por aquele grande e terrível sentimento que a perturbava, que sobrevinha como um vasto lajedo, uma charneca sob um céu vermelho, e feito um vento morno envolveu-a a sombra de sua própria incompreensão. As árvores pareciam mais nítidas agora, os troncos mais visíveis na sombra, a parede com sua rachadura tornava-se brilhante, destacava-se iluminada pelo sol, e cada mancha, cada linha quebrada, parecia de súbito animar-se, mover-se como um bicho; tudo isso durou um instante, e Helena sentiu um momentâneo pavor que a fez cobrir os olhos com os braços, encolher-se, chorar um pouco e assim permanecer algum tempo, até perceber que tudo não passara de um delírio rápido, nem isso, uma simples impressão causada, talvez, por seu nervosismo, pela irritação constante desde o início da viagem naquela manhã. Então secou os olhos, esfregou o rosto com as mãos para despertar e encaminhou-se para o banco que restava ali onde noutros tempos houvera um caramanchão.



— Então não teremos quem nos ajude na cozinha — disse a senhora Cavalcanti um pouco decepcionada. Não que não estivesse disposta a arregaçar as mangas: habituada ao trabalho doméstico, não se abalava com a perspectiva de limpar o fogão, fazer fogo, pôr água para esquentar, “mas não temos vasilhame, louça, nada”, e assim era preciso improvisar, ou conseguir alguns pratos, talheres e panelas emprestadas com algum morador da localidade. Preocupava-a a reação da filha, as recriminações que sem dúvida lhe ouviria, e já a adivinhava com as mãos nos quadris, em atitude severa, dizendo que se fosse com ela “a crioula matuta haveria de ir para cima do fogão cumprir com suas obrigações, barriguda ou não”, e mais isso e mais aquilo, sempre dando a entender o quanto eles, os pais, estavam errados em ser tão complacentes com serviçais, “principalmente negros” finalizaria, empinando o nariz.

Suspirou resignada.

— Mas a senhora não se preocupe — o encarregado Gumercindo apressou-se em dizer, para alívio de Suzana —, vou falar com a Titina.

— E quem é a Titina? — quis saber, adivinhando porém naquele nome uma ajuda oportuna, o que se confirmava com os dentes à mostra do encarregado e seu jeito maneiroso; e antes que ele se afastasse chamou-o outra vez.

O mulato voltou-se para atendê-la, tirando o chapéu que acabara de repor, e parou a uma distância conveniente.

Suzana, contudo, não soube de imediato como prosseguir. Gostaria de perguntar-lhe acerca daquela inscrição na porta, mas como deveria expressar-se? O homem não a julgaria um tanto tola por interessar-se assim por uma história antiga que talvez nem mesmo ele, que conhecera Jorge, soubesse explicar?, e nesse intervalo de tempo em que se decidia permaneceu imóvel, enquanto o marido, a alguns passos dali, ao ouvi-la virava-se por sua vez para ela, esperava também imóvel, e o próprio encarregado imobilizava-se, algo encabulado diante daquela senhora ainda bonita e de semblante distinto que o chamava com espontaneidade e então parava, indecisa.

— É sobre... — ela começou, hesitou, e prosseguiu — ...é sobre essa inscrição na porta da cozinha. O que sabe sobre ela?

O encarregado primeiro olhou para a porta, depois outra vez para Suzana, e respondeu ainda um tanto sem jeito:

— Foi o antigo encarregado, dona Suzana, que riscou isso aí...

— Chamava-se Jorge, não? — disse o Dr. Cavalcanti aproximando-se, atraído também pela inscrição.

— Sim, senhor — e o encarregado punha-se mais à vontade com a intervenção de Cavalcanti —, eu mesmo vi quando ele rabiscou isso aí com a ponta do canivete, um dia de tarde. Foi poucas semanas antes de falecer...

— Ah... bem... — e Suzana hesitou ainda. — Gumercindo, diga-me... enfim, como foi...

— Pois a senhora não sabe, dona Suzana, seu Jorge quase não falava mais... vivia só no canto lá dele, quieto... eu, já crescidinho, é quem ia cuidando de tudo, e quando ia prestar conta do serviço ele balangava a mão, “tá certo, menino, tá tudo certo” ele dizia, “não se apoquente não que tá tudo certo”, e baixava a cabeça, pegava cochilar... Vai que um dia de tarde ele estava bem ali, sentado numa cadeira tomando sol, e eu vi quando ele se levantou de improviso, foi até o quarto, voltou de lá com um canivete e começou a riscar a porta. Ficou muito tempo riscando, e eu só de longe... Depois que terminou ficou outro tanto de tempo admirando o que tinha feito, então voltou a sentar-se na cadeira e continuou esquentando sol. Daí a menos de mês estava morto. Fui eu que o encontrei, ali mesmo na cadeira dele, coitado, já frio, já sem vida.

Nesse meio tempo Cavalcanti se pusera a examinar o desenho enquanto ouvia a narrativa do encarregado, mas ao contrário da esposa não fazia daquilo um romance, conquanto fosse da mesma opinião: Jorge ter-se-ia enamorado de alguma camponesa e registrado ali a lembrança de seu namoro de velhice.

— E quem é a mulher? — perguntou Suzana.

— O nome que ele escreveu aí? Não sei, não senhora. Como eu lhe disse, seu Jorge quase não falava mais... nunca me relatou nada...

— E não havia alguma moça na região... ou na vila, com esse nome?

Aqui o encarregado Gumercendo quebrou o pescoço de lado, franziu a testa, custou um pouco responder:

— Que eu tenha sabença... — e permaneceu indeciso um minuto enquanto Suzana, decepcionada, passava mais uma vez os olhos pelo desenho. Em seguida repôs o chapéu, pediu licença e se afastou: era preciso buscar a Titina.

Então não existia ninguém no lugar com esse nome, nem moça, nem velha, pensou Suzana, e sua história estava perdida. Mas logo uma nova história se formava, e examinando uma vez mais o rústico traçado na madeira da porta concluiu que Jorge quisera manter em segredo o objeto de seu amor. Impossibilitado de realizá-lo, não só se resignava em calar esse amor, como o poupava de algum embaraço futuro, escondendo-lhe a verdadeira identidade sob um nome fictício, e tal gesto pareceu-lhe tão belo que Jorge tornava-se agora sublime aos seus olhos.

“O amor... o amor... pois ainda que não dure...” e interrompeu seu pensamento: Cavalcanti voltava-se agora para ela, e seu rosto jovial e franco pareceu-lhe belo com aquele ar de eterna alegria. O comentário foi banal, pois nada percebia do encantador mistério que ela vislumbrava por trás do desenho na madeira:

— Então o velho Jorge ainda namoriscava! — e sorriu.

Que bem enorme lhe fazia o sorriso do marido, e ouvindo-o nesse momento com seu comentário algo malicioso Suzana sentiu-se perturbada, pois se lembrava de seus pensamentos de há pouco ao abrir a janela do quarto, e mesmo de agora, ao refletir que o amor não durava. *“Então não é verdade que eu amo meu homem?... É verdade que já não somos crianças... e nossa juventude vai longe, mas...”* e sentiu no braço o toque, a leve pressão que a mão dele fazia, ao passar por ela rumo à frente da casa.

— Há muito que ver por aí, Suzana — ia dizendo. — Que tal um passeio pelos arredores depois do almoço?

— Ah, sim, bem pensado, José — ela respondeu sem acompanhá-lo, e para esticar ainda a breve troca de palavras disse: — E essa Titina, será que vem?

— Com certeza — Cavalcanti respondeu enquanto caminhava —, o Gumercendo nos garantiu.

— Ah, José...

— Sim? — e Cavalcanti deteve-se.

— Esse rapaz... o Gumercendo... que lhe pareceu?

— Pareceu-me bem... — fez uma pausa. — E satisfeito em ter novos padrões.

— Então é conveniente mantê-lo...

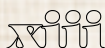
— Sim — concordou —, não há dúvida, é conveniente mantê-lo — e se afastou.

E agora Suzana estava sozinha de novo. Viu o marido afastar-se, viu-o de costas, parecia jovem, devia sentir-se jovem, pensou, pois seguia com as mãos nos bolsos e o passo desembaraçado. Notava que o ar da roça o rejuvenescia, que naquele lugar ele viveria ainda vinte anos. Ou mais. Estaria decidido a mudar-se de vez para ali, e então faria o que sempre tivera vontade: clinicar numa cidadezinha de interior, atender os mais necessitados, nada cobrar por suas consultas pois tinha dinheiro suficiente para si e para os seus, e cuidar de algumas galinhas, algumas vacas leiteiras, plantar uma horta e fazer longas caminhadas pela manhã.

“*E eu estarei ao lado dele*” Suzana pensou, “*estarei sempre ao lado dele*” e sentiu o coração abalar: pois se o amor não durava como insistia ultimamente consigo mesma, que sentimento era esse que a mantinha unida àquele homem a quem entregara sua juventude, sua vida, e com quem se sentia disposta a partilhar a velhice onde quer que ele estivesse?

“*Não, não há amores eternos, isso é coisa de novela, romances cor-de-rosa, mas existe afeto, integração, união... é um velho clichê, mas talvez seja isso que conte...*”

Suzana olha agora na direção por onde Cavalcanti se fora: já não há ninguém ali, mas ela continua olhando.



— E quem é a Titina?

E a menininha preta olhou para Lara abismada com tamanha ignorância. Então não conhecia a Titina? Ora, se todos a conheciam! Mas depois se lembrou de que a menina branca não era dali, viera da cidade naquela manhã e não tivera tempo de conhecer a Titina. Encarou-a com piedade (embora não soubesse que tal sentimento tivesse esse nome), pois não conhecer a Titina era verdadeiramente uma lástima.

— Mora lá pra cima — respondeu a menininha preta, resolvendo-se a falar, o que raro fazia, e apontou numa direção qualquer, que tanto poderia ser mesmo a da casa de Titina como não.

— É ela quem vai fazer o almoço para a vovó?

A negra com seu grande ventre inchado andava para lá e para cá, cuidando das coisas com dificuldade. Às vezes parava, sentava-se num banco, ofegando. Depois, outra vez de pé, punha mais um pouco de água numa panela, uma pitada de sal, ajeitava a lenha no fogão, voltava a sentar-se.

Punha-se então a examinar a garota branca com curiosidade. No outro banco Lara tomava o café que lhe fora oferecido numa canequinha de esmalte, mordida um pedaço de batata assada no braseiro. À negra não ocorria compará-las — sua filha e ela, a menininha preta e a encantadora garota loira de pele tão alva e olhos tão azuis! Atraía-lhe apenas a novidade, pois nunca tinha visto alguém assim, com tais olhos, com tal pele, com roupas tão ade-

quadas — e tudo isso formava um conjunto de cuja harmonia apenas intuitivamente ela se dava conta. Se tivesse, contudo, de exprimi-lo em palavras, quebrava-se o encanto, embrulhava-se o entendimento, não ficava nada a não ser uma série de noções imprecisas.

— A Titina sabe contar histórias — lançou de repente a menininha preta, enrolando e desenrolando os dedos na barra do vestido, que subia mostrando por baixo a calcinha cor de terra.

— Que histórias ela conta? — perguntou Lara levantando os olhos ora para ela, ora para a mulher.

A menininha preta moveu os ombros, encolheu-se de encontro à parede, não soube dizer. A mulher perguntou:

— A menina gosta de escutar histórias? — e Lara fez que sim com a cabeça, embora não estivesse muito certa disso. Assistia a muitas histórias na TV: desenhos animados, novelas, filmes... mas nunca ouvira ninguém contar uma história, a não ser a avó, alguma vez, quando lhe falara da Chapeuzinho Vermelho, ou do Pequeno Polegar. Será que a Titina conheceria alguma história mais interessante que essas? — A Titina conta muitas histórias — disse a mulher sorrindo para Lara —, a menina vai gostar de ouvir.

— É longe onde ela mora?

A menininha preta ainda encolhida contra a parede esbugalhou os olhos na direção da mãe, depois na de Lara, continuou a enrolar e desenrolar a barra do vestido com os dedos, a calcinha cor de terra à mostra.

— Daqui lá, uns vinte minutos — disse a mulher. — Mariinha, de tarde vai com a menina na casa da Titina.

— Mamãe — e a menininha preta avançou um passo, afoita —, ela espetou o dedo num espinho.

A mulher pôs-se séria.

— A menina não deve tirar o calçado. Não estando acostumada...

Mas Lara sorriu, levantou-se e pôs a caneca em cima da mesa.

— Não foi nada — disse, sentando-se outra vez. — A senhora vai ter neném quando?

A pergunta direta pegou a mulher de surpresa. O rosto de Lara mostrava sinceridade, indagara naturalmente, queria saber. Sua filha, a mulher pensou, jamais faria tal pergunta. Mas sua filha, considerou enquanto observava Lara que, por sua vez, esperava uma resposta olhando-a direto nos olhos, sua filha era apenas uma garotinha da roça; aquela que ali estava fora criada na cidade, era diferente, tinha outros hábitos, fazia tal pergunta com franqueza, como se fosse adulta.

— Por esses dias...

— Hã... — e Lara parecia refletir sobre aquilo. Balançou o corpo no banco, apoiou o queixo nas mãos movendo os lábios, considerou a barriga

inchada, volumosa, por fim olhou para o chão e ficou pensando, e depois já não pensava em nada.

A mulher levantou-se, pesada. Caminhou da mesa para o fogão, do fogão para a mesa, da mesa para a porta, arrastando os chinelos.

O fogo ardia, queimava a madeira, fazia ferver as panelas cozinhando o almoço da pequena família.

XIV

E a Titina veio como um tanque de guerra.

Guerra à desordem, à sujeira, à inércia, pensava Suzana observando de longe, enquanto pela janela emergiam nuvens de pó. “A senhora não carece de fazer nada, não” foi logo dizendo, impondo-se de imediato, “uma dona tão fina! Isso é serviço mas é pra Titina, sim senhora!” e logo empunhava suas armas: a vassoura, o balde, o esfregão, o espanador improvisado com ramos de alecrim.

— Talvez se o Gumerindo der uma mãozinha... — Cavalcanti ousou sugerir, mas a Titina foi taxativa:

— Homem na cozinha só atrapalha, doutor José — e logo se fizeram ouvir os ruídos da batalha: espana em todos os cantos, limpa o fogão, tira o picumã do teto, varre o lixo para fora, derrama água no chão, esfrega com sabão em pó para remover a sujeira, e mais água, mais sabão, e esfrega de novo e água outra vez para enxaguar, seca o chão, acende o fogo; e agora na sala de jantar a operação se repete, finalizando com o pano úmido correndo sobre a mesa e os bancos para remover os últimos vestígios do inimigo. A refrega não durou duas horas, e quando Suzana entrou na cozinha — para o que obtivera licença da Titina, “tá tudo arrumado, dona Suzana, pode entrar sim senhora” — o fogo já estava aceso, a lenha que o Gumerindo trouxera pouco antes já ardia, lançando fagulhas e ondas de calor.

“*Pelo visto só há negros neste lugar*” pensou Helena, que dera volta à casa e aparecera à porta da cozinha, ao deparar com a Titina gorda, rotunda, mulata de carapinha e cabelo no sovaco. “*Meu Deus, aonde eu vim me meter! Só há negros neste lugar!*”

E Suzana, que vinha agora de dentro, avistou a filha à porta da cozinha sem saber se devia ou não entrar. “*Aposto como está pensando que só há negros neste lugar*” disse consigo mesma, “*e não sabe se deve entrar, pois acha que a Titina é bem capaz de expulsá-la*”.

“*Devo ou não entrar aqui? Essa negra enorme é bem capaz de expulsar-me, do jeito que são esses criados, do jeito que se tornam logo confiados. Não vê esse Gumerindo com o papai? Não faz dez minutos que se conheceram, e falta pouco tratá-lo por tu.*”

“*E deve estar pensando o quanto deve ser confiada a pobre Titina, sim, porque Helena não hesita em atribuir defeitos a todos, especialmente aos mais humildes...*”

— A moça pode entrar — berrou a Titina afanosa que, na pia, depenava um frango com o vigor de quem arranca o couro de um boi. — Me desculpe não dar a mão, mas já pode entrar qu'está tudo limpo.

“*E quem disse a essa preta que faço questão de que me dê a mão?*” pensou Helena, indignada com o atrevimento da outra. Mas a Titina não se dava conta:

— A moça deve ser a filha de dona Suzana? Pode estar à vontade por aí, não tarda e teremos um bom almoço de roça. Já botei até o feijão no fogo! — e sem mais, deu outra vez as costas a Helena.

Helena arriscou um passo para dentro da cozinha, “*mas é claro que posso estar à vontade, afinal isto aqui pertence ou não à minha família, agora?*” e Suzana também se adiantou:

— Filha — disse, e prosseguiu: — Não convém atrapalhar a Titina. Ela está ocupada.

Helena lançou um olhar reprovador para a mãe. Estaria sendo repreendida? E na presença de negros? Será que não podia estar onde quisesse dentro de sua própria casa? (sim, porque Helena, que se opusera à compra daquela fazenda velha, daquelas terras quase selvagens, sentia-se em casa se era para contrariar a mãe e impor-se perante os criados) Suzana deu-se conta de que não soubera escolher as palavras, mas tarde demais: Helena avançou, passou por ela feito uma flecha, sumiu-se no aposento contíguo, desapareceu no interior da casa.

A Titina não se deu conta de nada.

— Na parte da tarde eu vou fazer uma limpeza nos quartos, dona Suzana — disse. — Vocês vão ficar o final de semana?

Helena subiu as escadas pisando com força, levantando pequenas nuvens de poeira. Estava furiosa com a mãe por tê-la tratado feito criança na presença de uma serviçal. “Não convém atrapalhar a Titina! Não convém atrapalhar a Titina!” ia repetindo consigo mesma num resmungo inaudível, “pelo visto, tudo agora é a Titina: Titina isso, Titina aquilo...” e mastigava as palavras desejando estrangular a Titina, reduzi-la a pó, não deixar memória sua sobre a face da Terra.

Parou exausta no topo, apoiou-se no corrimão, olhou para baixo. Depois volveu a cabeça com lentidão para o fundo do corredor. “*Parece uma casa mal-assombrada*” pensou, “*o que haverá lá?*” e decidiu-se a avançar corredor adentro.

— A Mariinha disse que a senhora sabe contar histórias — disse Lara aboletando-se à mesa. A menininha preta havia parado à porta, os olhos fixos, hipnotizados na figura rotunda e volumosa da Titina que, expedita, andava de um lado para outro ocupada em preparar o almoço. Já o frango, depenado e limpo, descansava um pouco no tempero “pra pegar gosto” explicou à Suzana um minuto antes, enquanto misturava o sal, o cominho, o louro; o feijão fervia e ela punha-se agora a lavar o arroz.

— Ah — fez a negra, e no instante seguinte pareceu esquecer-se do que a menina havia dito, concentrando-se em despejar o arroz da saca para o passador, metendo-o em seguida sob o jorro d'água. — Ah... — disse ainda —, é que a Mariinha gosta de escutar uns casos — acrescentou sem desviar sua atenção do que fazia: o arroz no passador sob o jato d'água, a mão grossa que mexia com rapidez para limpar bem, o gesto brusco de fechar a torneira e deixar a água escorrer. Olhou para a menininha preta, de pé na porta: — Não é, Mariinha? Você não gosta dos casos da Titina?

E a menininha preta fez que sim, a boca aberta, os olhos abertos, os dedinhos enrolados na barra do vestido vermelho.

— Depois a senhora conta uma história para nós? — pediu Lara. — Uma que a Mariinha também não conheça, para ter graça...

— A Mariinha já conhece minhas histórias.

— Todas?

A Titina passou o arroz para a panela, onde o tempero corava. Um chiado encheu o ar, uma névoa cheirosa elevou-se da panela, a colher mexia célere em movimentos circulares enquanto a leiteira despejava água aos poucos. Titina recostou-se na pia.

— Deve de ter uma o outra que ela ainda não escutou — respondeu.

— Então — disse Lara, pondo-se de pé — será uma dessas. Promete?



Então Helena entrou naquele cômodo grande em que viu estantes enormes e vazias. Pelas frestas da janela vinha um pouco de luz, e seus olhos acostumados agora à penumbra investigavam em volta de si: não havia nada ali a não ser estantes vazias, nenhum outro móvel, nenhum livro nas prateleiras. “*Não é preciso abrir a janela*” pensou, “*não há nada aqui para ver*”, e concluiu: “*A casa deve estar assim, toda assim.*”

Mas não fez meia-volta. Helena não podia compreender que sua resolução de não abrir a janela — por não haver nada para ser visto — figurava um símbolo. Se estivesse ali, Suzana diria:

— Filha, abra a janela.

E se ela hesitasse, se demorasse atender à mãe, esta mesma o faria. Naturalmente, sem atentar para o fato de que a filha não atendera à sua sugestão, encaminhar-se-ia para a janela, abrindo-a, e o recinto se renovaria. Mas Helena não cogitava nessa possibilidade. Se soubesse abrir janelas, abriria também as fechaduras de sua existência, encontraria com mais facilidade seus caminhos insuspeitados, lançaria uma luz reveladora em seus porões escuros, encontrar-se-ia mais próxima da verdade. Mas o salão estava vazio — nenhum móvel, exceto umas estantes roídas de cupim e sem livro algum de que lançar mão —, não valia a pena demorar-se ali, não era necessário portanto

abrir a janela. E não a abriu. E sem mais demora voltou para o corredor, inspecionou os outros cômodos daquela ala, voltou sobre os próprios passos e acabou no quarto onde a mãe estivera há pouco. *“Pelo menos há uma cama aqui, se bem que em precárias condições”*, e já se preocupava com as noites incômodas que teria pela frente (lembrou-se contudo de que haviam trazido colchonetes e lençóis, que serviriam para diminuir o desconforto de colchões duros e empoeirados).

Chegando à janela viu o pai e o encarregado ao longe, junto à cerca.

— Sim, senhor — Gumerindo dizia, explicando que a saída era agora por ali por ser mais fácil, já que o portão estava em ruínas. — Mas se o senhor quiser, consertamos o portão e fechamos esta tronqueira.

A voz de ambos chegava até ela sem apagar-se na calmaria da manhã. As palavras soavam claras, se bem que distantes.

— Reconstruiremos toda a cerca — disse o pai, e o encarregado concordou, passando a dissertar sobre a utilidade da cerca caso pretendessem refazer os canteiros.

— Havia muitos canteiros — acrescentou com um movimento de braço que procurava abranger toda a extensão do jardim. — Na época do velho Jorge ainda se via sinal...

— Mas esta tronqueira é bem oportuna, convém preservá-la.

De repente levantou-se um vento. Folhas subiram, rodopiando. As vozes falharam. Ficavam apenas as imagens: o gesto do encarregado, o movimento de cabeça do pai, e agora ambos se moviam, andavam ao longo da cerca. O vento amainava, recomeçava, rumorejava o arvoredo. Os olhos de Helena desviaram-se então para o cume dos montes, subia, alcançava o céu. Um desfalecimento subtraía-lhe as forças, as pernas vacilavam: teve de recuar um passo e sentar-se na cama. Apoiou o rosto nas mãos e permaneceu encurvada sobre si mesma, enquanto uma grande angústia oprimia-lhe o peito.

Já não pensava em nada.

— Não, doutor José, não demora...

— Será o bastante?

— São nuvens de chuva... à noite...

— Oh, isso de arrumação...

— Não se preocupe, a Titina sabe...

— Sim, é melhor falar com a Titina.

— Pena que não tenhamos um vinho.

— E refrigerantes para as crianças.

— Estamos todos com fome.



O almoço enfim estava pronto e todos se aproximaram.

Sobre a mesa na sala de jantar, em travessas, fumegavam o arroz-crioulo; o feijão com nacos de carne cozidos; o frango em pedaços gordos; as talhadas grandes de uma abóbora guisada nadando em molho de tomate com picadinho de cebola; fatias de carne de porco assada; uma salada cheia de cores com folhas de alface, rodela de tomate, cebolinha, pedaços de palmito, beterraba... O cheiro de comida caseira — comida da roça —, elevava-se, dissolvía-se no ar morno, estimulava o apetite.

A um canto, orgulhosa de sua obra, a Titina esperava, quieta, digna, um pano de prato pendendo do braço.

E ali estavam os convivas — os velhos, as crianças, os criados, menos Helena, que ainda não aparecera.

— Haverá assento para todos? — perguntou Cavalcanti dando um passo adiante. — Quantos somos?

— Claro que haverá, papai — e Helena assomou à porta —, afinal somos quatro — e ficou claro que Helena contava apenas o pai, a mãe, a filha e a si própria.

Cavalcanti franziu a testa sem compreender logo, e Suzana mordeu os lábios. Mas decidiu não se calar, não se submeter a uma nova imposição sua.

— Helena — disse com jeito —, filha... você está esquecendo o Gumerindo, a Titina e Mariinha. Mas creio que podemos dar um jeito...

— Não, mamãe — retrucou Helena —, eu não estava esquecendo ninguém, no entanto... de acordo! Estejam à vontade. Farei um prato para mim e irei comer na varanda — e saiu.

Por um instante todos se sentiram tolhidos, mas logo Cavalcanti elevou a voz:

— Bem, bem — e aspirou o vapor perfumado que se elevava das travessas —, não pretendo esperar mais. Então? Vamos sentar?

Sentaram-se. O Gumerindo, muito adiantado, acomodou-se num tamborete defronte a Suzana. Cavalcanti ocupou a cabeceira da mesa como competia ao chefe da família e Lara, arrastando a menininha preta pela mão, sentou-se com ela ao lado da avó. A Titina permaneceu de pé, em seu canto.

— E então, Titina — disse Suzana segurando a travessa de arroz —, não nos acompanha?

— A senhora dá licença? — perguntou a mulata.

— Esteja à vontade, Titina — adiantou-se Cavalcanti. — Tome lugar!

E muito envergonhada a Titina sentou-se à ponta de um banco, serviu-se de uns grãosinhos de arroz, um fatiquinho de carne, uma folha de alface, comeu pouco, de cabeça baixa, ansiosa para terminar. Desabituada a sentar-se à mesa com essa gente da cidade, principalmente quando se convertiam em patrões, sentia-se tolhida: movimentava-se com cuidado, evitando ruídos, e apesar da fome a comida descia com dificuldade; se a ponta do garfo raspava o fundo do prato com um rangido incômodo, corava, e se a carne estivesse

um pouco tostada não sabia como evitar o “croc-croc” ao mastigá-la e acabava engolindo o pedaço inteiro, enquanto que em casa agarraria uma nacada com as mãos, mastigaria à vontade, ruidoso, e no final, feito criança, lamperia os dedos. Tudo o que desejava agora era safar-se o mais rápido possível da mesa.

Mas enquanto a Titina penava, o Gumercindo parecia à vontade e brandindo o garfo falava de sua lida na roça com desenvoltura e um português cheio de erros; Cavalcanti respondia, retrucava, concordava, perguntava; as duas meninas permaneciam mudas, a pretinha mais muda que a outra e algo encabulada, olhando alternadamente os que estavam diante de si — o pai e o doutor, pensando que a essa hora a mãe almoçava sozinha em casa, não participava daquele festim, mas era muito pequena ainda para pensar isso com remorsos. Suzana teria apanhado os pensamentos da menina? Num intervalo do falatório, enquanto o encarregado se concentrava em colher da travessa uma grande coxa de frango, comentou:

— Não nos ocorreu convidarmos sua esposa, Sr. Gumercindo...

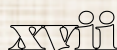
E o Gumercindo ficou parado um momento, olhando admirado para a senhora como se só agora percebesse que sua mulher não estava presente. A coxa de frango caiu outra vez na travessa.

— Foi uma falta nossa — continuou Suzana. — Como pudemos nos esquecer?

— Ah, mas ela não repara não, dona Suzana — o encarregado disse, recuperando-se do momentâneo embaraço, e concluiu a operação de transferir para seu prato a coxa de frango. — Envergonhada como é — acrescentou —, é de crer que não viesse, inda mais pesada como está...

— De qualquer maneira, eu mesma irei até lá. Foi uma falta nossa, e como dona da casa eu mesma devo falar à sua esposa.

Na varanda, sentada nos degraus, o prato no colo, Helena ruminava seu rancor contra os pais, o desejo de triturar a menininha preta (não antes, porém, de botar a própria filha ajoelhada em grãos de milho), o desprezo pelos empregados que ousavam ocupar a mesa dos senhores, e a comida passava a ter um sabor acre, desagradável: toda a fome se esvanecera. Tinha ímpetos de atirar o prato para o meio das moitas, e só não o fazia “*para não dar o braço a torcer*”, sim, pois teria graça que ela, Helena, demonstrasse sua revolta na frente de subalternos, pessoas do meio do mato, roceiros, “*gente de qualquer forma desqualificada*” concluía.



E foi depois do almoço que se resolveu dar uma busca em regra na casa, fazer uma boa arrumação. Cavalcanti rejuvenescia com todas essas atividades, e conquanto não pudesse fazer muito esforço comandaria a operação. A Ti-

tina não se intimidava, e ali estava o Gumercindo para o serviço pesado. Para as crianças valia a novidade da aventura, Lara por exemplo já imaginava uma dessas casas de filmes de terror, cheias de assombrações e fantasmas a arrastarem correntes. A menininha preta iria atrás com sua natural perplexidade diante das decisões daquela gente esquisita, e no fim todos de uma forma ou de outra contribuiriam para tornar habitáveis pelo menos os cômodos mais próximos. Sim, os mais próximos, pois como a Titina dizia, era uma casa muito grande, com diversas salas, salões e quartos e só com o tempo se conseguiria pôr ordem em tudo.

— Talvez encontremos uns móveis que se prestem a algum uso — disse Cavalcanti.

— Que nada — disse o Gumercindo —, os móveis foram todos retirados. Talvez no porão...

— Quem sabe encontraremos um tesouro — saltitou de alegria a neta —, ou um fantasma.

E a menininha preta, dedo na boca, continuava olhando ora um, ora outro, em seu inequívoco silêncio.

— Então — disse Cavalcanti batendo palmas no meio da sala —, mãos à obra?

E puseram mãos à obra.

Mas Suzana preferia passear após o almoço, fazer uma caminhada para auxiliar a digestão, não trabalhar. Era hábito antigo, e mesmo em sua casa na cidade saía para suas caminhadas diárias. Às vezes ia com a neta, às vezes seguia só, jamais com Helena que não só não tinha disposição para andar cinco ou seis quilômetros à toa, “o que é que se ganha com isso, afinal?”, como também não apreciava sua companhia.

“A senhora vai fazer um passeio?” dissera o Gumercindo quando Suzana aludiu a sua intenção de sair, “pois pode ir de estrada afora que não tem errada. Pra baixo, vai para a vila, pra cima tem vistas muito bonitas”, e Suzana resolveu seguir “para cima”. Ajeitou o chapéu, atravessou o portão, saiu para a estrada.

Distanciava-se, agora.

E estava só.

A estrada, ora plana, ora em aclive, atravessava vastas extensões desertas, sem qualquer residência à vista. Nos morros largas faixas de mata haviam sido derrubadas para a formação de pastos, “*mas foi há muito tempo*” pensou Suzana, “*tanto que a mata começa a se refazer*”, e não se viam reses, ou apenas uma e outra, de raro em raro. De súbito aparecia uma casa, um quintal com galinhas, uma mulher lavando roupa numa bica, ouvia-se o mugido de uma vaca ao longe. Depois a casa ficava para trás, umas árvores próximas faziam sombra, e no céu azul, sobre o horizonte, surgiam pequenas nuvens brancas. Suzana caminhou bem uns quatro quilômetros: tinha boa disposição para

andar, não estranhou o caminho diferente das ruas a que estava habituada, pelo contrário, a novidade estimulava-a a seguir em frente.

Então se deteve à beira de um penhasco, numa curva da estrada: diante de seus olhos o mundo se desdobrava — cadeias e cadeias de montanhas que se sucediam até se perderem na distância. Ao longe viam-se apenas faixas difusas, azuladas, ondulações contra o céu, e depois não se via mais nada.

“*Então o mundo é assim*” pensou, pois sempre que estava só no alto de uma colina de onde seus olhos podiam perder-se na distância tornava-se sonhadora, como se fosse a primeira vez que contemplasse maravilhas. Quantas vezes estivera em fazendas? Quantas escalara vertentes para espiar, do alto, o horizonte? Não importava, era sempre a primeira vez, “*toda beleza deve ser contemplada como se nunca a tivéssemos visto antes, pois sempre estamos a descobri-la, a cada momento a descobrimos de uma forma diferente, e é assim que é*”, e era assim mesmo, ainda que Suzana não tivesse uma idéia exata de como podia ser desse jeito. “*Mas o que significa isso?*”, e mais uma vez veio aos seus lábios a palavra

— Cadeados...

apenas murmurada, simples sussurro que a viração desfez, de forma que não chegou a ouvir a si mesma pronunciando essa palavra misteriosa que lhe impunha paredões, imensas portas ancestrais fechadas, correntes e cadeias.

Mas para contestar sua momentânea amargura, seu pessimismo que aflorava vez ou outra, abria-se aos seus pés, aos seus olhos, a todo o seu ser o mundo, desdobrava-se em cordões montanhosos e amplidões, e com toda a segurança ela podia afirmar: “*Tudo isto é meu*”, pois bastava querer para que fosse seu de verdade. Acaso não estava ali olhando tudo aquilo como se o mundo inteiro estivesse vazio, e só existisse nesse momento para ela? Quem lhe poderia roubar essa paisagem de que se apoderava de forma definitiva, integrando-se nela e deixando-a integrar-se dentro de si mesma, convertendo-se ambas numa coisa só, numa única noção — quem poderia?

— Cadeados...

Mas Suzana decidiu que não poderia haver cadeados agora, não haveria mais cadeados para tolhê-la, conquanto ainda houvesse Helena, sua complicada filha que fazia da vida um quebra-cabeça, um caldeirão de fel, e a quem desistira há muito de consertar. Sim, havia Helena, mas não devia permitir que ela obstasse suas alegrias simples, seu contentamento de estar viva, sua mais recente perspectiva de tornar-se camponesa e desfrutar o prazer de ouvir um galo na alvorada, colher ovos frescos ou regar uma horta. “*Mas é preciso salvar Helena...*” pensou, “*salvá-la de si mesma...*”, sim, salvar a filha de seu próprio veneno — e ao pensar que Helena talvez não desejasse ser salva, buscando mais e mais penetrar essa selva escura em que sua existência se tornava, Suzana entendia o muro, os paredões que lhe surgiam de través, as

grandes portas ancestrais, e a palavra voltava imperceptivelmente aos seus lábios:

— Cadeados...

E como ao chegar e contemplar a casa em ruínas, postada ali à beira do penhasco olhando para longe Suzana tirou o chapéu, baixou o braço e sentiu as fitas de seda, movidas pelo vento, fazerem cócegas em suas pernas. Imóvel, esquecia-se de onde estava; abertos, os olhos não mais viam a paisagem; não era mais dona de seus pensamentos nem de sua consciência. Seu ser dissolvia-se, flutuava, elevava-se no espaço feito pluma; feito fumaça que se esgarçava ao vento, era levado para longe, perdia-se para sempre.



A Titina, logo após o almoço, entrara outra vez em ação. A Titina não conhecia a palavra trégua.

Helena, com discrição, afastara-se do *rendez-vous* — assim classificava a faina alegre e barulhenta em que se envolviam a cozinheira, o encarregado, as crianças e o dono de tudo aquilo, e ao pensar que o pai era o dono de tudo e confabulava com os serviçais sem manter distância, rindo à toda, esforçando-se para afastar alguma tábua, enfrentando com disposição e dentes à mostra as nuvens de pó que se elevavam do assoalho, torcia o nariz, fazia má cara, decidia que sua família não tinha mesmo jeito — e girando sobre os calcanhares olhava em volta dominada por um imenso desprezo.

“Deus do céu, então eu estou mesmo neste lugar, e com essa gente!”

E então:

“Como foi que eu vim parar aqui?”

Não teve curiosidade em vasculhar a casa como iriam fazer agora, já vira o suficiente: uma fazenda imensa, vazia, destruída e suja que, num esforço, os novos proprietários tentariam tornar habitável. Seria possível? Não lhe importava, não lhe afetava em nada se os pais por fim se dessem conta de terem feito uma tolice e se arrependessem: preocupava-a as duas noites que iria passar ali, em camas velhas, colchões cheirando a pó, e por certo haveria morcegos sobrevoando sua cabeça. *“Em casas assim sempre há morcegos, e insetos os mais diversos...”* Enfim, deveria enfrentar com bravura, pensava, aquela provação, pois não fora ela quem insistira em vir? Não era ela quem dizia ser uma irresponsabilidade deixar duas pessoas idosas se meterem no meio do mato, num local desconhecido, por todo um final de semana?

Alcançou a varanda, desceu os degraus, caminhou pela relva, seguiu em direção ao riacho. Deixou para trás os ruídos da faxina. Respirou aliviada.

A princípio hesitou atravessar a tábua que servia de ponte. Ouvira do encarregado que em outros tempos havia uma ponte de verdade por ali, mas agora era impossível identificar o local exato. A ponte caíra, uma tábua atra-

vessando o riacho substituiu-a, e mais abaixo a água transbordara do leito e invadira o terreno, alagando-o.

Pisou com cautela a tábua: parecia segura, atravessou. Mas o que fazer, afinal, sozinha naquele lugar? Para onde ir? E ao fazer-se esta pergunta percebeu que respondê-la seria encontrar a solução para o grande enigma: aonde iria, de qualquer maneira, fosse atravessando aquela ponte improvisada e tomando uma direção do outro lado (o matagal acima, a trilha que conduzia para baixo), fosse cruzando a própria existência rumo ao futuro de que não suspeitava. Mas não poderia responder a tal pergunta: diante dela, como diante de um muro, deveria fechar os olhos — sim, apenas fechar os olhos — e deixar-se levar. Imaginar-se fragmentando em uma nuvem de pó, partículas menores que pó, menores que átomos, que seguiriam um rumo qualquer através do muro — partículas tão pequenas poderiam atravessar o muro como se não houvesse muro à sua frente, poderiam até mesmo atravessá-lo longitudinalmente e sair numa outra dimensão, um outro mundo, um espaço diferente, desconhecido, do qual, porém, não poderia dizer “é bom” ou “é mau”, mas apenas “é um outro, é diferente”.

Por isso vivia como que num grande labirinto — não de paredes, de salas fechadas, de alçapões, mas de palavras, de interrogações que mal percebia, de incerteza. Como se orientar dentro dele se não conhecia as senhas, as palavras-chave? Se nesse intrincado não havia corredores nem direções, mas noções abstratas cujo conhecimento mal podia vislumbrar?

Helena abriu os olhos.

Seguiu para baixo: adiante havia uma descida; depois... o que haveria depois, oculto pela folhagem? E foi assim que se viu naquele descampado, e o mundo lhe pareceu maior, e ela mais só.

“Estarei mesmo aqui? Tudo isto não será um sonho?”

De longe em longe uma ou outra touça, no mais apenas o gramado, o campo vasto, e lá adiante o limite com as árvores, a encosta. *“O que havia aqui, afinal? Que lugar é este?”* perguntou-se, pois neste momento Helena sentiu-se tocada: o silêncio tão intenso que se fez de súbito — que o rumor da queda d’água acentuava e o canto de um pássaro tornava mais profundo — fez sobressair o turbilhão que explodia dentro de si, assustando-a.

“Um tropel, um inferno a desmoronar sobre outro inferno, o horror...”

E o descampado assustou-a com seus silêncios esquivos feito presenças a espia-la dos cantos, detrás dos troncos, dentre as folhagens, e ela pensou em voltar. Mas não, decidiu-se, não podia retroceder: se fraquejasse agora, continuaria fraquejando toda a vida. Se não enfrentasse agora as feras que suspeitava, não enfrentaria nenhuma outra, real ou fictícia, e se converteria numa fugitiva.

Helena ficou: caminhou até o meio do descampado, *“havia uma construção aqui”* pensou ao dar com a pequena elevação circular, muito nítida,

sobressaindo à relva, e imaginou que não estava só naquele lugar, mas que alguém a poderia estar vigiando de tempos imemoriais (“*Não é isso que os filósofos dizem? Que o passado e o futuro se confundem?*”), surpreso talvez com sua presença inusitada, diferente, rara. Imaginar isso ao mesmo tempo assustava-a e deixava-a maravilhada, e fez um gesto — ergueu a mão, manteve-a assim por um, dois segundos — como se fosse tocar o rosto de uma pessoa invisível à sua frente.

Então um sorriso — transparente e puro como a luz — foi surgindo em seus lábios, e Helena por fim pegou-se a sorrir plenamente, ao mesmo tempo que algumas lágrimas rolavam, sem dor, salgando-lhe as faces.



— Uma cômoda antiga — comentou Cavalcanti. Levantou o braço para iluminar melhor à sua volta, mas uma corrente de ar apagou a lamparina. Lara estacou de súbito, e a menininha preta, que vinha logo atrás, deu-lhe um encontrão. — Diabos! Você tem fósforos, Gumercendo?

Gumercendo apalpou o bolso, atarantado. Esquecera-se dos fósforos? Como pudera...? Não, não, aqui estavam!... E logo havia luz no porão outra vez. Cavalcanti protegeu a chama com uma das mãos em concha.

— Parece em mau estado — disse, curvando-se um pouco para examinar o móvel. Tentou abrir uma gaveta, outra, pareciam emperradas. — Carunchada — disse endireitando o corpo.

— O senhor, querendo, a gente arrasta ela pra fora — alvitrou o Gumercendo.

— Veremos — disse Cavalcanti. — E as poltronas? — e afastou uma das poltronas. Muito empoeiradas e puídas, pareciam sólidas ainda. Experimentou o assento, pressionando-o com a mão espalmada. Lara quis sentar-se numa delas: pôs-se em posição, esticou os braços para frente e deixou-se cair: foi envolvida pela poeira. Levantou-se tossindo e espanando-se, enquanto a menininha preta soltava uma gargalhada curta.

Mas sobre suas cabeças, os passos da Titina retumbavam. O ruído da vassoura esfregando o assoalho não deixava dúvidas quanto ao resultado da batalha travada contra a sujeira, “*contra os anos também*” diria Suzana se estivesse ali, “*o pó dos anos, o rastro do tempo...*”; seguia-se um rumor de água derramada — a Titina virando o balde — e a vassoura voltava a entrar em ação. Depois seus passos se afastavam, desapareciam, retornavam, iam daqui pr’ali, dali para lá, de lá para cá: a Titina fora apanhar mais um balde d’água, voltava, prosseguia na batalha.

Vez por outra, ora Cavalcanti, ora o encarregado Gumercendo — ora ambos —, recebia na cabeça um filete de água suja que escorria através das frinchas do assoalho e lhe descia pelo pescoço, pelo peito, pelas costas: era

preciso esquivar-se, driblar a goteira (a menininha preta estendeu a mão aparrando um desses filetes, Lara viu a água negra escorrer-lhe entre os dedos e disse-lhe que não deveria fazer aquilo. Mas a menininha preta deixou a mão sob o filete e virou os olhos brancos e grandes para ela sem compreender) e ao mesmo tempo alumiar adiante com a lamparina, a mão em concha para evitar que novas correntes de ar a apagassem. E assim a visita ao porão convertia-se numa aventura. Se nesse momento Cavalcanti se lembrasse da filha, diria que ela estava perdendo uma diversão e tanto, pois no fim das contas aquilo não passava de uma grande brincadeira; “um ótimo remédio para o mau humor” diria, se nesse momento se lembrasse de como Helena era ranzinza, de como fazia questão de mostrar sua cara azeda para todo mundo, quando seria muito mais simples sorrir, quando seu sorriso — e quem o visse por certo concordaria — era bem mais bonito que sua zanga, pois Helena, se não tinha a rara beleza de sua mãe — beleza que se reproduzia agora na filha —, teria o rosto suave, se soubesse torná-lo suave, teria o sorriso bonito, se sorrisse; faria as pessoas felizes, se quisesse. Mas Helena não estava ali (se estivesse, diria que o porão era uma enxovia, um buraco para loucos se meterem nele, um ninho de moléstias, e acrescentaria que a Titina era uma negra sem nenhum senso de oportunidade, pois, já que o patrão estava embaixo, que tinha ela de continuar a limpeza, correndo o risco de sujá-lo com aquela água imunda a escorrer pelas gretas do assoalho? E poria logo a filha na frente, que subisse já para não adoecer pois “é certo que acha pouca a preocupação que me dá”, se bem que não tivesse preocupação nenhuma com Lara, criada quase só pelos avós — e por esse motivo Cavalcanti recomendara à neta que não comentasse com a mãe o passeio ao porão); não estava ali e por isso Cavalcanti não se lembrava dela: chamaram sua atenção as poltronas empoeiradas, o móvel velho deixado num canto ao sabor do caruncho; atraía-o investigar aqueles recantos escuros, remover montes de tábuas encostadas às paredes, ver os insetos e os ratos correrem de um lado para outro, assustados com aquela invasão — e deixando Lara em polvorosa, que ao avistar uma ratazana correu para abraçar-se ao avô. A menininha preta ignorou os roedores e os insetos, permaneceu parada, olhando tudo aquilo com alguma indiferença.

Por fim Cavalcanti parou, respirou fundo e passou a mão pelo rosto.

— Mais nada por aqui — disse —, só uma cômoda e três poltronas antigas, e montes de tábuas velhas.

— Não tem mais nada não — reiterou Gumercindo.

— Existe o porão — disse Lara, cantando —, o porão e mais nada... e mais nada, e mais nada...

— O senhor vai querer levar a cômoda pra cima?

— Mas há um tesouro na cômoda — Lara continuou, e para o avô: — Não é vovô?

— As poltronas estão boas ainda — disse Cavalcanti —, a madeira parece sólida, vamos pô-las na varanda. Mais tarde mandamos substituir o forro.
— Mas e a cômoda?



Mas era preciso voltar, e Suzana voltou.

Quanto tempo estivera assim? Um minuto? Dez? Não sabia. Havia feito uma longa viagem: independente de quanto tempo estivera ali, fora uma longa viagem, mas dela não podia se lembrar, “*não é dado ao homem lembrar-se quando penetra o Paraíso*”, e por isso, depois de repor o chapéu, continuou olhando da beira do penhasco, imóvel ainda durante alguns instantes, enquanto a brisa continuava a passar por ela, a brisa e os minutos, a brisa e o tempo infundável...

— Em outros tempos outras pessoas paravam aqui e ficavam olhando — disse, e ouviu a própria voz, um quase sussurro, e imaginou que aquela vista, agora sua, somente sua porque estava só, fora partilhada por muita gente que a havia antecedido naquele lugar, e o seria ainda (transformada? sim, transformada, mas ainda assim a mesma) pelos que viriam depois: seu marido, quando viesse passear ao longo da estrada no dia seguinte, a neta, a filha, mas não eles apenas, não só aqueles que estavam com ela naquele tempo: também os predestinados aos tempos futuros, aos séculos de amanhã, todos passariam ali e contemplariam aquela vista como ela o fazia agora, ou de outro jeito, “*sim, cada um de seu jeito*”, pois cada um olha para o mundo de um jeito diferente, e todos seguiriam adiante deixando-a por sua vez para aqueles que os sucederiam “*in saecula saeculorum*”.

— Em outros tempos — tornou a dizer, e sentiu que partia de novo. Mas decidiu evitar a partida desta vez: o Paraíso é bom, mas não podemos visitá-lo a todos os momentos. Bem ou mal, este é o nosso mundo, é aqui que devemos estar — e era ali que Suzana queria estar. “*Por que...?*” quis saber, consigo mesma, sem ser preciso completar o pensamento, pois o que desejava saber? Fosse o que fosse, aquela pergunta incompleta bastava, e a resposta, ainda mais incompleta, e a tal ponto incompleta que vinha destituída de palavras, bastava se não para elucidar o mistério, pelo menos para aquietá-la um pouco, deixá-la respirar, caminhar outra vez, voltar para casa.

Estivera um bom tempo ausente, o sol avançara muito na tarde, “*deve passar das três*” pensou, olhando o pulso: esquecer-se de pôr o relógio, mas a posição do sol no céu, a sombra projetada por seu corpo, tudo figurava um grande relógio no qual podia confiar. Passava das três, isto era certo, e era o suficiente.

O mirante ficara para trás — isso não a inquietava, pois voltaria ali mais vezes, e dado que o lugar era tão sossegado já planejava visitá-lo sempre que

desejasse estar só, recolher-se, meditar. Poderia chamar Helena, mas estava certa de que a filha não se agradaria dali, diria qualquer coisa para dar a entender que preferia um restaurante num *shopping* ou uma fila de cinema; a neta, porém, gostaria de ir até lá, era sensível e compreenderia o que a avó queria dizer com “uma entrada para a ante-sala do Paraíso”, ou uma frase similar... Sim, o mirante ficara para trás e ela fizera o percurso de volta quase sem se dar conta, e não diria nem mesmo que estivesse cansada, “*talvez o cansaço só se faça sentir mais tarde*” ponderou consigo mesma, refletindo que decerto cedia seu lugar às expectativas do dia, até que a noite chegasse com suas memórias de sono e de sonhos... Mas, oh!, quem eram aquelas que vinham pela estrada agora se não a Titina, a menininha preta e sua neta? Deteram-se e ela cumprimentou a Titina com um breve movimento de cabeça, brincou com a menininha preta, que se encolheu, sorriu com acanhamento e se pôs a salvo atrás da Titina. Lara, alvoroçada, parecia ter novidades, “vovó, o vovô encontrou uma cômoda no porão” e passou a contar como haviam incursionado pelo porão, encontrando ali três poltronas e uma cômoda velha que de início fizera lembrar um cofre contendo algum tesouro enterrado por cem anos, mas que no final das contas — que decepção! — parecia não ter nada dentro, “além do mais, as gavetas estão todas emperradas, não abrem”.

— Gavetas emperradas se abrem — ponderou Suzana.

— Mas não quisemos esperar, pois a Titina já estava de saída.

— Ah, a Titina — disse Suzana. — Mas afinal aonde a senhorita está indo? — perguntou.

— Ora, vó — respondeu Lara —, na casa da Titina, com a Mariinha.

— E não será longe? — quis saber.

— Não é longe não, dona Suzana — a Titina disse —, é essa casinha do lado de cima do caminho, logo depois da curva — e acrescentou que retornava à noite para ver se precisavam de mais alguma coisa, e então traria Lara de volta.

— Lara, não vá dar trabalho aos outros — censurou com doçura.

— Que nada, dona Suzana — a rotunda Titina fazia graça ao tentar enfatizar suas palavras com um gesto largo de braços —, tenho de voltar mesmo, por causa da Mariinha, que sempre vai lá pra casa.

— Vovó, a Titina sabe contar histórias — Lara disse quando já se afastavam —, e prometeu contar-me uma.

Suzana sorriu. Seguiu caminho.

Convencia-se de que fora uma grande decisão comprar aquela propriedade.



E a cômoda velha, com efeito, transformava-se num cofre do tesouro, uma caixa de mistérios: pois o encarregado conseguira arrastá-la para fora,

levá-la para o terreiro, e no momento em que Suzana atravessava o portão — cujos destroços não ainda haviam sido removidos, dificultando a passagem — avistou o móvel e, como sentinelas sagradas, Cavalcanti e Gumerindo. De pé na escada, Helena, com uma expressão crítica de piedade.

Sim, pensava Helena consigo mesma, piedade: o nome certo para sua consternação por ver o pai feito um colegial divertindo-se em fazer mistério acerca de um móvel todo comido de cupins, como se em seu interior fosse encontrar algo valioso cujo achado precisasse do testemunho de todos — mas que simplesmente parecia estar vazio.

Suzana, contudo, já se havia habituado às expressões de piedade, crítica, ironia, o que fosse, de Helena, e não deu importância. Aproximou-se e, sem nenhum comentário, deteve-se a alguns passos de distância, observando a cômoda semidestruída. Gumerindo guardou silêncio, Cavalcanti esperou com um sorriso, olhando ora a mulher, ora a cômoda, que Suzana fizesse algum comentário. Não ouvindo comentário algum, perguntou:

— Hein? E então? O que acha?

Suzana sorriu. Deu de ombros, encarando o marido.

— Ora, o que posso achar?

— Foi uma descoberta, não lhe parece?

Suzana fez uma careta, franzindo a testa e comprimindo os lábios; olhou mais uma vez para a cômoda e voltou a sorrir:

— Uma grande descoberta, sem dúvida! — brincou.

— Vamos ver que tesouros há aí dentro? — disse Cavalcanti com um ar de garoto buliçoso, e recebeu em troca um daqueles olhares de Suzana que conhecia desde o casamento, desde o noivado, desde... um olhar complacente, pleno de simpatia e ternura: o olhar da esposa.

Suzana sabia: em tudo o Dr. José Cavalcanti queria sua participação. Quando o noivo escolhera a clínica geral, fizera-o depois de consultá-la; e anos mais tarde, já bem estabelecido, ao decidir atender pessoas carentes sem cobrar, consultara-a antes de pôr sua idéia em prática. A compra da propriedade fora uma decisão de ambos, e agora, para investigar os mistérios de uma cômoda em ruínas várias décadas abandonada no porão, esperara sua chegada como quem espera um consentimento. As gavetas estavam emperradas, mas e daí? Ele e o Gumerindo poderiam tê-las forçado, porém a verdade era que Cavalcanti preferia fazê-lo em sua presença, mesmo sabendo de antemão que não haveria nada ali dentro, pois quem deixaria coisas num móvel sem serventia atirado para um porão?

— E o que estamos esperando? — disse Suzana.

— Helena — e Cavalcanti virou-se para a filha, ainda de pé na escada —, você não vem?

Helena respirou fundo, com enfado.

— Ora, papai — respondeu, mas resignou-se. Sim, iria, participaria da-

quilo embora se sentisse terrivelmente ridícula, e com uma expressão de tédio no rosto se aproximou do pequeno grupo. Manteve-se porém à distância de dois ou três passos para distinguir-se, não ser confundida com um deles (raciocinava como se houvesse mais alguém ali, observando-os), deixar bem claro — p. ex., ao serviçal — qual era a sua posição naquele lugar.

Foi Suzana quem experimentou uma das gavetas menores, que não cedeu, “sim, está emperrada”, e passou para a segunda: também não abria, e então se deu por vencida.

— Mas não vejo fechadura alguma — disse.

— Deve de estar empenada, dona Suzana — explicou o Gumerindo com sua voz mal educada —, pelo tempo que está lá embaixo. Afinal, com a umidade...

Mas Cavalcanti achou que aquilo não tinha graça nenhuma e forçou uma das gavetas menores. Segurou com força o puxador, fez uma careta, parou para respirar e aplicou-se novamente. Enfim conseguiu: rangendo, a gaveta veio para fora, aos saltos, até soltar-se por completo fazendo Cavalcanti perder o equilíbrio. Muito sério e vermelho, olhou os presentes um por um com a gaveta na mão. Parecia embaraçado, bufou examinando-a e verificando que não continha nada. Suzana foi complacente, “José, você pode se machucar, deixe para o Gumerindo que tem mais experiência com essas coisas”, mas Helena fechou a cara, resmungou:

— Se passar mal, além do transtorno que vai nos causar, não há médico a milhas de distância.

— Eu sou médico — disse Cavalcanti irritado, virando-se para a filha.

— Mas não pode tratar-se — ela retrucou.

— Bem, bem — interveio Suzana, contemporizando, e Helena calou-se.

Cavalcanti deu-se por vencido:

— É sua, Gumerindo — disse —, pode tentar.

O encarregado avançou com presteza, as mãos enormes agarrando os puxadores e forçando as gavetas uma a uma para fora. Ao abrir a segunda Suzana teve a impressão de ouvir um ruído suave, como de um objeto muito leve que caísse no vão atrás delas...

“Uma folha de papel, ou algo assim...”

... e na terceira viu aparecer um volume com encadernação de couro.

— Eu não disse? — e Cavalcanti mostrou-se radiante com o achado. — Há alguma coisa: um livro! — e apanhou o volume, exibindo-o à mulher e à filha.

Suzana lançou os olhos sobre a capa em que não havia nada escrito, e Helena desta vez foi vencida: curiosa, não se manteve arredia fingindo indiferença. Por mais banal que parecesse, encontrar um livro num móvel antigo e carunchado que passara muitos e muitos anos perdido no porão de uma fazenda em ruínas tinha seu encanto. Avançou dois passos e olhou com inte-

resse o volume nas mãos do pai, que agora abria na primeira página, folheava-o.

— Ora, mas parece-me o diário escrito por alguém — ele disse, e todos puderam ver enchendo as páginas que, com o tempo adquiriram quase a cor da argila, uma caligrafia irregular e nervosa, como de alguém que escreve com sofreguidão, como se o ato de escrever fosse ao mesmo tempo um sofrimento e tão necessário quanto estar vivo para fazê-lo. — Confuso — disse ele —, não compreendo esta letra...

— Letra de médico — brincou Suzana.

— Minha letra sempre foi clara e legível — retrucou Cavalcanti.

— Oh, sim!

— Papai — e a voz de Helena soou, pela primeira vez naquele dia, com certa mansidão —, permita-me...

Cavalcanti olhou a filha com surpresa, deteve o movimento de suas mãos que passavam as folhas.

— Ah, sim! — exclamou, atropalhado. — Sim... você tem vistas boas... veja se decifra o que está aí — e entregou o volume a Helena, que o recebeu com avidez, afastando-se um ou dois passos. “22 de maio de 1930. *Este é o início do meu diário de bordo*” leu no começo da página. “Um diário” Helena pensou, encantada com a novidade, “a primeira coisa boa no dia de hoje. Talvez a única em todo o final de semana”.

— Sim — disse —, é um diário.

— Vai descobrir os segredos de alguém, Helena — advertiu ainda Cavalcanti, em tom de brincadeira. — Cuidado!

Mas Helena não lhe deu atenção, já não o ouvia; deu-lhe as costas, “um diário... iniciado em 1930...”, e se afastou: entrou em casa, desapareceu.

— Ela parece interessada — comentou Cavalcanti. — Aliás — acrescentou —, parece mesmo é impressionada.

— Pelo menos alguma coisa que lhe sirva de distração — diz Suzana. — Espero que melhore o humor.

E agora o Gumerindo conseguia, após algum esforço, abrir até a metade a última gaveta.

— Ora — e Cavalcanti parecia decepcionado —, então não há mais nada.

— O que o senhor quer que se faça com ela, Dr. José? — perguntou o Gumerindo indicando a cômoda, agora com as gavetas abertas como se com isso mostrasse sua alma e pudesse dizer: “Olhem, não há nada aqui, não há segredos, não há mistérios a não ser aqueles que o homem cria com sua curiosidade infantil”.

E Cavalcanti pensava justo aquilo — não há mistérios a não ser os que o homem cria para preencher sua vida insípida e sem sentido, conquanto refletisse no niilismo pouco cristão de tal pensamento. Mas ele não estaria certo,

afinal de contas? Aquela cômoda carcomida não figurava uma mensagem clara a esse respeito? “*Então não há nada...*?” perguntou-se, indeciso, encarando o encarregado como se não o tivesse escutado, ou talvez não compreendendo suas palavras, sua pergunta trivial. Assim esteve um tempo — cinco segundos, dez? Suzana percebeu, com embaraço, o que acontecia, enquanto Gumercindo olhava para o patrão sem saber se devia ou não repetir a pergunta. Mas logo Cavalcanti tornou a si, fungou, esfregou o nariz várias vezes num gesto nervoso, e disse:

— Vamos ver, vamos ver...

— Mas querido — e Suzana acercou-se do marido —, pareceu-me ter ouvido alguma coisa cair no vão atrás das gavetas. Não haverá mais nada mesmo?

Suzana parecia convencida de que não havia mais nada, e não estava segura nem de ter ouvido ruído algum, “*pode ter sido produzido pela gaveta de baixo ao raspar contra as tábuas laterais*” pensou; mas desejou manter a expectativa um pouco mais, o que faria o marido feliz, “*não só por permanecer em suspense, mas por ver que eu estou aqui e partilho de seu interesse*”.

— Oh, sim — disse Cavalcanti —, parece-me que... Vamos ver, Gumercindo — e abaixou-se tentando espiar para o fundo escuro do móvel —, vamos ver se há alguma coisa caída atrás das gavetas.

— É preciso primeiro arrancar a gaveta de baixo inteira, Dr. José.

— Pois arranque, homem, arranque! — e Cavalcanti endireitava o corpo, agitado.

Gumercindo aplicou-se, puxou a gaveta, que parecia entalada mas por fim cedeu, caiu na relva.

Cavalcanti afastou o encarregado e pôs-se de joelhos, curvou-se, espiou para o fundo do móvel e viu...

— ...um envelope! — disse com satisfação. — Tem um envelope ali...

Sim, um envelope grande, tamanho A2, de papel grosso. Estendeu o braço, vigiado pelo Gumercindo que se curvava também para espiar, e pela mulher, que receava algum inseto venenoso reagindo contra a mão descuidada que invadia seus pretensos domínios.

Mas não havia inseto: a mão retornou intacta, e Cavalcanti ergueu-se exibindo seu novo achado.

Suzana, por sua vez, sorriu: alegrava-se pelo marido e perguntava-se o que haveria de importante num envelope tão velho e com perfurações de traça? “*Nada importante, por certo*” decidiu, “*algum documento antigo e sem valor, um registro qualquer, talvez uma carta. Mas*” considerava, “*a novidade, mesmo a de achar um papel que não vale nada, é sempre uma novidade*”. E o marido estendeu para ela o envelope:

— Bem, parece que há algo aí dentro. Um cartão, talvez.

— Não vai abrir? — perguntou Suzana.

— Ora, é a sua vez — pois o Gumercindo desentrevava as gavetas; ele encontrara o diário e Helena o havia arrebatado.

Sim, era a sua vez: Suzana deu de ombros, riu-se.

— Está bem — e apanhou o envelope. — Parece uma fotografia... — ela disse, extraindo um cartão grande de seu interior. — Sim, é uma fotografia...!

Mas emudeceu. Seu rosto fez-se pálido, suas mãos tremeram, os lábios se moveram sem pronunciar nenhuma palavra.

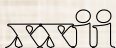
— Mas o que foi, Suzana? — disse Cavalcanti pondo-se ao lado da mulher e olhando para o retrato.

— Não é possível! — Suzana murmurou.

— Mas que coisa...! — Cavalcanti por sua vez, espantado.

— Ué — e até o Gumercindo, que também se aproximara para olhar, admirava-se —, um retrato da neta da senhora, dona Suzana!

No papel, iluminado por uma luz perene que o Tempo não pôde destruir — o Tempo, sim, o Tempo, pois a data registrada embaixo à direita (*18 de maio de 1898*) não deixava dúvidas quanto a isso —, feito um enigma via-se o rosto de Lara, mas não só: também o de Suzana — sim, o rosto dela, Suzana Cavalcanti, aos treze anos de idade.



E a noite, por fim, cáia.

Lara chegou à porta e espiou para fora: escuro, muito escuro, e da escuridão provinham ruídos a que ela não estava habituada — ora, como poderia estar habituada a uma noite como aquela, se conhecia apenas as luzes da cidade? Se, por exemplo, na fazenda dos Palma, onde passara duas semanas durante as férias, havia refletores iluminando o jardim, as quadras de tênis e de futebol, a piscina; e as ruas, nas adjacências, resplandeciam? Aquela era a primeira vez que a noite — a verdadeira noite — se desdobrava ante seus olhos assustados, profunda, indevassável, imensa — e isso fazia com que de súbito seu coração diminuísse, ficasse pequenino, porque do fundo daquele negrume os ruídos — o cricrilar, a ventania fazendo ranger galhos contra galhos, o tropel de algum animal na estrada — pareciam maiores e cheios de significados ocultos. “*Falam comigo?*” pensou; pois não estariam falando com ela, chamando por ela para enredá-la em seus ardis?

“*Não tenho medo*” disse consigo mesma fingindo coragem, “*ora, que perigo pode haver lá fora? Daqui a pouco a Titina vai sair, a Titina está sempre saindo à noite, a qualquer hora da noite e não tem medo. Se sai, é porque não há perigo algum*”, e pensar assim reconfortou-a.

Foi então que viu o retângulo de luz projetado no terreiro e nesse retângulo o desenho de seu corpo. Pareceu-lhe assustador, e no mesmo momento

um canto de coruja soou bem perto, estridente, fazendo-a recuar dois passos para dentro da cozinha. A menininha preta, sentada no canto do fogão, olhou-a sem compreender; a Titina passou por ela com uma acha de lenha nas mãos, sorrindo de seu sobressalto.

— A menina se assustou?

Lara voltou-se para a mulata, que se abaixava pondo a acha no fogão e soprando o fogo: quase fechava os olhos, as bochechas infladas, os lábios formando um bico, enquanto a madeira estalava.

Mas Lara não queria admitir que tivera medo. O que pensariam dela? Com certeza diriam que era uma garotinha tola da cidade, assustada com a própria sombra. Deu de ombros e foi sentar-se perto da menininha preta que, num salto — num desses repentes que caracterizavam suas decisões —, aproximou-se da Titina:

— Conta uma história?

A Titina pareceu não ter ouvido: mudou de lugar sobre a chapa do fogão um caldeirão d'água, vistoriou a panela com o guisado, foi até a pia e lavou as mãos. Em seguida chegou à porta, espiou para fora, fechou-a passando-lhe a tramela e veio sentar-se perto do fogo.

— Que história você quer ouvir? — disse por fim, e a menininha preta, olhando-a de baixo para cima, deu de ombros como se qualquer história, mesmo as que já havia escutado, valesse a pena.

Titina olhou para a garota da cidade, linda como nunca vira, e ficou matutando um, dois minutos. Que história poderia contar? Não se lembrava de nenhuma. Podia improvisar uma como fazia às vezes — afinal era o que fazia quase sempre, e mesmo que vez ou outra não saísse uma boa história, conseguia divertir as crianças.

Inventar... inventar... pois bem, inventaria uma história. Começaria a contar, diria “Era uma vez...” e o que viesse bastaria.

— Era uma vez...

A menininha preta ajeitou-se no banco, preparando-se para escutar numa posição mais cômoda. Lara recostou-se na parede, encarou a Titina e ficou suspensa de seus beijos grossos, de sua cara larga e marrom, de sua inventividade.

E a Titina contou a história de uma linda garotinha, “com os mesmos cabelos da menina, num vê?” disse, dirigindo-se a Lara, “com toda essa boniteza que Deus dá”; foi numa noite gelada de inverno, explicou, a lua cheia redondinha no céu, que a menina veio ao mundo; e mais frio fazia ainda porque ali perto corria um rio; mas a mãe, que viera sozinha viajando de muito longe, estava enferma e não sobreviveu.

— A pobre garotinha teria morrido de frio — ela continuou após soerguer-se para vigiar o cozido: levantou a tampa, mexeu com a pá e tomou o gosto na palma da mão; repôs a tampa e voltou a sentar-se. — Sim, mas não

morreu — e por que não teria morrido? Como explicar por que uma criança que nasce numa noite de inverno, estando só por ter acabado de perder a mãe, não morre de frio? Lembrou-se da coruja que cantara há pouco e encontrou o fio da meada: na mata morava uma coruja encantada...

— O que é uma coruja encantada? — perguntou a menininha preta.

— O que é...? Ora... — viu-se de repente sem saída. E agora? O que era uma coruja encantada? — Bem — disse depois de matutar um pouco —, uma coruja encantada é uma coruja diferente das outras, num vê? — e a menininha preta pareceu satisfeita com a explicação.

O caso é que a coruja, vendo a pobre mãe morrer, compreendeu que o destino do neném seria o mesmo se não fosse salvo do frio: então abriu as asas e cantou, cantou um canto tão diferente que todos os animais da floresta correram para ver o que estava acontecendo... Oh, mas é preciso não meter outros bichos na história para não complicar, pensou a Titina, que não imaginava o que os animais da floresta podiam fazer pela meninazinha, e achou por bem que eles ficassem apenas como espectadores enquanto a coruja, batendo as asas fazia um encantamento: uma nuvem branca que passava em frente à lua converteu-se então num cobertor e caiu na relva; com ele embrulhou a menininha e a levou para o oco do tronco onde morava.

— Mas a menina cabia no oco do tronco? — foi a vez de Lara perguntar.

— Bem — disse a Titina, sem se atrapalhar desta vez —, era uma árvore imensa, cabia até uma criança do seu tamanho, quanto mais um bebezinho.

— Mas o que a coruja podia fazer pela criança? — Lara insistiu, e Titina viu que não podia ser tola: a garota acabaria fazendo uma pergunta complicada, e aí... Decidiu portanto que a história teria de ser convincente, por mais absurda que sáísse.

— Lembre-se: a coruja sabia fazer encantamentos e podia pedir aos outros passarinhos que a ajudassem a cuidar da criança, trazendo frutas e mel em seus biquinhos.

— E o neném não tem nome? — quis saber de seu canto a menininha preta.

— Ora se tem! — exclamou a Titina. — Então ‘ocê já viu alguém sem nome? Pois foi a coruja encantada quem escolheu um nome bem bonito, o mais bonito e o mais certo para a garotinha.

— E que nome era? — perguntou Lara.

— Chamou a garotinha de “Lua Branca”, porque ela tinha nascido numa noite de lua cheia. Mas deixem eu continuar, porque no fim das contas Lua Branca cresceu (aqui a Titina achou por bem avançar uns anos na história para dar um pouco de ação à narrativa: digamos que agora Lua Branca esteja perto de completar doze anos, e que a coruja encantada tenha planos para ela — planos, diga-se de passagem, nada bons.)

— Mas a coruja não era boazinha? — perguntou Lara.

— Nem tanto, pois eu ainda não contei quem era a tal da coruja — e seguiu explicando: a coruja era uma feiticeira muito velha que fora transformada em coruja como punição, porque em certa época, quando ainda vivia no formato de gente fora chamada pelo rei para cuidar de sua filha, uma princesinha de doze anos, que estava muito doente (e a Titina achou que uma bruxa e um rei tornariam a história mais interessante, “*que graça têm histórias sem um rei e uma bruxa?*” pensou). Mas a bruxa era inimiga do rei...

— Era o rei de que país? — quis saber Lara.

A crioula fez uma cara de quem não compreende, piscou uma ou duas vezes, mas recorreu à fórmula:

— Era o rei de um país muito distante — e continuou. A bruxa era inimiga do rei e em vez de dar um remédio para curar a princesa, deu-lhe um veneno terrível (e a Titina se perguntou se um homicídio seria conveniente numa história infantil, mas como já tivesse dito — e não lhe ocorresse nada melhor —, não voltou atrás). O veneno tinha um efeito diferente dos outros venenos: fazia bem, no começo, curava, mas só na aparência. Pois a princesinha pareceu ficar boa, mas uma semana depois estava morta. O rei, porém, descobriu toda a trama da bruxa (como? perguntou-se a Titina, como é que o rei poderia descobrir? Como suas ouvintes não parecessem preocupadas com este detalhe, adiantou-se, evitando que uma ou outra se lembrasse de perguntar), então jogou uma praga: que a bruxa ficaria condenada a viver para sempre na forma de uma coruja, presa na selva em volta do castelo. Mas todo encantamento, como a Titina explicou, pode ser quebrado, e a coruja viu na bola de cristal que o dela só seria quebrado se um dia sua alma pudesse passar para o corpo de uma menina de doze anos, a mesma idade da princesinha morta. Mas onde encontrar uma menina nessa idade se ela não podia, por força da praga lançada pelo rei, abandonar aquela floresta, e se com a morte da princesinha o rei havia partido com seu povo, todos muito tristes, deixando desertos o castelo e a cidade, a mata e as redondezas muitas e muitas milhas em volta sem ninguém?

— Foi assim — disse — que, no que a coruja viu a pobre orfãzinha na beira do rio, percebeu que era sua chance de quebrar o encanto.

Titina vistoriou outra vez o cozido: estava no ponto. Levantou-se, apanhou os pratos, as colheres, pegou a concha e chamou as meninas para a mesa. Enquanto isso ia pensando num rumo para a história.

Lara foi a primeira a servir-se, “continue contando” pediu enquanto provava o cozido.

— Bem, Lua Branca cresceu e se tornou uma linda menina que já estava perto de completar doze anos. A coruja viu na bola de cristal que para quebrar o encanto era preciso levar a menina à beira do rio na noite de seu aniversário e fazê-la dormir, e quando ela dormisse então sim, estaria pronta.

A Titina pensava em apressar o fim da história, pois se esticasse muito

não teria mais o que contar. “*Diacho! Haja cabeça pra inventar história mode alegrar criança!*” Valeria a pena meter um príncipe nessa história? perguntou-se então, enquanto punha uma coxa de frango assado no prato da menininha preta e outra no de Lara. Ele poderia apaixonar-se por Lua Branca e salvá-la, chegando na “hora H”. Mas, ponderou, Lua Branca só tem doze anos, não está em idade de se casar ainda, e todo príncipe se casa com a heroína no final e vivem felizes para sempre. Também não tinha graça fazer com que ele a esperasse crescer... E se em vez de doze, Lua Branca já tivesse quinze? Ou dezesseis? O caso era que já havia dito doze, pois a princesinha morta também tinha doze, não podia desdizer. E agora?

— Na noite dos anos de Lua Branca lá se foi a coruja levando ela até a beira do rio, dizendo que tinha preparado uma surpresa para seu dia de anos... — e a Titina optou pelo príncipe: vá lá, pensou ela, um príncipe não faz mal, é até bonito.

— Mas um príncipe — disse então — que vinha de muito longe e passava naquela hora pela beira do rio, estando perdido, pois não conhecia aquelas paragens, teve uma bruta surpresa ao ver a menina caminhando sozinha do outro lado, e apeando do cavalo se escondeu atrás de uma moita e ficou espionando. Foi daí que viu a coruja conversar com a menina e dizer que era para ela deitar na areia e ficar escutando a água correr. Mal Lua Branca se deitou, a coruja deu de asas e fez um encantamento: Lua Branca caiu então num sono muito profundo...

...e a menininha preta, envolvida pela história, debruçou-se sobre o prato, afundou os cotovelos no cozido, lambuzou-se toda.

— Veja o que você fez! — exclamou Lara levando as mãos à cabeça, num gesto exagerado.

A menininha preta levantou os braços, olhou abobalhada para o pequeno desastre que acabava de causar, e resolveu torná-lo maior: ao ficar de pé arastou o prato consigo e todo o cozido foi parar em seu vestidinho vermelho, escorrendo-lhe pernas abaixo.

— Desastrada! — riu Lara, afastando-se para não levar também sua porção de cozido nas pernas.

Mas a Titina, expedita, já se levantava de toalha em punho, limpando a menininha preta e o cozido derramado sobre a mesa. Pôs-lhe outro prato cheio em frente e recomendou:

— Mais cuidado, Mariinha! Não é pra prestar atenção só na história, não!

A menininha preta olhava ora a Titina, ora sua companheira, como se não compreendesse bem por que tanto alvoroço por um pouco de comida derramada.

— Depois que acabar de comer, direto pra bacia de água morna, lavar-se e trocar de roupa. Tem um *shortinho* de criança aqui que deve servir em você, não pode ir pra casa com o vestido nessas condições...

— Titina, termina de contar a história — disse Lara.

Todos voltaram a comer, e a Titina procurou lembrar-se de onde havia parado. Era difícil às vezes improvisar uma boa história; pior interrompê-la e perder o rumo.

— Onde foi que parei?

Mas já se lembrava: havia um príncipe do outro lado do rio espiando o que acontecia com Lua Branca, que a coruja acabara de pôr para dormir. A Titina achou que o príncipe já devia ter ouvido falar na história da coruja encantada, que era na verdade uma bruxa convertida em coruja por uma praga. Era bom que fosse assim para poder intervir, pois afinal a lenda da coruja/bruxa corraera mundo, como costuma ser com todas as lendas. Pois bem, o príncipe já ouvira falar da lenda, e então se lembrou de que a coruja/bruxa estava preparando algum malefício à linda menina, e ele, como bom príncipe, precisava salvá-la.

— Mas o rio era muito largo, e o príncipe não tinha tempo de atravessar ele a nado para salvar Lua Branca — disse a Titina, explicando por que o príncipe resolveu arriscar um tiro perigoso de tão longe.

— Mas naquela época já existia espingarda? — perguntou Lara.

— Não — disse a Titina, “*mas que garota perguntadeira*” —, se já tinha espingarda eu não sei, sei é que o tiro era de flecha.

— Ah...

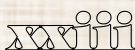
— Então o príncipe pensou em acertar a coruja, mas largou a flechada no momento em que ela voava de mergulho na direção da menina adormecida, e a flecha, atravessando o corpo da coruja varou também o peito de Lua Branca, que acordou na mesma hora!

A menininha preta abriu muito os olhos e a boca neste ponto da história, e Lara mordeu os lábios.

— Pois foi desse jeito. Lua Branca ficou sentada olhando o sangue correr, empapar sua blusinha nova, enquanto o veneno que havia na ponta da flecha foi fazendo ela ficar tonta, ficar tonta, até que caiu na beira do rio, rolou e as águas levaram o corpinho para longe, enquanto do outro lado o príncipe ajoelhava na areia, chorando. E assim se acabou a história. Pronto. Agora, Mariinha, pode ir apanhando a bacia e sentando dentro...

— Mas, Titina — disse Lara, que não se conformava —, e o príncipe?

— O príncipe? O príncipe chorou, chorou muito e... bem, a história do príncipe é outra, e muito mais bonita, mas essa eu conto outro dia.



E enfim havia anoitecido.

A noite, pensou Suzana debruçada à janela do quarto, é um grande silêncio. “*Os sons da noite*” pensou, “*os sons da noite...*” Mas se a noite é um grande

silêncio, por que isto agora de “os sons da noite”? Sobre a mesinha de cabeceira, uma vela tremeluzia. O quarto, uma quase absoluta escuridão; o jardim havia desaparecido, e se olhasse agora para onde se diria o horizonte, não veria nada pois o horizonte também desaparecera. “*Sim, os sons da noite, pois...*” e Suzana ouviu os sons da noite — não, é certo, aqueles sons comuns, daquela noite comum, mas os sons distantes e misteriosos de uma noite imponderável. Não, o jardim não havia desaparecido nesta noite, mas nessa outra que não se percebe de pronto e que existe mesmo quando faz sol, mesmo ao meio-dia, então Suzana pela primeira vez sentiu o tempo como uma ameaça, e os sons que ouvia agora não se assemelhavam ao rumor da água nas pedras, ao canto de uma ave noturna, a uma conversa informal em algum ponto da casa...

(— De noite todos os gatos são pardos — Suzana ouviu primeiro a risada espalhafatosa do encarregado e depois essa frase, dita a propósito de alguma coisa que ela ignorava, pois não ouvira o resto. Conversavam, Gumerindo e Cavalcanti, embaixo, na sala de jantar, mas sobre o que falavam?)

Suzana ouvia uns sons que faziam arrepiar os pêlos de seus braços: bocas que murmuravam adeus, gemidos de agonia, e de repente um silêncio ainda maior pois seria maior o silêncio da morte; cantos, vozes, risos que se haviam apagado e sobre os quais repousavam agora lápides, pétalas murchas, velas derretidas e esquecimento. E a vida também lhe parecia de súbito uma ameaça da qual não era possível escapar. “*O tempo...*” e imobilizando-se um instante, fechando os olhos para poder abri-los mais para dentro de si mesma, parando para escutar como nunca fizera em sua vida, conseguiu no mais profundo de seu ser captar aquele rumor extremo e que muito poucos, só os iluminados, conseguem ouvir: “*É o tempo que passa...*”

E assim, imóvel e sem respirar, Suzana ficou ouvindo passar o tempo.

— Ah, doutor José, se o senhor quiser ir agora... — disse o encarregado, seguindo-se um ruído de banco arrastado no assoalho e pés que transitavam embaixo (no escuro os sons se propagam com mais clareza, concluiu Suzana, pois duvidava de que durante o dia pudesse ouvir o arrastar de um banco ou passos na sala de jantar). “*Mas ir aonde? Aonde é que José pretende ir a esta hora?*” ela pensou, e em seguida ouviu quando bateram a porta da cozinha, e a pancada ficou em seus ouvidos, ficou no interior da casa, ficou na noite em que submergia mais, agora que estava só.

Sim, estava só: a neta, chegando após o jantar na companhia da Titina, sentia-se tão cansada que adormeceu em seguida, ainda embaixo, em seus braços. Fora um custo transportá-la para cima. Helena mal beliscou a comida, retirou-se com uma vela para o quarto (não torcera o nariz ao quarto onde passaria a noite — a cama com lençóis limpos, o chão ainda úmido, cheirando a desinfetante): parecia muito interessada no diário, e por certo não o deixaria de lado até lê-lo todo, mesmo à luz de velas. O marido acaba-

ra de sair acompanhando o encarregado — para onde, não conseguia imaginar.

Assim, o mistério rondava.

— Francamente — havia dito Cavalcanti naquela tarde, enquanto ainda se refazia da surpresa —, não consigo compreender...

Suzana moveu a cabeça devagar, os olhos fixos na imagem.

— José... — diz.

Cavalcanti, notando-lhe a expressão conturbada, acerca-se mais da esposa, que levanta o rosto:

— Por enquanto... ninguém mais deve saber disso... — e indicou o retrato.

— Mas... por quê?

— Não me faça perguntas por agora... só me prometa que não dirá nada a Helena, nem a Lara...

— Sim — Cavalcanti anuiu —, se é o que quer...

— Sr. Gumerindo — ela diz, voltando-se para o encarregado —, o senhor ouviu, não? Mantenha discrição acerca deste retrato. Não queremos que mais ninguém saiba de sua existência por enquanto.

— Sim, senhora, dona Suzana, pode ter confiança.

Gumerindo afasta-se, Cavalcanti e a mulher sobem para a varanda:

— Suzana... você sabe de alguma coisa que eu não sei?

— José... a seu tempo eu creio que tudo irá se esclarecer... mas a seu tempo... tudo a seu tempo.

Sozinha em seu quarto, Suzana põe-se a examinar uma vez mais o retrato: a fotografia era de excelente qualidade, pois o papel — um cartão espesso e resistente com timbre em alto-relevo — não amarelara nem a imagem perdera a nitidez. As margens apresentavam umas poucas esfoladuras e numa das pontas, que fora dobrada, formara-se um vinco; no mais, porém, protegido todo o tempo dentro do envelope, encontrava-se conservado, e o rosto — o resplandecente rosto de uma adolescente de treze anos, “*o meu rosto quando menina*” — não sofrera qualquer dano.

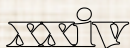
No verso, uma dedicatória a lápis, quase apagada:

*Ao bom amigo Célio,
para que se desfaça a má impressão — quem sabe a mágoa — que certamente lhe causei. Estou segura, meu amigo, de que em sua generosidade irá me perdoar, poderá talvez compreender-me. E no mais, que não se esqueça de mim, não da que sou hoje, mas daquela que você admirou — e amou — um dia.*

Rosinha

Rio de Janeiro, 25 de março de 1938

— Célio... Rosinha... quem terá sido Rosinha?



Então Helena virou mais uma página, levantou o rosto momentaneamente e piscou várias vezes: sentia as vistas cansadas pois não tinha o hábito de ler à luz de vela, mas não pensava em parar.

Já não tinha importância o final de semana perdido: havia encontrado algo que poderia salvá-la, e agora se interessava apenas em decifrar a letra confusa que enchia centenas de páginas e o enigma da existência por trás dela; e à medida que avançava em sua investigação descobria a si mesma na dor subjacente em cada parágrafo, no desencontro, nos caminhos desertos percorridos em busca de algo que não seria encontrado e cujo nome não podia ser dito.

“Quem teria buscado tanto pela vida, para no fim só encontrar a morte?” ela pensou à medida que lia, pois conquanto tivesse vencido sua curiosidade, evitando ler a última página, antevia o que lá estava, pois cada frase, cada palavra, cada reticência falava da tragédia, prenunciava a tragédia.

Jogou a cabeça para trás por um momento, espiando o forro de madeira do teto onde goteiras haviam desenhado manchas, e concentrando-se nessas manchas podia visualizar montes, rios, casas — paisagens fantásticas de um mundo fabuloso; ou rostos distorcidos, corpos deformados, aleijões — uma anatomia martirizada pelo horrível, pelo medonho.

Quando interrompia a leitura, como agora, Helena fechava os olhos e sentia medo: parada diante da vida como diante de um muro, esperava sempre vislumbrar nele o caminho, a passagem secreta, a revelação, mas o muro não se abria. Essa impossibilidade deixava-a aturdida e insegura, mas viva, inteira. Agora, porém, que o muro começava a abrir-se, que o segredo do caminho através dele começava a revelar-se, sobrevinha o medo, e ao mesmo tempo fascinada e apavorada Helena prosseguia na investigação da dor, da sua própria agonia, sem saber se ainda estaria inteira no final. Com certeza continuaria viva, mas em quantos pedaços partida? Quantos estilhaços seus veria espalhados ao redor quando chegasse ao fim?

Lá fora, o mundo fechava-se com a noite: ainda há pouco ouvira os passos do pai subindo as escadas, e depois a porta de seu quarto batendo de leve. Seguiu-se um curto diálogo entre ele e a mãe, meio sussurrado, e quase ao mesmo tempo, na outra cama, sua filha se mexera, ressonando alto.

Para Helena, contudo, apenas esse novo mundo que penetrava podia significar uma possibilidade. Por isso esfregou o rosto com as mãos, acomodou-se melhor entre os travesseiros e continuou sua iniciação.



O Diário de Bordo

22 de Maio de 1930

Este é o início do meu diário de bordo,
din, meu diário de bordo, porque sou
navegante de vida, este grande navio que
nos leva para algum lugar que desconhecemos.

É estranho como este navio parece à deriva
à vista, mas é exatamente aí que ele está
navegando em seu rumo certo. É um modo sabi-
goz — e podemos ter certeza — de não estar
goz sendo enganado pelo camuflamento, por-
to continuo de que pensamos nunca semo-
nos, camuflar não próprio navio.

Εάν η βέλτη με βάση ποσοστό υαρού-
ου είναι καλύτερη τότε βέλτεται με τη βέλτη

(...)¹ ou para empregar uma imagem mais lírica (pois a vida é lírica, profundamente lírica, sempre!), como esse navio às vezes parece ir com todas as suas velas abertas ao vento!, com parece voar sobre as águas feito um grande pássaro branco — uma gaivota, um condor — cuja única verdade é o movimento de suas asas e a amplidão que se estende à sua frente! Mas como nos enganamos então, pois se perguntamos “aonde vamos com tanta certeza e segurança? Que porto espera esse navio veloz?”, que respostas teremos a estas perguntas traiçoeiras?

¹ 22 de maio de 1930

Este é o início do meu diário de bordo, sim, meu diário de bordo, porque sou navegante da vida, este grande navio que nos leva para algum lugar que desconhecemos.

É estranho como este navio parece à deriva às vezes, mas é exatamente aí que ele está navegando em seu rumo certo. É quando sabemos — e podemos ter certeza — de não estarmos sendo enganados pelo comandante, pois ao contrário do que pensamos nunca somos nós a comandar nosso próprio navio.

Como às vezes ele segue a todo vapor — (...)

Este é o início do meu diário de bordo — mas, por que só agora começo a redigir um diário? Por quê, se viajo — se meu navio enfrenta o mar encapelado, se o pássaro está com as asas abertas e traça uma linha branca no espaço — há tanto tempo?

Completarei trinta e dois anos em breve, e só agora começo a redigir meu diário — oh, o quanto velejei sem que ninguém soubesse ou pudesse saber, e se eu morresse antes quem iria conhecer meus rumos percorridos? Não que eu pense haver quem os queira conhecer, nem mesmo posso afirmar que os quero dar a conhecer ao mundo, e o mais certo é que tudo isso permaneça em segredo. Pretendo apenas organizar minha viagem, anotar as rotas, registrar os ventos e as tempestades, e quanto ao mais, continuar à deriva.

24 de maio de 1930

Quem irá ler isto?, pergunto-me dois dias depois de iniciar meu diário de bordo, e esta pergunta deixa-me suspenso. Baixei os olhos para a página em branco, a pena imobilizou-se sem tocar o papel, minha mão tremeu levemente. Quem irá ler isto?, mas de imediato me dei conta de que não estou escrevendo para ninguém, a não ser para mim. Releio o último parágrafo e vejo que é mesmo este o meu propósito: anotar as rotas mas continuar à deriva.

Por certo a ninguém vão interessar estas linhas, que ora estarei escrevendo deitado na cama num quarto de hotel, ora na mesa de um restaurante, ora no convés de um navio... É apenas um modo simples que encontrei de conversar comigo mesmo, pois já não tenho com quem conversar.

Estou só.

Não desejaria estar só agora, e pode ser que alguém em algum lugar estivesse desejando fazer-me companhia, mas vejo que tomei um caminho esquisito, perdi-me de meu verdadeiro destino, e resta-me apenas continuar à deriva, na expectativa de reencontrar meu curso em algum momento.

Não será impossível, a vida é longa, a menos que eu morra de repente. Se eu morrer de repente, tudo então se apagará à minha volta, e o que quer que seja que estou procurando não fará mais sentido. De certa forma seria esta uma solução plausível. Mas se eu viver muitos anos, então, feito um navio, a qualquer hora poderei avistar a costa, serei alcançado pelo fecho de luz de um farol, chegarei a um porto.

Bem sei que ninguém haverá de ler isto — nem minha mãe, minha pobre mãe que não me ama, nem você, minha prima, que me amou em sua adolescência e de quem fugi sem saber por quê. Penso que estas páginas hão de perecer comigo, e meu segredo continuará guardado.

.....

16 de julho de 1930

Ocorre-me ocasionalmente uma fantasia, a de que alguém em alguma época estará lendo meu diário de bordo.

Não penso propriamente em minha mãe, a quem poderei, quem sabe, a certa altura de minha vida entregar estas anotações para que através delas me conheça melhor, ela, que nunca soube de fato quem era seu filho (se bem que eu tampouco saiba com alguma certeza quem foi minha mãe). Pode ser também que ela mesma tome a iniciativa de, subrepticiamente, abrir este caderno, numa de minhas raras visitas à fazenda, por acaso esquecido numa gaveta ou largado em cima da cama quando eu sair para um passeio matinal — e às mães pode-se perdoar uma tal indiscrição, pois às mães perdoa-se até mesmo a indiferença.

Não, a fantasia que me ocorre é um tanto romântica, coisa de livros de literatura: este caderno, perdido durante muitos anos (onde? como?... mas isto são apenas detalhes irrelevantes), acaba sendo encontrado por alguém que, motivado pela surpresa, abra na página de rosto e, constatando tratar-se de um diário, se sinta curioso e sem culpa de invadir o segredo de alguém, pois tantos anos ter-se-ão passado desde a morte do autor que já não faz sentido mesmo conter a curiosidade. Então essa pessoa há de ler as primeiras palavras — decerto com alguma dificuldade, pois reconheço que minha letra, embora legível, torna-se às vezes um tanto “rebelde” quando a caneta corre com muita liberdade e rapidez sobre o papel...

O papel já estará amarelado então, possivelmente as traças terão comido as bordas das folhas, mas ainda assim a pessoa — se for uma pessoa sensível além de curiosa — avançará na leitura e saberá que em alguma época houve alguém que sou eu, que resolveu registrar o desvario de sua vida em um diário onde tudo poderá ser escrito, menos sua verdadeira história, e se assim for quero neste ponto deixar uma mensagem para esse leitor — ou leitora — de algum dia longínquo no futuro: o que eu escrevo é qualquer coisa, menos minha verdadeira história, pois esta nem eu mesmo conheço; o que tenho como certo é que às vezes eu não chego a reconhecer o rosto que vejo no espelho do lavabo ao fazer as abluções matinais, e a impressão que tenho é a de que uma pessoa estranha vive em mim e me olha lá de dentro, essa mesma que resolveu escrever um diário para ocultar de todos a verdade sobre sua existência.

24 de julho de 1930

Hoje, enquanto estive sentado num banco de praça, nesta Paris da Noite de São Bartolomeu, da Notre Dame de Victor Hugo, veio sentar-se ao meu lado um velho com seu cachecol e sua bengala.

Todos os velhos se parecem, com seu cachecol e sua bengala.

Veio, pois, e sentou-se ao meu lado. Tirou do bolso do sobretudo um

pouco de fumo e começou a preparar um cigarro. Só falou comigo após a primeira tragada.

Olhei-o bem: era um velho como todos que usam cachecol e bengala. Tinha o rosto cheio de rugas, e os olhos desiludidos. Contou-me um caso de sua juventude: um caso banal de amor. Tivera desde a infância uma paixão secreta pela filha de uns vizinhos, e certa vez conseguira espiá-la no banho, pela fechadura. “Como não me lembrar do que, no entanto, vi uma só vez na vida?” disse com um sorriso, exibindo os dentes enegrecidos pelo tabaco. Por timidez, nunca se declarou à garota, que se fez moça e casou com outro. Pouco tempo depois o jovem casal mudou-se e, disse-me ele, “não a vi mais por quase trinta anos. Quando a revi, não era mais aquela por quem eu me apaixonara”.

Dito isto, ficou em silêncio, pitando, a fumaça branca do cigarro misturando-se à névoa. Depois sorriu, “é assim com todo mundo, não é?”, fez uma pausa, “ninguém permanece o mesmo”.

“E se eu tivesse me casado com ela?” como que pensou em voz alta, pois é certo que já não falava comigo, “como seria?” e então se levantou do banco e foi embora. Como se houvesse aparecido ali apenas para me contar um episódio banal de sua vida pequena e depois ir-se. Mas numa coisa ele tinha razão: ninguém permanece o mesmo. E é na trivialidade das observações cotidianas que podemos descobrir mais sobre a existência, e nenhum aprendizado é tão longo nem tão descabido.

26 de julho de 1930

Anita contava-me histórias e abraçava-me com jeito de mãe.

Anita sempre me abraçou assim, por isso às vezes eu a chamava “mãe Anita”, o que a deixava feliz. Quando lhe escrevo, é assim ainda que me dirijo a ela em algumas ocasiões. Estou longe, mas quase posso ver seu sorriso ao ler esse tratamento carinhoso nas cartas, seu sorriso e seus olhos úmidos.

Anita, a mulher de Jorge, minha mãe: sim, foi desse jeito que ela me amou.

6 de agosto de 1930

Passei dez dias distante do meu diário de bordo. Há épocas assim: distancio-me de tudo, exilo-me dos meus próprios pensamentos. Mas isto vem se tornando cada vez mais difícil. Experimentei embriagar-me, mas só o consegui nos primeiros dias, depois cansou-me, por isso não consigo compreender como pode alguém tornar-se um bêbado contumaz.

Pensei também em furtar alguma coisa, nada de valor: poderia por exemplo em entrar numa loja e apanhar uma peça qualquer, um bibelô de porcelana, uma xícara, algo assim, e depois sair com o objeto no bolso sem que ninguém tivesse notado meu gesto, sentindo-me ao mesmo tempo vitorioso e

ladrão — mas desisti. E desisti não por ser esse um gesto feio, não porque levaria a pecha de ladrão nem pelo risco de ser surpreendido: desisti porque seria um gesto sem sentido, que não me proporcionaria satisfação alguma.

Tampouco as prostitutas conseguem satisfazer-me, a não ser por instantes.

Ora, o mundo é feito de bêbados, ladrões e prostitutas: se não posso encontrar-me num desses três grupos, por que continuar nele?

10 de agosto de 1930

(...) Nada disso me satisfaz porque não vejo o sentido de estar aqui. Ali está um coletor de lixo, adiante uma mulher entrou e fechou uma porta verde (poderia ser vermelha, ter qualquer cor), e se apuro os ouvidos ouvirei um cão latindo em algum quintal. Tudo isso coexiste, tudo faz parte do lirismo da vida como os acordes fazem parte da melodia, e quando uma coisa cessa — se a mulher que fechou a porta não voltar a fechá-la por ter morrido esta noite — é como um acorde que silencia, mas outros se sucedem e a melodia continua, os instrumentistas estão sempre prontos, sempre a postos, jamais adormecem quando tocam sua música de outono.

Os instrumentistas invisíveis da vida, quisera conhecê-los pois aqui estou eu movido, tocado, impulsionado para adiante por mãos que não vejo nem sinto, mas de cuja existência não posso duvidar.

.....

18 de setembro de 1930

Lembro-me às vezes de Jorge. Não conheci meu pai, mas conheci Jorge, que se fez pai para mim, apesar de ser apenas o encarregado da fazenda. Por outro lado, conheci minha mãe, e ainda assim busquei o amor materno junto aos empregados.

Não quero culpar minha mãe, que talvez me tenha amado à sua maneira. Terei de culpar-me também, se o fizer, pois que filho eu fui, afinal? Polido e formal, falando-lhe como um estranho, cerimoniosa e friamente. Ela distanciou-se de mim e eu dela. Se me perguntarem se a amo, se a amei, não saberei responder.

Se me perguntarem se pretendo voltar para casa, da mesma forma não saberei responder, mas é certo que não consigo imaginar-me de volta, nem mesmo a passeio, por uns poucos dias. Penso que viverei ao léu toda a minha vida, que pode ser longa ou curta. Penso, todavia, vez por outra, que talvez um dia, quando esteja velho, eu retorne àquelas serras, à fazenda, ao jardim, e só vá encontrar ruínas.

Que posso dizer do futuro, a não ser que nada sei sobre ele?

Não, peço que não me perguntem nada, há momentos em que desejo apenas estar dormindo.

19 de setembro de 1930

Ontem escrevi sobre Jorge, que foi um pai para mim, e assim como eu não tive um pai (pois se não o conheci é como se não tivesse tido), eu fui para ele o filho que Anita, sua mulher, não lhe pôde dar, pois Anita não podia ter filhos.

Lembro-me de como ele me punha ao colo e, acariciando-me os cabelos, perguntava-me “quem é o menininho de Jorge?” e eu, voltando-me e agarrando-lhe as orelhas sorria dizendo “eu sou o menininho de Jorge”, e ambos ríamos a valer.

Às vezes saíamos a passear pelas terras da fazenda, e Jorge contava-me histórias do tempo antigo, lendas dos escravos, fatos que havia escutado de seu pai e até mesmo de seu avô. Falava pouco de si, dizia sempre palavras de carinho acerca da mulher, com quem se casara muito jovem e a seu modo fora feliz, mas jamais o ouvi mencionar aquela por quem havia se apaixonado de fato, uma menina da casa que se chamava Glenda.

Eu nunca soube ao certo a história de Glenda, apenas que em sua adolescência Jorge, filho de serviçais, gostara dessa menina que era prima de minha mãe e portanto filha de uma família notável. Deveria parecer um despropósito para todos que um simples serviçal de roupa remendada e pés no chão pusesse os olhos numa menina elegante, rica e de ascendência ilustre. Pelo que ouvi acerca desse caso, no entanto, parece que Jorge era correspondido em seus sentimentos, mas tudo decerto não passava de coisas da adolescência, e seria muito pouco provável que a menina rica viesse a aceitar uma ligação tão desigual, e mesmo que isso lhe passasse pela cabeça, a família decerto impediria.

No entanto sobreveio a tragédia, santo Deus!, e tudo se acabou de forma tão horrível! Pobre Jorge!

28 de novembro de 1930

(...) Mas eu continuo aqui, parado à porta — deste armarinho, deste hotel, deste restaurante, e deixo as pessoas passarem por mim como se isso não fosse um ato definitivo, como se pudesse trazê-las de volta e pará-las à minha frente e falar-lhes de minha agonia. (...)

1º de janeiro de 1931

Início o ano viajando, e aqui estou neste trem que cruza os Alpes e me oferece de sua janela uma vista de grandiosidade e beleza incomuns!

(...)

Uma senhora idosa dormita ao meu lado. No banco em frente seguem um cavalheiro gordo e uma criança, uma menina de doze anos que deve ser

sua filha. O cavalheiro lê o jornal e a menina presta atenção ao que eu faço. Ela vê que eu escrevo, e em certo momento sinto um impulso de encará-la e sorrir para ela, mas tenho receio de que isso possa desagradar ao pai. Não obstante é isso o que faço e a menina fica encabulada, mas responde ao meu sorriso. O cavalheiro gordo nem notou, e nesse momento de comunhão entre mim e a criança existimos apenas nós, eu e ela, e estou certo de que um dia, quando eu estiver morto e alguém ler isto há de compreender que aquele foi um momento único, ímpar, porque me entreguei por inteiro num sorriso — o que jamais fizera antes, e como retribuição obtive de minha parceira o sorriso mais puro e belo dentre quantos tenho visto.

Então voltei a olhar pela janela e me lembrei de minha prima Ana Luíza — ela sorria como essa menina, e me amava

(...)

Perdoe-me, Ana Luíza, perdoe-me, e console-se (embora eu não o possa saber, embora eu não queira duvidar de que se tenha tornado uma mulher feliz, pois fazê-lo seria acrescentar ao meu coração um peso, uma culpa de que não me poderia redimir), pois eu estou partindo sempre, viajando sempre, distanciando-me, e se com isso lhe roubei algo, não obtive compensação alguma (como não a obteria se acaso devolvesse aquilo que roubei).

Ah, minha pobre prima que cometeu uma loucura: entrei por um caminho que há de levar-me ao abismo, e não posso voltar atrás porque há lobos soltos na estrada para devorar os que voltam.

20 de janeiro de 1931

Toda família tem seus mistérios, e a minha não é uma exceção.

Em toda casa acontecimentos convertem-se, com o correr dos dias, em lendas. Nunca se poderá dizer: “foi dessa forma que aconteceu”, porque os acontecimentos se transformam com o tempo, com o modo de cada um lembrar-se deles. Mas isso não importa: a lembrança deles é o que importa, é quando eles ressurgem assim transformados numa narrativa que podemos desfrutar seu encanto.

Anita, lembro-me bem, muitas vezes enquanto preparava o almoço contava-me — como Jorge — histórias da fazenda. E eram bonitas as histórias que contava. Sim, bonitas e tristes.

Mas a desgraça de minha prima Ana Luíza não é uma história antiga — não é *ainda* uma história antiga — que possa ter sofrido transformações a lhe imprimirem o caráter de lenda: os fatos estão presentes na memória, e creio que deles ninguém vai se esquecer tão cedo.

21 de janeiro de 1931

Se eu escrever em meu diário de bordo a história que digo minha, estarei narrando os acontecimentos da maneira como os estou vivendo. Se alguém

um dia viesse a ler o que escrevo, talvez tivesse uma outra compreensão, pois não é certo que cada um lê uma história de uma maneira diferente?

Mas não preciso preocupar-me em contar nestas páginas uma história específica: minhas meras anotações — onde estou, para onde vou, o que penso, o que vejo, como reajo aos acontecimentos —, tudo isso compõe a minha vida, e não importa como vai aqui registrado. Penso que o importante é como seria lido algum dia, se algum dia viesse a ser lido por alguém.

23 de janeiro de 1931

E às vezes volto a pensar como seria se me lessem daqui a... quantos anos?, vinte?, trinta?... Que impressão terei de causar, que reações terá aquele que ler minhas divagações, meu esboço de literatura, pois eu não pretendo fazer literatura, mas um diário acaba se tornando um livro, quer o queiramos, quer não. Francamente não sei que fim terá estas escrevinhações, aonde irá parar meu “diário de bordo”, caso eu mesmo não o venha a destruir algum dia. É possível que chegue o momento em que eu me decida a rasgar suas folhas, a queimá-las até que sejam convertidas em cinzas e, como as cinzas de alguém que preferiu ser cremado após a morte, as atire em qualquer lugar como um símbolo da minha própria inanidade. É possível, contudo, que ele se preserve, que de alguma forma fique guardado em algum lugar e uma pessoa num futuro distante o encontre e se ponha a ler.

Não, eu não me envergonho de registrar aqui minhas fraquezas, mesmo correndo o risco de serem descobertas um dia, pois não estarei mais presente para corar. Por isso penso em como seria se alguém daqui a trinta anos ou mais encontrasse este diário e se pusesse a ler. Talvez me achasse piegas, ridículo, talvez dissesse consigo mesmo “esse sujeito não tinha mesmo o que fazer! O que lhe faltava para reclamar tanto da vida?” Bem, para uma pergunta assim eu não encontro uma resposta plausível, pois é certo que eu não tenho mesmo nada para fazer, nem de bom, nem de mau, mas é certo também de que em momento algum eu reclamo da vida. Não, a vida é boa, o mundo é bom, com as inevitáveis ressalvas, e a humanidade de qualquer forma segue em frente. O que não é bom é estar fora do jogo e não ter como entrar nele; o que não é bom é ser uma peça que não se encaixa com as outras. Serei eu essa peça? Onde estará meu lugar no jogo?... Ah, no fim das contas me apercebo de que estou tergiversando, divagando, perdendo o fio da meada...

Mas eu me sentiria no jogo se pudesse ter certeza de que algum dia alguém, encontrando minhas anotações, encontrasse uma utilidade para elas, ou encontrasse através delas um caminho, uma via de segurança e certeza. Se assim for, contudo, eu não poderei saber. Posso no máximo imaginar alguém debruçado sobre essas páginas então já amarelecidas tentando decifrar minha letra confusa, e com algum otimismo acreditar que a leitura lhe seja proveitosa.

05 de outubro de 1931

(...) Por acaso ontem recebi correspondência de Brenda, minha ex-mulher. Dizia-se com saudades, ainda me tem muita afeição (segundo suas palavras), e gostaria de ver-me agora que decidiu mudar-se para a Europa. Respondi-lhe que continuarei em Arles até o final de novembro, percorrendo os mesmos caminhos, as mesmas tavernas que Van Gogh percorreu, vendo essas paisagens que nas telas do pintor holandês têm muito mais de mistério e assombro que ao natural (talvez o próprio assombro do mestre diante da vida). Estarei em Arles, e esperarei por Brenda. Somos — e seremos — amigos, e nosso encontro, que antevejo revestido de uma doce melancolia, poderá dar-se em qualquer lugar, poderemos passear de mãos dadas e ir a algum café, passaremos as tardes andando à toa e talvez falemos sobre Van Gogh. Poderemos estar juntos por uma semana, mas vai chegar a hora de nos despedirmos.

Será bom esse encontro, Brenda, mas estou certo de que, correspondendo à alegria que você trará para mim com seu olhar brilhante e suas palavras, com sua afeição sincera e suas mãos mornas, terei apenas minha desilusão para lhe dar.

12 de janeiro de 1932

E agora que atravesso o mar — e quantas vezes atravessei o mar, este mar, outros mares, qualquer mar — lembro-me de que na fazenda havia um açude. Havia também um barquinho a remo. Na minha infância o barquinho já estava imprestável e o açude, cheio de mato e muito sujo, não era mais bonito como devia ter sido quando tia Rebeca administrava a propriedade. Este mar — este imenso mar — não é maior que o açude da fazenda, embora seja, de qualquer forma, muito, muito maior.

O que eu quis dizer com isso? Não compreendo, às vezes, meu pensamento, mas já que escrevi... não vou riscar a página, pois não gosto de rasuras (há bem poucas até aqui), nem vou arrancá-la, pois de que adianta arrancar uma página com uma frase que não compreendo, se não posso arrancar os dias menos compreensíveis ainda da minha existência?

Do que me lembro é que este mar — este e qualquer outro — já carregou multidões em muitos navios, e já carregou multidões também para o fundo. No açude da fazenda havia apenas um barquinho a remo (um navio não seria possível), e nele cabiam duas pessoas.

A que vem tudo isso? A nada... a não ser que tudo tenha um propósito, até eu estar escrevendo essas coisas como meras reflexões. Mas meras reflexões conduzem apenas a outras reflexões, que conduzem a outras, e a outras... e assim interminavelmente.

Oh, meu Deus, onde irei parar?

5 de abril de 1932

(...) não consigo imaginar-me velho, e temo que isto seja um prenúncio de que não envelhecerei.

Morrer jovem não me preocupa. Não temo a morte, por estranho que pareça, pois não tenho raízes. Não me apeguei a nada, a vida parece-me escorregadia e se de súbito atinjo suas bordas e caio, será como cair no vazio — e assim será minha morte.

Com as crianças tampouco tenho a aprender, pois jamais compreenderei sua alegria. Como não tenho — e não terei — filhos, não compreendo as crianças, não aprendi sobre elas, e acho que agora não é mais tempo de preocupar-me com essas coisas. (...)

7 de setembro de 1932

Acontece que hoje, outra vez, lembrei-me de Ana Luíza pois, ao atravessar a Alameda das Acácias, no Bois, vi um casal de adolescentes que passeava. A menina — quem será aquela menina? —, travessa e inquieta, corria de um lado para outro, falava, chamava pelo companheiro, curvava-se para apanhar uma flor e, com as faces coradas e um sorriso muito branco aproximava-se do rapaz e lhe oferecia a flor recém colhida. Personificava a grande paixão pela vida que se abria inteira diante dela, feito uma rosa. O rapaz, contudo, parecia ver nas traquinagens da garota apenas sintomas de uma infância tardia, embora não reconhecesse em si mesmo a precocidade de sua sisudez: não teria mais de dezesseis anos, enquanto a menina talvez não tivesse ainda catorze. Éramos assim Ana Luíza e eu, quando passeávamos pelo jardim da fazenda. Certa feita ela apanhou uma flor na relva e veio pô-la em minha camisa. Recordo bem que tal gesto pareceu-me pueril demais e irritou-me. Não devo ter feito boa cara, mas minha prima não se importou — fingiu não se importar, e sorriu-me dizendo que eu ficava muito bem com aquele enfeite.

O que veio a acontecer-lhe depois não teria sido uma decorrência de minha decisão de deixar a casa, a família, meter-me no mundo como se o mundo tivesse muito para oferecer-me? Por que Ana Luíza foi entregar-se, ainda menina, ao tio, um homem maduro a caminho da velhice?

Estarei errado em pensar que a doce menina que me amou na infância quis, com seu sacrifício, vingar-se de mim?

28 de setembro de 1932

Minha prima, minha prima! Por quê? Afinal, você só tinha dezesseis anos!...

1º de outubro de 1932

Quantos fantasmas assombram aquele lugar e os que vivem nele, eu penso agora, mas naquela época eu, garoto curioso ouvindo Anita falar enquanto suava no fogão a lenha, punha atenção em suas palavras e depois corria até Jorge: “Jorge” eu dizia, “me explica isto direitinho...” É que eu gostava de ouvir a mesma história duas vezes, contada de forma diferente.

Volto a pensar nessas histórias por causa de minha última anotação, no dia 28. Por que Ana Luíza fez o que fez?, eu perguntei então.

Mas, e Célio? Teria sido unicamente o desejo que o levou aos quarenta e quatro anos a deitar-se com a sobrinha, uma quase menina?

É então que me lembro de um dos casos contados por Anita: uma vez lhe perguntei por que Célio vivia enfiado na biblioteca e não saía nunca. Anita fez uma cara séria, balançou a cabeça e ficou sem saber o que responder. Por fim, disse: “Seu Célio gostou de uma moça que não quis casar-se com ele”. Tal revelação me surpreendeu bastante: “Ora, e por causa disso precisa ficar enfiado lá o tempo todo? Por que não casou com outra?”, e Anita disse: “É que ele gostava muito da moça, e quando se gosta muito de alguém... Olha, tem gente que até perde o siso por causa de mal de amor”, e eu arregalei os olhos ainda mais surpreso: “Será que ele está maluco?”, “não” e Anita sorriu, “claro que não, é apenas esquisitice dele”. Depois de um minuto voltei a perguntar: “Será que ele espera ainda que ela volte e case com ele?”, mas Anita deu de ombros como quem diz “sabe-se lá?”. “E a moça?” eu disse, “Quem era? Era bonita?”

Anita puxava sobre a chapa do fogão uma enorme chaleira de água, mas interrompeu o trabalho e virou para mim a cara vermelha e suada: “Rosinha?”, ficou um instante pensativa, então disse: “Rosinha era uma moça linda, todo mundo ficava bobo de ver tanta beleza numa pessoa só, diz que até no Rio de Janeiro tinha falatório quando ela aparecia nos lugares chiques. Eu mesma nunca vi moça mais linda!”

Foi quando ouvi o nome de Rosinha Gonçalves pela primeira vez na vida.

2 de outubro de 1932

Eu era menino e me espantei quando Anita me falou de pessoas que perdiam o juízo por “mal de amor”. Era criança e não podia entender por que o amor é capaz de fazer alguém ficar doido. Hoje sou homem, e ainda não sei.

Creio que nunca ameí ninguém. Nem quando me casei estive apaixonado por Brenda, conquanto ainda não soubesse disso. Gostava dela, é certo, era uma jovem elegante, inteligente e bonita, tínhamos afinidades, mas pouco a pouco o tédio foi tomando conta de nós... Eu penso que Brenda continuaria comigo se eu não tivesse tomado a iniciativa de separar-me, então manteríamos um casamento como de resto é — penso eu — a maioria dos casamentos: uma convivência de costume, um mau hábito, uma espécie de roupa ve-

lha que as pessoas têm pena de jogar no lixo e vão guardando, conquanto saibam que não serve mais, que nem sequer vão usá-la outra vez.

Foi o tédio que fez com que eu me separasse de Brenda, não apenas o tédio da vida em comum, mas o da própria presença dela, que já enfasiava-me (conquanto eu nunca tenha dito isso a ela, pois Brenda era uma boa esposa e uma pessoa muito sensível, não merecia ser magoada dessa forma). Quando falei em separação ela olhou-me com surpresa, seus olhos se encheram de lágrimas e me perguntou se eu não a amava mais. Como responder sem feri-la mais do que já estava ferindo? Então eu disse a verdade, pois a verdade é sempre mais simples: respondi-lhe que eu decerto estivera enganado quanto ao meu sentimento por ela, e quando me decidira pelo casamento, fizera-o por não compreender meus próprios sentimentos e confundir carinho e admiração com amor.

Pois fora isso mesmo: julguei que o que sentia por Brenda fosse amor, mas depois me apercebi de que esse sentimento tão propalado e que parece desvairar as pessoas era desconhecido para mim.

5 de outubro de 1932

Eu devia ter onze ou doze anos quando Anita me falou sobre Rosinha. Depois ouvi outras referências a ela e à sua lendária beleza. Nunca cheguei a ver nenhum retrato seu, mas pelo efeito que causou em Célio, primo de minha mãe, devia ser mais que apenas bonita.

Anita disse que coisas muito tristes aconteceram a ela depois: fora seduzida por um homem, era o que todos sabiam, e roubada por ele. Mas Anita contou-me a verdade quando eu já era crescido o suficiente para entender — embora eu não tenha entendido muito bem os motivos daquele drama: fora tia Rebeca, a velha tia Rebeca, a matriarca, quem induzira o pai de Rosinha a expulsá-la de casa com algum dinheiro, pois ela se convertera numa prostituta e envergonhara a família. “Correu também o boato de que Rosinha fora espancada pelo homem que a acompanhava naqueles dias; diziam que era seu amante. O tal homem a teria roubado, deixando-a reduzida a nada, pobre infeliz”. “Mas o homem era então um miserável!” eu exclamei, tomado de revolta juvenil. Anita no entanto baixou a voz, cochichou em minha direção: “Mas você não vê que era tudo mentira?”, e diante de minha surpresa, confidenciou: “Não se comenta o que vou lhe contar... enfim, faz muito tempo e já é assunto morto, você deve calar-se... não foi o tal homem, foram uns vaqueiros contratados por dona Rebeca”.

19 de outubro de 1933

A guerra — agora dei de pensar na guerra, embora não esteja acontecendo guerra alguma nesta velha Europa no momento — apenas convulsões, isso sim, turbulências, ameaças.

Nunca estive em nenhuma guerra, mas um tio que não conheci morreu em combate — Lúcio, chamava-se Lúcio. Quem foi esse tio que não conheci? Que guerra foi essa?

Coisas sonhadas, coisas que não fazem parte da minha vida, coisas de que estou distante e estarei sempre. Comecei a falar em guerra neste ano de 1933 quando a Europa sofre às vezes um ou outro arrepio, um ou outro estremecimento (sei que a guerra virá, mas não me importa quando — não tomarei parte nela, não morrerei nela, tudo que diz respeito a ela é alheio a mim), depois me lembrei de um tio morto, e nesse instante revejo em minha mente a fazenda da prima Alice, penso em Ana Luíza e na nossa adolescência naquele jardim.

(...)

10 de novembro de 1933

O horror da tarde!

Por que me veio assim, súbita, esta idéia? Por que tanto me apavora às vezes este momento próximo do ocaso?

Não sei explicar essa mistura de sentimentos que me ocorre em tais ocasiões, quando estou só observando a tarde avançar: quantas coisas imagino, quantas idéias, quantas imagens, como música que eu escute apenas com a imaginação.

A aridez de um deserto; uma rua clara e quase vazia ao longo da qual se projetam sombras longas; uma paisagem vagamente definida, mas ouvindo-se em algum lugar dentro dela uma voz, uma mulher que canta, uns latidos de cães e depois o silêncio...

E quantas imagens mais vão se formando em minha mente perturbada! Confrange-me o coração, pois esta quietude dói, esta solidão que me persegue e que eu persigo, mas que não me satisfaz.

Neste exato momento estou parado deste lado da rua olhando para o outro lado, são três horas da tarde e não há quase ninguém. Esta é uma vila no interior da Itália, não há de qualquer forma quase ninguém nesta vila, e a cidade parece em certos momentos flutuar, erguer-se no espaço comigo dentro feito um balão, mas ficar parada ali, muito alto, como se agora o tempo já não passasse e tudo permanecesse imóvel e imutável.

Mas a dor se dissolve, alguém aparece à porta de uma casa e grita qualquer coisa para dentro, voltando o rosto, e em seguida dá um passo para a rua. Avista-me parado do lado de cá, mas isto não tem importância alguma: a pessoa — uma mulher gorda e grisalha — atravessa a rua remando em seu peso excessivo, passa próximo a mim com uma olhada amistosa e eu retribuo sorrindo, mal movendo os lábios nesse sorriso, mas o apelo, a súplica que decerto ela pode ver em meu olhar mostra-lhe que eu não sou estranho a ela,

pelo menos em espírito. Ela segue seu caminho, não vejo para onde, mas penso que entrou noutra casa logo adiante, e eu permaneço aqui: porém, cada um de nós levou um pouco do outro neste instante de comunhão, e isto não se desfaz assim...

Sinto-me momentaneamente feliz.

(Mas sei que esta felicidade é apenas um momento...)

20 de novembro de 1933

(...) Desejo estar vivo, desejo poder abrir os braços em plena luz do dia e sentir o peso de ser dia e de eu estar de braços abertos, e olhar a sombra projetada pelo poste de iluminação pública e compará-la com a minha própria sombra, e nessa comparação demonstrar a mim mesmo que estou vivo, pois minha sombra se move, mas a do poste não!

Desejaria que quando minha sombra não mais puder mover-se, alguém que encontrasse essas anotações, lendo-as, as compreendesse, e aprovando ou não qualquer ato de loucura que eu venha a cometer de repente, não se sentisse alheio à tragédia...

28 de julho de 1934

Barbeei-me hoje pela manhã na barbearia da esquina, e através da vidraça vi inúmeras pessoas que iam para todos os lados. Então fechei os olhos e tudo silenciou. Já não via as pessoas, já não estava na cadeira do barbeiro, e ouvia o mar.

De novo veio-me a idéia de atravessar o Atlântico mais uma vez.

Atravessar o Atlântico... como quem atravessa a vida.

1º de novembro 1934

O que é alguém decidir-se a fazer algo? O que comanda as ações humanas? Alguém dirá: a vontade. Mas eu insisto: o que existe por trás da vontade? O que determina as decisões da vontade, que mistério há nisso?

(...)

Alguma coisa determina a vida, outra a morte. Ambas são alheias à nossa vontade, pois não desejamos estar vivos antes de estarmos, e não desejamos morrer quando estamos vivos. Mas essa coisa misteriosa pode subverter sua ação à certa altura da vida, e sobrevir não o desejo, mas a necessidade de estar morto.

E quando sobrevier essa necessidade, o que poderei fazer? Como lutar contra ela? É certo, bem o sei, que não poderei lutar, enfrentá-la seria em vão, restar-me-á apenas submeter-me...

Estes são os prenúncios, sinto-os no ar como um cheiro, ou uma presença perturbadora de que não me posso libertar...

(s/ data)

Véspera de ir.
Atravessei o Atlântico, o Estige, a Vida.
Ancorei no Inferno.

.....
A necessidade, a terrível necessidade sobreveio, mas não me trouxe medo algum. Amanhã não estarei mais aqui, e para onde for não poderei levar meu diário de bordo.

Não é tempo para cartas de adeus. Apenas uma notificação a fim de orientar os que ficarem, e depois aguardar a chegada do barqueiro.

Caronte — Caronte se aproxima para levar-me, e na escuridão já ouço o ruído dos seus remos.



A Varanda



E o sábado amanheceu de sol.

Cedo Suzana abriu os olhos, pois um pássaro cantava num galho em frente a sua janela, mas o marido — que na noite anterior fora examinar a mulher do encarregado (“uma crioula forte” dissera ao deitar-se, “terá o filho em breve, e sem nenhum problema”) — ainda ressonava quando ela pôs as pernas para fora da cama. (No quarto ao lado Helena acordaria uma hora mais tarde. Abriria os olhos que pareceriam cheios de areia, pois o esforço de ler até tarde à luz de vela fora excessivo. Passaria as mãos pelo rosto, e, vendo o diário em cima da cama concluiria que adormecera com ele nas mãos. Lara, porém, acordando muito antes, levantou-se ainda sonolenta na ponta dos pés e foi para o quarto dos avós.)

Naquele momento Suzana abria a janela: o pássaro cantou de novo, sem se assustar com sua inesperada presença, e voou. Detrás dos montes, um resplendor anunciava a aproximação do sol, mas a paisagem, até onde podia avistar, continuava mergulhada na sombra.

Suzana respirou o ar fresco da manhã, fechou os olhos deliciada e sentiu a brisa como elfos que passassem.

Foi quando a porta do quarto se abriu:

— Vovó...

Lara, carinha de sono, os cabelos desalinhados, o pijama de xadrezinho muito comprido cobrindo-lhe os pés, detivera-se aí e esfregava os olhos.

— Psss... — fez Suzana, indicando-lhe o avô, e Lara recolheu os braços, espalmou as mãos estirando os dedinhos, e entrou no quarto na ponta dos pés.

Mas Cavalcanti mexia-se na cama, abria um olho, depois o outro, espiava em volta, espreguiçava-se. (Uma hora mais tarde Helena, ao pôr-se de pé e verificar no relógio de pulso que passava dois ou três minutos das oito horas, não faria nenhuma cara de aborrecimento: vestir-se-ia, desceria e, para surpresa da mãe, perguntaria com indiferença “onde posso escovar os dentes?”. Vendo a Titina entrar naquele momento com a chaleira de café — a Titina, que madrugara, “sempre levanto cedo, dona Suzana, com escuro”, preparada

para o novo dia saíra logo em seguida rumo à fazenda, “*pois a patroa vai precisar de mim*”, no que não se enganava; vendo, portanto, a Titina, Helena nem prestaria atenção à gaforinha da mulata, muito engraçada, presa num lenço quadriculado: afastar-se-ia para deixá-la passar, cumprimentando-a com um movimento de cabeça e um ensaio de sorriso, indo em seguida para os fundos da casa, onde já corria água numa biquinha improvisada pelo Gumercendo.)

— Não é preciso tanto cuidado — disse —, já estou acordado — e logo a menina saltava sobre a cama e abraçava o avô.

— Cuidado, Lara — advertiu Suzana —, seu avô não tem a sua idade.

Suzana penteava os cabelos. Para isso chegara-se outra vez à janela, de onde podia admirar o sol subindo detrás das montanhas.

— Um passarinho me acordou, vovó — disse Lara sentando-se, enquanto o avô continuava a espreguiçar-se, buscando coragem para arrancar-se da cama. No entanto era preciso, ele pensava, pois amanhecer na roça não é como amanhecer na cidade: se não se aproveitam as primeiras horas da manhã, perde-se a melhor parte do dia. Por isso decidira: levantaria cedo, sairia em seguida, mesmo em jejum, para fazer uma caminhada pelas redondezas. E então deu um salto feito um garoto, surpreendendo a neta.

— José! — advertiu Suzana. — Deixe de peraltice!

— Vou sair para caminhar — disse —, não posso perder as melhores horas da manhã.

— Vovó, eu disse que um passarinho me acordou.

— Oh, querida — e Suzana olhava o marido, que viera abraçá-la por um momento e se afastava, saía para o corredor, descia as escadas. “*Um moleque*” pensou e sorriu, “*está um moleque*”. — Sim, querida, também acordei ouvindo-o cantar.

— Teria sido o mesmo?

— Oh, por certo...

— Mas há tantos pássaros — e chegando-se à janela viu o céu, viu os pássaros que cruzavam sobre o jardim, ouviu o canto de todos eles, misturado, sem ordem, cada um por sua vez, mas nenhum em desarmonia, em desacordo, soando de forma dissonante.

— Tem razão, querida, há muitos pássaros.

(Uma hora mais tarde, quando se levantasse e saísse em direção dos fundos da casa para escovar os dentes no tanque, Helena também prestaria atenção aos pássaros — pela primeira vez desde que chegara prestaria atenção aos pássaros e compreenderia que aquele, como o anterior, não era um dia igual aos outros, pois se transformava e com todos os seus sucessos começara a transformá-la também. E Helena, após escovar os dentes, ficaria ali, escutando a manhã, na expectativa do momento seguinte como se agora cada momento pudesse trazer-lhe uma novidade, e o inesperado fosse de qualquer forma o melhor presente.)

Suzana terminara de aprontar-se. “Ajude a vovó a pôr o quarto em ordem” disse à neta, “mas primeiro venha cá, vamos penteá-la” e a advertiu de que não deveria descer vestida como estava. “Não vá sujar seu pijama, que não temos outro” disse, e começou a pentear-lhe os cabelos, tarefa em que costumava demorar-se muito tempo pois representava uma comunhão entre ambas, a velha senhora e a criança, a mulher que já vivera grande parte de sua vida e a menina que começara a viver a sua há tão pouco tempo... Lara, de pé à sua frente, olhava pela janela, fazia cara de desagrado quando a escova agarrava nos fios embaraçados, “eu já disse para prender os cabelos antes de deitar-se” ralhara a avó com sua natural mansidão, mas Lara não lhe deu ouvidos.

— Posso chamar a Mariinha para tomar o café da manhã conosco, vovó? — perguntou.

Suzana sorriu, beijou-lhe os cabelos.

— Pronto — disse, prendendo os cabelos da menina com uma liga —, agora vá trocar-se. Não faça barulho para acordar sua mãe.

Quando Lara retornou minutos mais tarde já não era a sonolenta que aparecera ali há pouco: com um *jeans* desbotado e um par de tênis velhos dizia-se pronta para todas as aventuras.

— Dobrar os lençóis faz parte da aventura — disse Suzana —, pegue nesta ponta...

— Fazer a cama também — riu-se a menina.

— Fazer a cama também — confirmou a avó —, pois tudo é uma aventura, se queremos ver como tal.

— Eu acho que teremos muitas aventuras aqui na fazenda, vovó — disse a neta enquanto esticava a colcha.

— Sem dúvida, querida. Então? Tudo pronto?

— Tudo pronto — Lara segurou a mão da avó.

Então desceram.

A Titina já aprontara o café e dirigiu-se a Suzana falando qualquer coisa sobre bolinhos de fubá, mas Lara não chegou a ouvir bem: precisava apressar-se para que menininha preta chegasse a tempo de fazer-lhes companhia, e saiu correndo em direção da casa do encarregado.

(Quando Helena passasse, pouco depois, pela sala e visse a menininha preta à mesa como se agora fizesse parte da família, ao contrário de seu costume não prestaria atenção, não ligaria tanta importância, conquanto preferisse estar só e fosse para a mesa só depois que todos se retirassem. Helena então tomaria o café servida pela Titina, e chegaria mesmo a sorrir com alguma timidez para ela, um tanto contrafeita. Mas a Titina não perceberia: perguntaria como lhe agradava o café, se mais forte, se mais fraco, com muito ou pouco leite; Helena, porém, responderia que ela estivesse à vontade pois podia servir-se sozinha, e a Titina voltaria para a cozinha, cantarolando.)

Passava um pouco das oito quando Cavalcanti regressou do passeio (no

quarto Helena punha-se de pé e, fora, a neta regressava da casa do Gumercindo acompanhada pela menininha preta), “não imaginam como andei” ele disse à mulher. Vinha suado, lavou os braços e o rosto na bica e secou-se na própria camisa. “Estou faminto” disse, e entrou.

Enfim todos se puseram à mesa: Cavalcanti à cabeceira sentia-se um patriarca; à sua direita Suzana debochava dele, brincando. Lara sentara-se ao lado da avó e a menininha preta, retraída, esperava que a servissem. Comeu um pouco encabulada, espichando os olhos ora para os velhos, ora para a nova amiga. Se não lhe oferecessem, não teria ousado comer outro bolinho de fubá e tomar mais uma xícara de café com leite. Ao se retirarem da mesa, foi a última a sair, acompanhando Lara que corria na direção da varanda e depois a chamava para um passeio pela estrada.



E agora todos se ocupavam com alguma coisa.

Suzana estava de volta ao quarto a fim de verificar se deixara tudo em ordem; pensou em passar a vassoura no chão para não incumbir dessa tarefa a Titina, que decerto teria outras ocupações. Fá-lo-ia ela mesma, e planejava para depois uma visita à mulher do Gumercindo, a quem vira somente na véspera e apenas de longe.

Helena se recolhera à varanda para prosseguir a leitura. Sentou-se numa das poltronas e abriu o diário. Como havia lido as últimas páginas já meio dominada pelo sono (até adormecer de todo), releu-as como a um romance do qual precisasse reencontrar o fio da história.

Cavalcanti queria conhecer os limites da fazenda, e para isso chamou o Gumercindo. Antes de sair foi ao quarto ter com a mulher: encontrou-a sentada na cama contemplando o retrato que seria da neta, ou dela própria, se no verso não houvesse uma data de muitas décadas atrás.

Suzana deu com a presença do marido quando ouviu seus passos no quarto. Permaneceu imóvel, evitando encará-lo. Sentia-se pouco à vontade diante da inexplicável semelhança com a adolescente da fotografia, alguém que vivera muitos anos antes de ela mesma nascer.

Cavalcanti se deteve por um momento, passou a mão pelos lábios sem saber se devia fazer alguma alusão ao caso ou esperar que ela o fizesse. A mulher antecipou-se, fez-lhe um gesto com a mão que segurava a fotografia, e Cavalcanti foi sentar-se ao seu lado.

— Ainda não se decidiu a mostrá-lo a Helena?

Suzana moveu a cabeça, não, ainda não havia tocado no assunto com a filha.

— O que você pensa disso? — perguntou.

Suzana moveu a cabeça, não tinha idéia acerca da semelhança, mas a dedicatória no verso sugeria um romance:

— Ela presenteou o amigo com este retrato em 1938 — comentou. — Pelo que diz, deve ter havido um caso de amor entre ambos, na juventude, talvez na adolescência...

Cavalcanti pegou o retrato e o examinou com maior atenção.

— Ao menos sabemos o nome dela — ele disse.

— E o dele.

— Sim, e o dele — concordou.

— Ele — disse Suzana —, Célio... penso que talvez fosse o morto na-quele funeral...

— É possível, Suzana.

— Mas não entendo a relação com aquela amiga de meus pais.

— Se a menina do retrato fosse uma antepassada sua — acrescentou —, como o retrato viria parar aqui, neste lugar?

— Uma grande coincidência, talvez?... — disse Suzana sem convicção.

Cavalcanti duvidava de que fosse, mas não lhe parecia mais plausível que não fosse. De qualquer forma, ali estava um enigma.

— Mas como decifrá-lo? — disse, e levantou-se.

Embaixo, o Gumercindo já o esperava. Saíram em seguida.



Então Lara teve uma idéia:

— Que tal se formos até a vila? — disse, e a menininha preta olhou-a a-bismada: ir até a vila? E fazer o quê na vila àquela hora? Para a menininha preta, essa garota da cidade era incompreensível.

— É longe — respondeu, com voz surda, avançando um passo e recuando quase ao mesmo tempo.

Não era longe, disse Lara estava certa, pois havia passado por lá no dia anterior. Se andassem bem, em vinte minutos chegariam, talvez em até menos tempo, e a menininha preta deu de ombros como se não fizesse diferença alguma ficar ou ir até a vila, nem ser perto ou longe.

— Será que a sua mãe deixa?

A menininha preta moveu a cabeça de maneira indefinível.

— Não seria melhor pedir?

— Pra quê? — ela disse. — Quando eu quero eu vou sem pedir.

— Então vamos! — decidiu-se Lara, e puseram-se a caminho.



Suzana estava novamente só, e podia pensar outra vez. (Não, a presença da Titina não importava: ocupada na cozinha, quando muito perguntaria

como preferia o frango no almoço, se inteiro e assado, com recheio de farofa, ou se cortado e frito em gordura de porco.)

Deteve-se diante da porta dos fundos: mais uma vez fustigava-lhe a curiosidade o amor da velhice de um homem (e então lhe ocorreu que aquela casa tinha suas histórias de amor).

— Titina — começou, e a mulata, que esquartejava o frango interrompeu o trabalho e voltou-se para Suzana. Mas esta ficou indecisa: deveria perguntar-lhe sobre aquilo? O que ela poderia saber, afinal?

Decidiu-se:

— Essa inscrição aqui, na porta...

— Sim, dona Suzana? — a Titina aproximou-se, secando a mãos na saia, e examinou o entalhe feito na porta pelo antigo encarregado.

— Você sabe quem era essa pessoa... Glenda?

A Titina olhava o desenho com atenção, como se fosse preciso examiná-lo minuciosamente para responder.

— Não senhora, dona Suzana... Glenda... É... a senhora sabe que eu nunca tinha prestado atenção nisso?...

Suzana parecia decepcionada.

— Na verdade, desde que seu Jorge morreu... — a Titina ajeitava a blusa, a alça do sutiã. Fungou, passou as costas da mão no nariz.

— Jorge... Era o antigo encarregado, não?... Você o conheceu? — e Suzana imaginou que Titina, com seus quase quarenta anos, devia ter conhecido Jorge.

— Enquanto era vivo eu vinha aqui, sim senhora, eu na época era bem moça... e ajudava ele, coitado, já tão idoso. Mas isso foi já em seus últimos anos de vida... — e retornou para a pia, para o frango que continuou a esquartejar.

Suzana afastou-se dois ou três passos. Iria agora à casa do Gumerindo conhecer a mulher dele? Por que não?, pensou, afinal não tinha nada melhor a fazer. Mas voltou à cozinha:

— Titina — disse, e mais uma vez hesitou.

— Sim senhora, dona Suzana?

Suzana olhou as formas arredondadas, volumosas, da negra. Sorriu.

— Jorge... como era ele?

A Titina não entendeu a pergunta. Ficou aparvalhada por um instante, e de novo esfregou o nariz com as costas da mão.

— Bonzinho, dona Suzana, um coração de ouro...

— Não, Titina, não é isso... o que eu quero saber é... bem, se era casado...

— Parece que viúvo, sim senhora... mas viúvo havia muitos anos.

— Ah...

E agora a Titina alternava-se: ora cuidava de cortar o frango, ora voltava-se para Suzana que, parada diante da porta, ainda contemplava a inscrição.

— A senhora deve de ter ficado curiosa com esse risco na porta... — disse a Titina.

— Hum? — e Suzana ergueu a cabeça, arrancada de sua momentânea distração. — Sim... é verdade... imaginei que... — mas conteve-se. Não seria ridículo comentar com uma camponesa rude suas considerações acerca do amor? Falar da história que havia imaginado sobre Jorge, velho, apaixonado por uma jovem que não poderia ter como mulher, escondendo seu amor sob aquele nome, fictício por certo. Então lhe ocorreu, de súbito, que a Titina... bem, ela mesma dissera há pouco que vinha ajudá-lo em seus últimos anos... que idade ela teria então? Pouco mais de vinte, ela pensou, e de esguelha considerou as formas da Titina, em sua imaginação fê-la recuar no tempo, descartou uns quinze ou dezesseis anos (e algumas dezenas de quilos) daquele corpo imenso e vislumbrou a mulata bonita que seria na juventude. “*Teria sido ela?*” Suzana pensou voltando-se para o desenho, fingindo examiná-lo mais uma vez. Se Titina a surpreendesse olhando-a daquele jeito, por certo não compreenderia, ficaria embaraçada, “*ficaríamos ambas embaraçadas*” pensou.

Não sabia o que pensar: teria sido mesmo a Titina esse amor que fizera florescer mais uma vez o coração quase apagado do velho Jorge?

— Sabe — disse sem pensar —, é que...

Interrompeu-se. A Titina terminava de cortar e lavar o frango, e punha os pedaços numa tigela com tempero.

— Imaginei — mentiu — que Glenda fosse o nome da esposa dele... mas se era viúvo...

E saiu. Iria visitar a mulher do Gumercindo.



— Vim pra cá frangote novo, doutor — dizia o Gumercindo enquanto apontava. — Molequinho ainda, se lhe digo. Por isso conheço bem tudo por aqui. Lá, por exemplo...

E Cavalcanti prestava atenção à fala do caboclo que, com extroversão, estendia o braço, o indicador espetado:

— Por trás daquele morro lá adiante... — dizia, pois as terras da fazenda se estendiam além. — Mas vai ter de refazer as cercas — acrescentava, pois havia muito tempo a propriedade estava abandonada e grande parte das cercas ruína.

— Dona Dora tinha tenção de dispor duma parte das terras — disse enquanto seguiam adiante. Cavalcanti havia caminhado ali pela manhã, mas não imaginava que ainda estivesse nas terras da fazenda — Não que precisasse, dona Dora tem boa situação. Depois desistiu... Veja — o dedo outra vez em riste, o braço reto para frente, o olho meio fechado parecendo apontar uma

espingarda. Indicava agora umas encostas ao longe, explicando que o rumo cortava através da mata em linha reta, horizontal, e avançava. — Sim senhor, já ‘stive lá em vida de seu Jorge, foi quando dona Dora andou aqui pensando em vender parte das terras... Tem lá uma pedra des’tamanho fincada no chão, indicando o rumo — e riu diante da surpresa de Cavalcanti com a extensão da propriedade que só agora começava a conhecer. — Pro senhor ver, doutor, é terra que não acaba mais!

— Mas e você, Gumercindo — perguntou Cavalcanti, que ouvira do encarregado apenas umas vagas alusões sobre sua vinda para aquele lugar —, como foi que você apareceu por aqui?

Ao mulato agradou o interesse do patrão por sua pessoa. Reiterou que era frangote ainda, “dez pra onze anos, o senhor num sabe?, isso em princípios de 62”. A família não era dali, e a necessidade obrigara cada filho procurar um rumo, “até eu, que era o mais novinho, tive de caçar o meu, mormente despois da morte de papai, adonde que então meti o pé no mundo”.

— Vim fazendo um bico em cada lugar, ganhava uns trocados, dormia esta noite numa garagem, a outra embaixo dum pé de árv’re, e assim foi... — chegando na fazenda o menino pedira um prato de comida; Jorge — o velho e solitário Jorge — dera-lhe pousada por uma noite, depois chovera por toda uma semana, o garoto não podia ir embora com aquele tempo, e ficou, esperando estiar. — Um dia amanheceu de sol — explicou —, mas cadê que eu me sustinha nas pernas? — Sim, pois havia apanhado uma gripe forte que, por pouco, não se convertera em pneumonia. Mais uma semana na fazenda, preso aos cobertores, aos escalda-pés, às tisanas, e nada de baixar a febre. Veio o doutor da vila “e tome agulhada, que nunca vi médico para gostar de espetar os outros, cada espetadela na bunda!... Mas foi bater e valer!”, e o menino estava bom outra vez, pronto para ganhar o mundo.

— Mas o velho deixou? — Jorge, em sua solidão, havia-se afeiçoado ao menino; este retribuía a afeição e não teve coragem de olhá-lo nos olhos na hora de se despedir. Nem de olhá-lo nos olhos, nem de se despedir, e ficou. — E foi desse jeito...

Jorge morrera em 1965, “coisa de um mês despois de fazer aquele risco que dona Suzana viu na porta da cozinha. Parece inté que tava adivinhando...” e ele foi ficando por ali, continuou nas terras.

— Você ficou sozinho?

O Gumercindo acabara de fazer catorze anos, “já botava uma fumaça de barba na cara, doutor”. Era sua vez de se tornar o novo administrador da fazenda.

— Deu-se que no ano anterior dona Dora tinha vindo pra vender uma parte das terras, e ficou sabendo de mim. Achou que eu podia cuidar da fazenda, e perguntou se eu queria. “Ora, pois, que dúvida, dona Dora” eu disse, e foi o que sucedeu: dona Dora desistiu da venda e quando o velho

Jorge faltou, eu acabei ocupando o lugar dele. Eu já era bem taludinho nessa época...

Mas o Gumercindo estava feliz agora com seus novos patrões, que tinham projetos e pretendiam reformar a casa, comprar reses, cultivar a terra, , tornar próspera a propriedade, “se bem que as reses e o cultivo serão pra você, que a nós o que interessa é que isto não fique abandonado como está” disse Cavalcanti.

— Minha vontade sempre foi essa, doutor — Gumercindo disse com entusiasmo, e explicou o quanto gostava de plantação, de lidar com o gado — mas nunca tive com quê — justificava — e dona Dora nunca quis saber de nada com isso aqui... —, por isso até então se limitara a fazer umas rocinhas miúdas, engordar um leitãozinho na ceva, criar uns cabritos, uns patos, umas galinhas avulsas, nada mais.

— A coisa vai mudar, Gumercindo — Cavalcanti prometeu estirando os braços, alongando o corpo, alcançando longe com as vistas, até aquela faixa tênue de verde e azul, onde sua propriedade terminava. — Prepare-se para a lida!

E o mulato escancarou a boca, num vasto sorriso.



— O povo diz que tinha um açude aqui na fazenda — e a Zefa, muito sem jeito, não conseguia estar à vontade na presença daquela senhora fina com tão elegante vestido, sentada em sua cozinha numa cadeira velha, a única que havia na casa. Zefa nunca vira uma roupa assim, sem saber que se tratava de um vestido já um tanto batido e que Suzana de hábito punha em casa; refletindo que dispunha apenas de uma cadeira, mesmo assim em mau estado, Zefa deu-se conta do quão pouco possuía, e se sentiu envergonhada.

— Um açude? — Suzana interessou-se em saber onde ficava.

— Ali pros fundos — disse a Zefa sentando-se um pouco. O grande volume de sua barriga deixava-a cansada, e a lida na cozinha tornava-se morosa, difícil. Suzana perguntou se ela não tinha quem a ajudasse, “qual o quê, dona” respondeu, “o Gumercindo é quem me dá uma mão quando ‘stá à toa, ou por outra, a Mariinha...”

Mas a Zefa não conhecera o açude, nem mesmo seus pais chegaram a conhecê-lo: ouvira falar, os antigos diziam, “diz que até morreu gente nele” acrescentou, “mas isso tem muito tempo” segundo lhe haviam dito.

— Hoje está um brejo só — esclareceu.

E Suzana olhou para o chão de terra batida da cozinha, distraiu-se, ficou imaginando o açude: “*naquela época*” pensou, pois estava certa de que naquela época (em que época mesmo não fazia idéia, mas há muito tempo, antigamente...) era natural que houvesse ali um imenso açude onde se poderia

pescar, onde sem dúvida havia um barco para a distração das moças, dos rapazes, e sem dúvida muita coisa mais. Aquela casa, com seus quartos e salões, com seus corredores compridos feito labirintos, com sua imponência decadente; aquela casa devia rebrilhar em sua melhor época (tinha uma lembrança muito vaga de quando viera pela primeira vez, e essa “melhor época” já havia passado há muito, por isso não podia fazer uma idéia precisa).

— A senhora vai reformar a fazenda? — Suzana ouviu a Zefa perguntar.

Levantou a cabeça, olhou a mulher negra e sua barriga. Sorriu da própria distração:

— Ah, desculpe-me... o que foi que disse?

— Perguntei se a senhora vai reformar a fazenda?

— Oh, sim... é o que pretendemos... é uma casa muito grande e bonita.

A Zefa punha-se pé com esforço.

— Tem muito pasto — disse —, dá pra criar gado...

— Meu marido pretende comprar algum gado — Suzana disse —, e também cultivar uma parte das terras.

— Ah... — e arrastou os chinelos até o fogão. Depois disse: — O Gumerindo bem que tinha vontade de plantar, criar umas vaquinhas... sempre teve vontade, fala nisso todo dia, mas...

Levantou a tampa da chaleira. A água fervia.

— ...dona Dora nunca se interessou, e ele mesmo, coitado, sem ter com quê...

— Hum...

Suzana pensou nas palavras da mulher, então pôs-se de pé. Resolveu sair, queria passear mais um pouco. Iria até o açude, até o brejo que ficara em seu lugar.

— Vou passar um café fresquinho, dona Suzana...

— Oh, Zefa, não se incomode!...

— Incômodo nenhum, dona Suzana.



E todos viram a garota de beleza incomum percorrer a rua principal, acompanhada pela menininha preta.

O farmacêutico avistou-a de trás do balcão e franziu o cenho (“!...”), e o dono do armarinho chegou à porta. “É a filha do Gumerindo que lá vai” disse intrigada ao marido uma mulher que passou por elas, “quem é a outra?”, e ambos se detiveram a admirar a garota desconhecida, perguntando-se quem seria; a menininha preta, que seguia na retaguarda, espiou para ambos com seu jeito de olhar de baixo para cima, virando o pescocinho magriço enquanto caminhava. Na praça, meninos que brincavam de pique pararam, e meninas que acompanhavam as mães olharam a estranha com uma ponta de inveja.

Mas Lara não se deu conta: segurando a mão da menininha preta atravessou a rua após olhar para ambos os lados — cuidado desnecessário, pois o tráfego àquela hora era quase nenhum (àquela hora, a qualquer hora, na pequena vila quase não havia tráfego).

Passando em frente à confeitaria, espiaram para dentro. Detrás dos vidros da vitrine, docinhos diversos à mostra pareciam esperar por elas.

— Eu tenho dinheiro — disse Lara metendo a mão no bolso do vestido —, vamos comprar doces?

Saíram da confeitaria comendo doces e levando um embrulhinho nas mãos (“Quem é a menina?” perguntou uma vendedora à outra, “você a conhece?”, mas a outra fez que não. “Nunca vi tão linda!...” tornou a primeira, olhando penalizada a menininha preta que seguia atrás e virava o pescocinho para encará-las), e seguiram calçada afora.

Um homem, que passava numa charrete, deteve a vara com que pretendia tocar o desanimado pangaré: voltou a cabeça para admirar os esplendorosos cabelos de Lara.

O juiz de paz ia entrar no carro, mas distraiu-se quando ela passou, e na varanda do sobrado em frente uma senhora de aparência distinta ajeitou os óculos para ver melhor.

O vigário saía da casa de uma beata que, tomada de achaques, solicitara-lhe a presença para sua confissão semanal; amolara-o durante hora e meia com seus hipotéticos pecados, e só se sentiria melhor depois de receber uma penitência severa, no que o vigário não teve mão; saía, pois, àquela hora bastante contrafeito, e também não pôde conter-se: teria acaso Nosso Senhor enviado um de seus anjos à terra, naquela manhã, para amenizar seu aborrecimento com a simples visão da glória divina?

Toda a vila — transeuntes, comerciantes, empregados, meninos, donas de casa — admirava-se, mas Lara de nada se apercebeu: segurando a mão da menininha preta olhava, com cautela, para ambos os lados antes de atravessar uma rua; entrava aqui numa loja de roupas, ali numa de brinquedos (comprou um joguinho de armar para Mariinha que a deixou abobada de alegria), adiante numa quitanda para saber o preço das lindas goiabas expostas junto à porta; falava ora com um, ora com outro, pedia licença e seguia. Atrás de si, o encantamento causava murmúrio, mas ela não escutava.



“Atravessei o Atlântico, o Estige, a Vida. Ancorei no inferno.”

Helena parecia contemplar não o jardim infestado de mato ou a estrada que passava adiante, nem mesmo os morros azuis ao longe; mas qualquer coisa indefinível dentro de sua própria vida, como vinha fazendo desde a véspera numa tentativa feroz de vencer os campos minados com que se res-

guardara, atravessar os pântanos que havia criado ao seu redor e redescobrir a estrada reta e clara que percorrera um dia (quando? Não se lembrava. Há muito tempo, sem dúvida — e a certa altura perdera todas as esperanças: talvez não houvesse mais recuperação e estivesse condenada à armadilha que criara para si mesma. As muralhas seriam definitivas? perguntava-se. Não haveria um mapa que indicasse com segurança a rota para fora do pântano, sem o risco de explodir?).

“Ancorei no inferno...”

Helena havia terminado de ler.

Ouvira a voz, o pulsar daquele coração, e o apelo contido naquelas páginas ainda ressoava em seu pensamento. Mas qual o significado daquilo? O que teria acontecido com o autor daquele escrito para chegar ao extremo? Quem lhe responderia as questões que o antigo diário suscitava agora? — questões que vinham por fim obliterar sua própria dor, e se Helena colhia algo daquilo, era que sua própria dor não lhe pesava tanto que se impusesse a qualquer coisa.

Levantou-se e foi debruçar-se no parapeito da varanda. *“Ele se debruçou aqui antes de mim”* pensou, e ficou imaginando que o autor do diário estivera ali também, antes de perder-se pelo mundo: debruçara-se, como ela fazia agora, e ficara olhando o jardim (devia ser um belo jardim então, com seus canteiros bem ordenados, a grama verde, o arvoredado limpo de modo que se podia passear entre as árvores...); debruçara-se ali muitas vezes, e se havia mais alguém, conversavam, talvez sorrissem e andassem de mãos dadas quando resolviam descer até a cerca que margeia a estrada, por exemplo, ou ir até o coreto (*“O coreto que havia naquele descampado...”*). Mas em si já vibrava o germen da solidão, a incompreensível angústia, e já ouvia o chamado do mundo — essa invocação que se ouve sem palavras, sem que palavra alguma possa explicar e sem que a possamos responder a não ser pela renúncia.

“...e ele pede perdão à prima, à pobre menina apaixonada, por não tê-la feito feliz. Ana Luíza... quem terá sido Ana Luíza?”

A varanda pareceu então maior a Helena: houve um tempo, cogitou, em que talvez fosse até pequena — estaria cheia de gente, pois aquela casa já vivera dias gloriosos, festas brilhantes com dezenas, centenas de convidados, e os casais que se cansavam de dançar, Helena ia imaginando, vinham para cá, sentavam-se nas cadeiras, punham-se a conversar; muitos desciam para o jardim, outros retornavam ao salão, e por certo haveria crianças fazendo alvoroço... Mas agora a varanda era enorme, assim vazia, pelo chão folhas secas e gravetos que o vento sacudia das árvores, o madeirame apodrecido, a treliça quebrada...

entrei por um caminho que há de levar-me ao abismo, e não posso voltar atrás porque há lobos soltos na estrada para devorar os que voltam

Helena sobressaltou-se, o diário caiu de suas mãos, ela olhou ao redor de

si assustada: que voz fora essa que soara às suas costas?... Mas não, bem poderia ter soado ao seu lado, ou à sua frente... De onde viera essa voz que tão claramente escutara perto de si — segura, tranqüila, resignada? Ou teria vindo de seu próprio pensamento? — E recolhendo o volume do chão, passou as folhas com rapidez até dar com aquele trecho, um dos muitos de que não se esquecera:

...entrei por um caminho que há de levar-me ao abismo...

Seus olhos se encheram de lágrimas.

A varanda, vazia, parecia ainda maior.



Então a porta dessa casa de tijolinhos ao fim da rua abriu-se, dando passagem a uma cadeira de rodas. Uma mulher gorda conduziu para fora um homem muito velho que, no entanto, não se esquecera ainda de continuar vivo: fazia questão de ficar ao sol pelas manhãs, de conversar com os passantes, ouvir as novidades.

Mas que novidades podia ter naquela vila? perguntava-se sempre o homem velho ao sair conduzido pela mulher gorda, pois a vila não continuava a mesma todos aqueles anos? Não a conhecera assim na infância, e do mesmo jeito não permanecera até encontrá-lo agora passando dos noventa? Haviams-se acrescentado casas ao longo do tempo, não tantas, abriram-se algumas ruas novas, mas poucas, veio a luz elétrica, a televisão, o telefone... agora já se viam vez por outra carros transitando, e as moças usavam umas roupas modernas que ele condenava por não condizerem com a decência. (“*Enfim...*” e recalcitava: “*sinais dos tempos*”)

O homem velho, invariavelmente, repetia para si mesmo argumentos que deveriam bastar para não sair à rua com tanta frequência — pois com o que não se conformava era o fato de aquela vila jamais ter deixado de ser apenas isto, uma vila —, mas que eram insuficientes para mantê-lo em casa: tinha de apanhar seu pouquinho de sol pela manhã, conversar com alguém que não fosse consigo mesmo (o que fazia a maior parte do tempo, concluindo que desse jeito falava sempre sozinho), manter-se presente... E assim, parava aqui para um dedo de prosa, ali para espiar uma criança no colo da mãe, adiante para acariciar os cabelos de um menino que vinha pedir a bênção. Havia aqueles que vinham de repente e logo sumiam: “E então, vovô” diziam cumprimentando-o de passagem, apressados, “firme para chegar aos cem?”, e eis uma coisa que ele não compreendia: a pressa com que essa gente transitava pelas ruas, com que se cumprimentavam trocando mal e mal duas ou três palavras, respondendo a alguma indagação sem ao menos deter-se, acrescentando qualquer coisa já de longe e seguindo em frente; ora, todos tinham pressa, como podiam exigir dele que vivesse para completar cem anos? Mes-

mo porque ainda faltava um bom pedaço, “*afinal*” pensava, “*cinco ou seis anos não são pouca coisa, não pra quem já passou dos noventa.*”

O que poderia ter sido diferente para o ancião naquela manhã se, no momento em que a gorda matrona empurrou para fora a cadeira de rodas, não avistasse do outro lado da rua a garota loira que passava, cujo nome na vila ninguém sabia mas que ele havia pronunciado muitas vezes com doçura em sua remota juventude de ilusão e encantamento? Sim, porque vê-la — ou revê-la — bastou para que, num sobressalto, agitando as mãos, detivesse a mulher gorda e assim pudesse gozar da visão miraculosa que fazia os anos derruírem diante de si feito velhas paredes que a ventania põe por terra: e pôde espia-la rua afora acompanhada de uma garotinha preta, com a dignidade que uma quase mocinha pode ter, e depois retornar, passar sem pressa rente a si — tão perto que pôde sentir o perfume a emanar de sua farta cabeleira — sem ao menos vê-lo, prosseguir rua acima, desaparecer.

“*Rosinha...*”

A mulher gorda percebeu o sobressalto do ancião, acompanhou também o trajeto da garota desconhecida, depois se curvou um pouco e perguntou-lhe se estava bem. Ele moveu a cabeça (diria que sim, diria que não, não sabia), fez um gesto para que prosseguisse o passeio, mas seus olhos já não viam adiante: voltavam-se para dentro, para a paisagem dos muitos dias, e cruzando esse intrincado de becos, ruas e corredores quase sem fim refez em momentos o grande percurso de sua vida, que tudo mais podia ser esquecido, deixado de lado sem prejuízo algum, mas não a visão encantadora, a lembrança mágica — esta permaneceria consigo.

— O senhor está mesmo bem, seu Marcelino? — e a mulher gorda curvou-se para ele outra vez. — Não quer voltar?

Mas o homem velho moveu a mão, que continuasse o passeio, que diabos!, ele só estava lembrando...

“*Rosinha*” e o nome lhe parecia agora uma coisa viva a bater as grandes asas em sua alma — uma borboleta azul, um pássaro dourado, a Fênix —, “*Rosinha...*”, e lembrou-se de um rapazinho tímido e magrelo que, nas festas e nos bailes, durante as danças, ficava pelos cantos vigiando sem se atrever a aproximar-se dela, Rosinha — lembra-se bem, filha dos Gonçalves da fazenda Arcoverde —, que apreciava brilhar (“*brilhou sempre, desde criança*”) e desprezar quase todos que a cercavam (e recorda a menina ainda pequena, depois a adolescente que aos poucos adquiria consciência de sua beleza, e por fim a mulher que se tornara).

O homem velho perdia-se no tempo: voltava agora aos primeiros dias daquele século — Rosinha tinha dezesseis anos², depois dezoito... “*A beleza quase sobrenatural de Rosinha, aos dezoito anos...*” e moveu com certo nervosismo

² Marcelino está com 95 anos, pois em 1900 tinha quinze e Rosinha quinze para dezesseis.

mo os dedos trêmulos no colo, pois enquanto Rosinha brilhava, ele, o rapazote magrelo e tímido, continuava vigiando em silêncio, em adoração, dos recantos invisíveis nas salas de baile. “*Se ela não dava atenção nem aos moços ilustres*” e lembrou-se de outros rapazes, filhos dos ricos proprietários do lugar, também recusados por ela. Ficou na dúvida: não teria sido melhor que fosse também rechaçado a ter-se mantido quieto em sua cova? Quem sabe... “*Até que aconteceram todas aquelas coisas... e depois ela foi embora...*”, mas o velho Marcelino sempre fora de opinião que Rosinha afinal — e apesar de tudo — não merecia o que lhe acontecera.

Tudo isso lhe ocorreu durante o trajeto entre a casa de tijolinhos e a praça, para onde a mulher gorda costumava conduzi-lo nos dias de sol. Esperava vê-la uma vez mais, “*onde está você, Rosinha?*” pensou, aflito, olhando em volta: quem sabe não a veria aparecer na rua em frente, ou sair de um armariinho, de uma loja, da confeitaria? Mas a garota loira havia sumido.

Depois, o homem velho tornou à realidade, ao tempo presente.

“*Mas essa menina... quem será?*” perguntava-se agora, “*pois, não fosse absurdo, eu não teria dúvida: era Rosinha de volta... Rosinha de novo aos onze ou doze anos...*”



— Mamãe...

Suzana se deteve, olhou para a varanda: ali estava a filha, que havia chamado por si. Estranhou, pois Helena raramente era a primeira a dirigir-se fosse a ela, fosse ao pai, e mesmo quando falava à própria filha era com maus modos. Mas deveria mesmo estranhar? Afinal havia notado qualquer coisa diferente na entonação de sua voz... E agora que seus olhares se cruzavam, percebia nos olhos de Helena algo que correspondia a essa entonação — um apelo que se esforçava por mostrar-se, mas que por fim, outra vez reprimido, perdia-se na indiferença.

— Ah, você está aí — disse Suzana, e sorriu. — Fui dar um passeio, conhecer o lugar onde havia um açude.

Pois Suzana pensou que deveria dizer alguma coisa, manter o mais que pudesse o diálogo com Helena, mesmo que um diálogo breve, sem prosseguimento nem consequência; e para isso lembrou-se de falar no açude que havia na fazenda noutros tempos, “*mas faz muito tempo*” acrescentou, “*pois a mulher do encarregado, os pais dela, na verdade...*”, e Suzana, lembrando-se de que a filha não tolerava que se introduzissem na conversa as relações com subalternos (que, a seu ver, deveriam se limitar aos assuntos de serviço), não soube se deveria prosseguir. Deu de ombros e baixou a cabeça, pensando em mudar o rumo do diálogo.

— O açude? — disse Helena, no entanto, mostrando interesse e sem no-

tar a alusão à mulher do encarregado. — Sim, havia um açude noutros tempos... — pois lera sobre ele no diário, e como lhe parecia novo e interessante que mãe o mencionasse!

Mas Helena também não prosseguiu: suspeitou que a mãe agora estivesse embarçada com aquela cavaqueira a que não estavam, nem uma nem outra, acostumadas. E desviou os olhos, examinou a capa de couro do livro, remexeu em suas unhas cujo esmalte começava a soltar-se e pensou no quanto era aborrecido aquilo, pois haviam sido tão intempestivos ao sair no dia anterior que até se esquecera de seu estojo de maquilagem e manicure — ainda que naquele meio de mato fosse precisar bem pouco dele, refletiu.

— Bem... — disse Suzana sorrindo para a filha, um sorriso chocho que prenunciava o fim do encontro, mas resolveu perguntar-lhe como ia a leitura, se conseguira decifrar a letra do autor e se havia algo proveitoso naquele manuscrito. Falara muito rápido, sem dar tempo de resposta, e ao calar-se fez-se um silêncio incômodo.

Helena olhava a capa do diário como se houvesse nela algo muito curioso que lhe chamasse a atenção. Depois franziu o cenho, erguendo os olhos para a mãe, “Hum?...” fez, embora tivesse entendido a pergunta.

— Eu perguntei se a leitura ia bem — disse Suzana, alegrando-se, apesar do constrangimento, por poder esticar um pouco mais a conversa.

— Ah!... — e abriu o volume numa página qualquer. — Sim, é... é muito interessante... ele escrevia como se... — pensou um pouco antes de finalizar: — ...como se fizesse poesia.

Suzana pensou em perguntar quem o havia escrito, mas antes que se dispusesse a falar (hesitou por alguns segundos, receando que acabasse por aborrecer a filha com tantas perguntas), Helena continuou:

— Engraçado... não vi em nenhuma página... o nome do autor... era um homem, isso se descobre pelo texto, mas...

E Suzana esperou. Não havia no diário nenhuma referência ao seu proprietário. Pelo que entendera fora escrito na primeira pessoa, como qualquer diário, porém o autor não registrara seu nome, não assinara a página de rosto. Mas Helena, pareceu-lhe, iria acrescentar alguma coisa: disse “mas...” e ficou olhando as páginas, imóvel, o livro aberto pousado no parapeito. Até que uma aragem passou uma folha, duas, três...

Helena dissera “mas...” e calara-se. O que diria? “mas é muito triste, fala de muita dor”, era isso o que diria, mas por que dizê-lo à mãe? Contrafeita, calou-se, continuou calada, e agora o vento passava as folhas, uma a uma, como que numa advertência. Mas Helena, se prosseguisse, se falasse da dor, revelar-se-ia à mãe, tornaria visível sua fragilidade; e se falasse da solidão que levava o autor a um fim terrível, revelaria sua própria solidão, e lhe parecia vergonhoso mostrar-se dessa maneira a alguém, mesmo — ou principalmente — à mãe.

— ...mas é isso — disse então, para concluir.

Então Suzana lembrou-se da inscrição na porta da cozinha e imaginou que poderia ser um tema que fizesse esticar um pouco mais o diálogo:

— Helena, não sei se você percebeu a inscrição na porta da cozinha...

Helena apoiou-se de lado no parapeito e olhou para a mãe:

— Inscrição?

— Sim, um entalhe na madeira da porta, feito a canivete...

— Não prestei atenção. O que tem de especial?

— Você verá. Trata-se do desenho de um coração com dois nomes e uma data... Jorge e Glenda, 15 de outubro de 1965... o encarregado disse-me que Jorge era o caseiro à época, um homem já velho, mas não soube dizer quem seria Glenda... eu imaginei que pudesse ter sido um amor da velhice desse Jorge...

— Glenda, mamãe? — Helena pareceu surpreendida.

— Sim... o que é que tem?

— Ouça só... — passou as páginas do diário, então leu: — “Às vezes saíamos a passear pelas terras da fazenda, e Jorge contava-me histórias do tempo antigo”, entendeu? Ele está falando de Jorge. — Suzana ouvia com atenção, uma ruga vertical na testa. Helena prosseguiu: — Agora, um pouco mais à frente: “Falava pouco de si, dizia sempre palavras de carinho acerca da mulher” e depois “mas jamais o ouvi mencionar aquela por quem havia se apaixonado de fato, uma menina da casa que se chamava Glenda”.

— Céus! — exclamou Suzana baixando a voz, encantada: — Então era uma menina dos seus tempos de juventude!

— Tem mais, mamãe, escuta só: “Eu nunca soube ao certo a história de Glenda, apenas que em sua adolescência Jorge, filho de serviçais, gostara dessa menina que era prima de minha mãe” e então isto, ouça: “Pelo que ouvi acerca desse caso, no entanto, parece que Jorge era correspondido em seus sentimentos, mas tudo decerto não passava de coisas da adolescência, e seria muito pouco provável que a menina rica viesse a aceitar uma ligação tão desigual”.

— Ora, ora!...

— Mas alguma coisa aconteceu, porque ele termina assim: “No entanto sobreveio a tragédia, santo Deus!, e tudo se acabou de forma tão horrível! Pobre Jorge!”.

— Oh!... — Suzana estava pasma. — Pobre Jorge — murmurou. — O que terá acontecido?

Helena move a cabeça devagar, enquanto fixa as páginas amareladas:

— Como saber? — diz. — Não há qualquer outra referência a Jorge e Glenda no diário — disse Helena.



Mas enfim era hora do almoço, ia dar meio-dia e a Titina chegando à porta avistou Suzana que vinha pelos fundos da casa.

— Posso pôr a mesa, dona Suzana? — perguntou, e Suzana, saindo de sua distração, viu que a manhã transcorrera célere e a Titina já terminara o almoço. Depois viria a tarde, e ela encheria essa tarde retornando ao mirante, quem sabe indo em frente, alongando o passeio que acabaria por converter-se numa viagem a si mesma. Mas não prosseguiu nessas reflexões, pois era preciso dar as ordens: a Titina ali estava, esperando.

— Creio que sim — respondeu. — Os outros já estão?

E neste momento escutaram o Gumercindo na frente da casa, e a voz mais pausada de Cavalcanti. “Só se cortar a árvore...” dizia o encarregado, e suas vozes já soavam na varanda, os passos pareciam tambores no assoalho. Cavalcanti dissera qualquer coisa que não se ouviu na cozinha, e Suzana, adiantando-se, encaminhou-se para a sala. Ainda na porta, parou:

— Sim, Titina, creio que já pode pôr a mesa.

Lara não demorou a aparecer, e às suas costas a menininha preta olhava os outros como se fosse a primeira vez.

— Vovó, eu e Mariinha fizemos um passeio até a vila — disse.

— Ora, ora! — exclamou Cavalcanti sorrindo e abraçando a neta. — Então esta menina está mostrando as asas!

— Você devia ter-nos avisado, Lara — censurou a avó sem, contudo, deixar de sorrir. Não gostava de reprovar uma atitude da neta sem acompanhar essa reprovação de um sorriso: assim dava a entender que ela deveria agir de outra forma sem, contudo, magoá-la. — A mãe da Mariinha podia ter ficado preocupada.

— Desculpe, vovó — disse Lara abraçando Suzana —, mas nem a senhora nem o vovô estavam por perto. E a vila não é distante.

— Está bem — Suzana acariciou-lhe os cabelos. — Agora vá lavar as mãos para almoçar. Depois você me conta o passeio.

— Olha, comprei um brinquedo para a Mariinha, um jogo de montar, e ela ficou muito feliz.

— Que bom, Lara, estou certa de que...!

— Dona Suzana — e na porta apareceu o volume roliço da Titina —, quantos pratos?

Cavalcanti e Gumercindo já estavam acomodados. Havia Lara, a menininha preta, ela...

— Cinco, Titina, mais um para você...

Mas a Titina, lembrando-se de seu embarço no dia anterior, protestou, que não, que ficava mais à vontade comendo na cozinha, e Suzana não insistiu. Pensou em Helena, que descera há pouco em sua companhia e fora para

a varanda, mas não havia de pôr um talher a mais por causa dela, pois a filha não se sentaria à mesa com eles (ali estavam o encarregado, a menininha preta, subalternos enfim, segundo seu entendimento).

— Lara — disse à neta —, vá com a Mariinha lavar as mãos e diga à sua mãe que o almoço está pronto. Diga-lhe que ela pode servir-se a hora que quiser.

Cinco minutos mais tarde todos — exceto Helena, que fizera um prato e se retirara para a varanda — elogiavam o frango da Titina, o tempero da Titina, o arroz soltinho da Titina...



Após o almoço, alongou-se a tarde.

Suzana, desta vez na companhia da neta e da menininha preta, partiu para nova aventura.

Caminhava devagar, as mãos nos bolsos do vestido e o pensamento alheio a tudo que fosse imediato e casual, enquanto despreocupadas as crianças adiantavam-se estrada afora. Mas a certa altura, Lara parou: havia uma casinha do lado de cima da estrada, uma porta e duas janelas toscas de madeira, as paredes encardidas, visível em diversos pontos a estrutura de pau a pique. A casa da Titina resplandecia sob o sol forte do começo da tarde. Na noite anterior Lara havia chegado à porta e espiado para fora. Estivera ali por um minuto, dois, sem admitir que se sentia amedrontada com o escuro; mas agora, olhando na direção contrária, viu aquilo que a treva lhe escondia: o vale, os morros, árvores, flores — a infindável paisagem, e tudo lhe pareceu natural e sem mistério. Apanhou uma pedra, atirou-a naquela direção: uma pedra, um simples calhau, ela a havia recolhido na estrada e atirado, movendo-a de um lugar para outro, e a pedra desapareceu no meio do mato, não seria vista outra vez, mas continuaria ali pelos séculos dos séculos, íntegra, íntima com a paisagem. Lara é certo que não pensou sobre isso, mas Suzana viu e percebeu que tudo existe e é transitório como aquele gesto — a mão que apanha uma pedra e a atira —, as coisas mudam de lugar (como um copo, que se recolhe de cima da mesa e se põe na pia, ou uma cadeira que se transfere da cozinha para a sala, ou... “ou alguém que morre?... *Sim, alguém que morre, e a quem levamos ao cemitério...*”), transformam-se, mas de certa forma permanecem as mesmas (como aquele calhau que acabava de desaparecer aos seus olhos mas não deixara de existir, “*e o misterioso rosto daquele retrato perdido por tantos anos...*”), e todas fazem parte de tudo — e assim o mundo se repete. Suzana parou no mirante como no dia anterior, e sentiu que também naquele momento o mundo se repetia para ela, com algumas pequenas modificações, sem dúvida, mas estava claro que se repetia... Não se deteve aí por muito tem-

po, no entanto: seguiu caminho. Lara perguntou até aonde a avó pretendia ir, a menininha preta virou-se para Suzana como se fosse ouvir uma palavra mágica. “Adiante” disse ela, e não havia magia nenhuma naquela palavra. Mas a menininha preta não se decepcionou — nada a decepcionava, pelo visto, pois o mundo para ela também não tinha, como Lara descobrira há pouco, nenhum mistério — e seguiu em frente.

Passearam muito naquela tarde.

Cavalcanti, no entanto, não quis saber de andar: recolheu-se ao quarto, esparramou-se na cama e dormiu algumas boas horas, o que raro em raro fazia após o almoço.

Helena, por sua vez, resolveu ir até o lugar do açude, e lá chegando encontrou apenas um brejo: a tiririca alta e a taboa indicavam o pântano, vasto, onde noutros tempos pudera-se até remar.

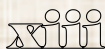
“*Antigamente navegavam aqui*” pensou, porque no diário havia uma alusão a isto. Como estivesse com o diário, Helena procurou a página.

Releu:

“(...) lembro-me de que na fazenda havia um açude. Havia também um barquinho a remo (...)”

Quanto à Titina, voltou para casa logo que terminou de lavar a louça, e o Gumerindo foi procurar a mulher. Alegrava-o poder dizer-lhe que o novo patrão tinha grandes projetos, e ela, que sabia da importância dessa novidade, respondeu com um sorriso de agrado.

(Na vila, o homem velho passou a tarde abismado, pois naquela manhã deparara-se com um fantasma.)



Foi no fim da tarde que a viram chegar: uma senhora idosa, bem vestida e de aparência nobre que caminhava apoiando-se numa bonita bengala de madeira retorcida. Deteve-se um momento junto ao portão e depois avançou, direita, na direção da casa.

— Vejam só, é dona Dora! — disse o Gumerindo com surpresa.

Cavalcanti, que do lado de fora inspecionava as paredes e o madeirame da fazenda, virou-se para olhar, e Suzana, que nesse momento surgia na varanda, ergueu a cabeça.

Dora tinha os cabelos brancos e presos atrás, num coque. Trazia na mão esquerda uma pequena valise, e, apesar da bengala, a atitude ao mesmo tempo digna e afável dava-lhe uma aparência jovial, distinta, e lhe suprimia alguns anos, se bem que já passasse dos setenta.

Cavalcanti, que se adiantara, apertou-lhe a mão, manifestando ao mesmo

tempo a alegria de revê-la e seu embaraço, pois “não esperávamos por sua vinda e não preparamos nada”.

— Confesso que não resisti — ela disse ajeitando os óculos. — Há oito anos não vinha, e sempre me agrada rever este lugar.

Virou-se para o Gumerindo:

— E você, rapaz? Vejo que ainda não consertou o portão, que está como da última vez... aliás, bastante pior, pois agora venho encontrá-lo no chão.

— Dora! — e Suzana aproximou-se com alegria. Beijaram-se nas faces, e tomando-lhe as mãos Suzana quis saber da viagem, se fora bem, se não estava cansada. — Não preparamos nada, nem mesmo para nós, mas temos aqui uma moça ótima que num improviso arranjará um quarto, um banho...

Mas Dora não queria nada por enquanto, “mais tarde, mais tarde” disse, e apoiando-se na bengala subiu para a varanda. E parou — assim de súbito — no segundo degrau, parecendo muito admirada; e esteve imóvel três, quatro segundos: pois nesse momento, vinda de dentro — e acompanhada pela menininha preta —, Lara surgia à porta.

Suzana, vendo-a parar, parou também: todos se imobilizaram então.

— Deve ser sua neta — disse, voltando-se para Suzana. — A semelhança é notável!

— Oh, sim, eu lhe falei dela, não? — e para a neta: — Lara, venha cumprimentar a senhora. Foi quem nos vendeu a propriedade.

Lara caminhou com desembaraço para Dora e apertou-lhe a mão.

— Foi bom que vendesse a fazenda para meus avós, senhora — disse —, gostei muito daqui. Penso em virar fazendeira, nem tenho mais vontade de ir embora! — e sorriu.

Agora entravam na sala, e Dora não pôde evitar uma careta:

— Hum! Está bem pior do que imaginava — disse. — Espero que vocês não se arrependam da compra.

— Mas de forma alguma! — exclamou Cavalcanti, entusiasmado. — Está apenas mal cuidada, mas com uma reforma...

Dora olhava em volta. Caminhando pela sala, a bengala tocava o chão com um som de tambor.

— Irão gastar bastante — disse —, mas se não estão mesmo arrependidos...

— Esta casa — disse Suzana com um sorriso — agrada-me muito. Sim, gastaremos na reforma, boa parte do madeirame foi devorada por cupins, e há as paredes, o telhado, enfim... mas — Suzana olhava em volta, e depois com os olhos brilhando: — Mas sinto-me em casa, eis tudo. E minha neta — Suzana abraçou a neta, que se achegava — aprovou a compra.

Então Dora convenceu-se. Sorriu, admirou mais uma vez o rosto de Lara, pensando se já não o teria visto antes, “*mas onde, e quando?*”. A Suzana, que

lhe notara a atitude de momentos atrás, não passava despercebido esse jeito atento com que ela olhava para a menina.

— Não ficou aqui nenhum móvel, pelo que vejo — disse por fim. — Bem, na verdade fui eu mesma quem esvaziou a casa, mas já não me lembrava...

— Na verdade sempre havia alguma coisa — disse Cavalcanti. — Há camas nos quartos de cima, e encontramos umas poltronas no porão. Mandei limpar e pô-las na varanda.

— Deviam estar carcomidas!

— Nem tanto... menos do que poderiam estar. E agora já se pode sentar e passar o tempo, conversando.

— Ótimo para a noite, quando não se tem nada a fazer.

— Mas é preciso buscar a Titina — disse Suzana — se quisermos preparar um quarto para você. Já são cinco horas...

— Bem lembrado — disse Cavalcanti. — Podemos mandar o Gumercindo...

— Eu gostaria de ir — interveio Lara, atirando-se para o avô —, iremos eu e Mariinha. Podemos ir, vovó?

Crianças não se cansam, pensou Suzana autorizando a neta a ir até a casa da Titina. Pois haviam percorrido todo aquele estirão após o almoço, além do que as meninas tinham ido à vila pela manhã, e agora se animavam a andar ainda mais. "*Crianças...*"

Dora passou para a varanda principal, deteve-se à porta e olhou o jardim, igual à última vez que estivera ali. "*Tudo velho, tudo em ruínas*" pensou, "*e o que é velho muda muito pouco com o tempo. Veja este jardim, que lástima: está como há oito anos, talvez só um pouco pior!*"

— Depois de limparmos o gramado e o arvoredado, reconstruiremos os canteiros — dizia Suzana adiantando-se até o parapeito.

— Oh, sim — Dora concordou —, depois de limparem...

— Penso que tudo se renovará — Suzana completou.

— Sem dúvida — e Dora parou ao seu lado. — As coisas se renovam quando queremos — acrescentou —, basta que queiramos.

— Você deve ter muitas lembranças boas — disse Cavalcanti, que vinha pôr-se ao lado da mulher. — Afinal, grande parte da sua vida passou neste jardim, não?

Dora não respondeu de imediato, apenas moveu a cabeça devagar. Num relance o passado pareceu abrir-se aos seus olhos feito o pano de um teatro, revelando atrás de si imagens que julgava não existirem mais. Dora não tinha o hábito de pensar no passado, vivia para o momento presente, para o dia de amanhã, nunca para o dia anterior. Mas agora estava ali, de volta, e não como das outras vezes: pois, após a morte da velha tia Alice, ali estivera com as primas — foi quando decidiu comprar-lhes a parte das terras que caberia a

cada uma como herança, deixando que dividissem entre si os bens menores, como móveis e objetos de arte (havia muitos objetos de arte na casa, uma verdadeira fortuna, inclusive dois valiosos Renoir, ficando um para cada uma, “tinha também um Degas, ela disse, mas não sei o que fizeram dele”). E enquanto as primas se preocupavam com miudezas, a única intenção de Dora era manter a propriedade na família (família que se aproximava do fim, com seus poucos remanescentes cada vez mais distantes, mas que ela ainda considerava sua), pois Ana Lúcia, a mais velha das primas, declarara que tinha intenção de vender logo suas terras, “pois já não tenho nada mais que ver com isto aqui”. Ana Luíza, que talvez não tivesse a mesma intenção, deixara-se influenciar e, alegando que não se sentia mais feliz em voltar à fazenda, venderia também. “Pois bem” Dora lhes dissera, “eu compro”, acrescentando como explicação — uma explicação que não tinha muito de autêntico: “Para não desmembrar uma propriedade tão bonita”, e assim fizeram negócio. Voltara ali umas poucas vezes mais: quando tivera ela mesma a intenção de se desfazer de uma parte das terras (desistira à última hora, pois então o argumento de que era uma pena desmembrar tão bonita propriedade lhe parecia verdadeiro, “não seria um contra-senso vender agora, já que eu mesma quis mantê-la na família?”); depois quando Jorge morreu, e por último há oito anos. Vinha sempre muito apressada, dava instruções ao Gumerindo — instruções de resto pouco relevantes, pois Dora não tinha nenhuma pretensão de se fixar na propriedade —, e ia embora.

Agora, portanto, estava de volta, mas não como das outras vezes. Já podia pensar, já podia — contra seu hábito — lembrar. E a pergunta feita por Cavalcanti teve o poder de perturbá-la, fazer com que entrasse mais fundo no porão e lembrasse mais longe. Dora, pouco a pouco, via-se penetrar na máquina do tempo.

— Não sei, Sr. Cavalcanti — respondeu —, se o tempo que eu passei neste jardim foi de fato bom... lembranças tenho... nem sempre agradáveis — moveu a cabeça com lentidão: — Mais tarde — disse, fazendo menção de voltar para dentro —, mais tarde...

Não tardou que a Titina reaparecesse, a cara larga exibindo o mesmo sorriso, o corpo redondo com a mesma disposição para o trabalho. Recebeu as instruções: pôr em ordem outro quarto, pois havia mais alguém para pernoitar. Quanto ao jantar, que não se preocupasse: improvisariam com o que sobrava do almoço.

— Mas se a senhora quiser... — começou a Titina, que Suzana interrompeu prontamente, que não se preocupasse, reiterou, pois “já a incomodamos bastante por hoje”.



Ao entrar na sala de jantar, todos já à mesa — inclusive o encarregado, que pelo visto tinha-se na conta de membro da família —, Helena parou: não esperava encontrar uma visita, e pensou fazer meia-volta para retornar mais tarde, quando já não houvesse estranhos ali (sentia-se pouco à vontade na presença de estranhos, o que lhe dificultava fazer novas amizades. Talvez por esse motivo se mostrasse, às vezes, tão intratável. Não podia negar que a novidade a aborrecia um pouco, embora já imaginasse que fosse hábito no interior vizinhos procurarem os recém-chegados para dar as boas vindas — o que ela dispensaria de bom grado, se pudesse).

— Helena — *“tarde demais”* pensou Helena, fora descoberta e Suzana a chamava para fazer as apresentações de costume. Não se sentia disposta a sorrir para ninguém, mas considerou que não lhe custava tanto apertar a mão daquela senhora de ares distintos, uma fazendeira local da velha estirpe, por certo; depois sairia de fininho, ou para a varanda ou para o quarto (*“melhor para o quarto”* pensou, bastava dar a desculpa de uma dor de cabeça para que a mãe não a importunasse mais naquela noite), pondo-se a salvo.

A mãe punha-se de pé, sorria:

— Helena, esta é Dora — e Helena, sem demonstrar sua contrariedade, avançou até a mesa, sorriu. — Quem nos vendeu a fazenda — Suzana informou para sua surpresa, pois então ali não estava uma vizinha para cumprimentá-los, não era uma dessas fazendeiras da velha estirpe como julgara, mas a antiga dona da casa. E Helena estendeu a mão.

Dora levantou-se, e indicando a mesa com simpatia, disse:

— Sente-se conosco.

Helena não teve ânimo de recusar, e a filha — essa menina cuja beleza a incomodava e de quem preferia manter-se o mais possível distante — pareceu subitamente feliz por vê-la juntar-se à família na hora do jantar, e prontificou-se a pôr mais um talher.

— Por favor, mamãe! — disse Lara com um sorriso, os olhinhos esperançosos grudados nos seus.

...por outro lado conheci minha mãe, e ainda assim busquei o amor materno junto aos empregados... se me perguntarem se a amo, se a amo, não saberei responder...

A Helena, acudiram-lhe as palavras, a voz antiga e intemporal, o lamento. *“Minha filha... será que um dia você terá motivos para dizer o mesmo de mim?”* e isto, súbito, a apavorou. *“Minha filha... minha pobre menina...”* Desejou abraçá-la então, apertá-la muito contra seu corpo, beijar-lhe os cabelos e dizer-lhe o quanto a amava, e como lhe parecia novo e único esse amor redescoberto.

to; mas refletiu que não era o momento, pois se o fizesse não só causaria espanto a todos, como também acabaria por chorar, e não podia chorar agora, não tinha cabimento, era preciso sorrir — sorrir. E sorriu.

— Sim, filha — e a Lara como pareceu belo aquele sorriso e doce aquela aquiescência —, traga mais um talher — e Helena pôs-se à mesa com a família pela primeira vez em muito tempo.

XXV

Dora, em seu quarto cheirando a desinfetante, abriu a valise: trouxera apenas uma muda de roupa pois pretendia partir no dia seguinte pela manhã. De início planejava hospedar-se numa pousada — havia uma na vila, de aparência razoável. Mas já que podia ficar na fazenda, por que não aproveitar? Além do mais os Cavalcanti lhe pareciam muito simpáticos e faziam questão de sua permanência, tanto que de imediato providenciaram alguém para pôr alguma ordem naquele quarto a fim de recebê-la, e antes do jantar pudera tomar um bom banho de balde, coisa que não fazia há anos! “Quando tudo é improvisado...” dissera Suzana, entregando-lhe uma toalha nova e um sabonete.

Acostumada aos ruídos da cidade, conquanto morasse num bairro tranquilo na Zona Sul do Rio, o silêncio chegava a incomodá-la um pouco, mas logo se habituaria. Agora iria descer, sentar-se na varanda (pois ainda não eram oito horas) e conversar com os Cavalcanti. Suzana tratava-a como a uma irmã mais velha (e ela acabaria por acostumar-se com isso), enquanto Cavalcanti, com seu jeito desembaraçado, estava de todo à vontade em sua companhia. A neta do casal, Lara... e Dora mordeu os lábios, concentrou-se um momento: puxava pela memória.

“Lara...”

Lara lembrava alguém. Desde que a vira ao chegar a lembrança fora bastante forte para surpreendê-la, e achou curioso que apesar da semelhança entre a menina e a avó, esta não lhe proporcionara as mesmas reminiscências quando se conheceram; mas ao refletir em tal semelhança pensava estar enganada: há muitos anos não via aquele rosto que já não existia e que ela não conhecera senão de retratos (o que explicava sua dúvida), e sobre o qual ouvira histórias, “*muito singulares, por sinal*”... A semelhança seria efetiva, como ela imaginava? Ou estaria enganada?

Não soube o que dizer: depôs a valise num canto ao lado da cama, estendeu o lençol, viu que tudo estava em ordem, e com o castiçal erguido acima da cabeça saiu para o corredor. Aí, porém, foi atraída para outra direção, como se de repente ouvisse um chamado: não desceria logo para a varanda, decidida a investigar o fundo do corredor aonde não ia... há que tempos? Procurou lembrar-se: nos últimos vinte anos não subira até aquele pavimento

exceto por época da morte da tia Alice, quando viera com as primas. “*Vinte anos...*”, pensou. Sim, fazia isso, ou quase. “*Então...*”, pois então se há quase vinte anos não subia essas escadas, e se antes daquela vez já fazia tempos que não entrava nesse corredor, há quanto tempo então...?

Parou diante de uma porta e a experimentou com a ponta dos dedos. Apenas encostada, a porta cedeu. Empurrou-a com cuidado, e entrou: a corrente de ar que vinha das vidraças quebradas não foi suficiente para apagar a vela, e com isso se revelou à memória adormecida o cômodo deserto, as sombras dissolvidas e reconstruídas pela pouca luz adquiriram vida e movimento.

Dora estremeceu.

Pois não havia mais alguém ali? Quem era aquela garota que não dormia, mas recostada na cama parecia velar? Não era uma estranha: sorria-lhe agora, e se encolhia um pouco escondendo-se sob as cobertas pois... Mas, oh!... então não era para ela, Dora, que a menina acenava, nem para ela que sorria? Pois de repente entrou no quarto, pé ante pé, um belo moço cujos cabelos “*eram amarelos feito gema de ovo*” que se dirigiu para a cama, e a quem a menina estendeu a mão...

Dora retrocedeu um passo. Fechou os olhos. Sentiu um nó na garganta.

Ao abrir outra vez os olhos, a visão se desfizera: a magia fora quebrada, não era possível durar, não podia ser permanente: viria como um sopro, um lampejo, “*assim como a vida*”, concluiu.

E saiu do quarto.

XVI

Cavalcanti falara todo o tempo. Tinha projetos, dizia, e ao conhecer a necessidade daquela gente — “O Gumercindo, por exemplo, que deseja plantar, criar algum gado, mas não tem recursos” — sentira desejo de investir. Não apenas tornaria produtivas terras desperdiçadas, não só proporcionaria uma melhora de vida para aquelas pessoas:

— Não senhora! — e saboreava exprimir-se dessa forma, ao mesmo tempo assumindo ares de professor e com a expectativa de um jovem recém-saído da adolescência ao falar de sua carreira, das novas idéias, do largo futuro que o espera.

Ficou em silêncio, aproveitando a atenção com que Dora — principalmente Dora — o ouvia.

— Será um ganho em qualidade também para mim — concluiu —, pois, Dora, afianço-lhe: isto rejuvenesce a gente! — e tamborilou com os dedos no braço da poltrona.

Dora aprovou com a cabeça enquanto Suzana — que acabava de entrar, vindo do quarto da neta (Lara, cansada depois de um dia cheio, sucumbira

ao sono, exigindo que a avó fosse pô-la na cama), e ouvira as últimas palavras do marido — afirmava que também se sentia bem naquele lugar, e muito à vontade, “como se tivesse estado aqui toda a vida”.

Concluiu:

— Não vejo hora de iniciarmos as reformas.

Helena, porém, não participava da conversa: sentara-se mais retirada, mantinha-se a parte. Reclinada no recosto da poltrona, apenas ouvia. (Suzana não esperava que ela se reunisse ao grupo, e lhe pareceu um grande progresso sua presença no serão. Seria muito exigir que viesse sentar-se junto aos demais.)

— Então se mudam mesmo para cá — disse Dora.

— Logo que tudo estiver pronto — tornou Cavalcanti levantando-se da poltrona. Sobre o parapeito haviam colocado um lampião, cuja chama mantinha-se reta, imóvel: não corria a menor brisa, mas no ar parado sentia-se a frescura da noite. — Esta casa, pude constatar, tem uma estrutura muito sólida, é só substituir a madeira danificada, fazer alguns reparos no telhado, no reboco das paredes, no assoalho...

E fez uma pausa, enquanto regulava a altura da chama no lampião. Concluiu que a reforma da casa não seria tão simples assim, ainda que viável.

— Bem, não são só alguns reparos... Verdade é que há muita coisa a fazer... — acrescentou. Mas isto não o desanimaria.

— Há uma árvore junto à calçada — Dora acrescentou — cujas raízes fizeram rachar uma parede.

Cavalcanti fez um bico. Já havia notado os estragos que aquela árvore causara. Mas estava decidido a não cortá-la:

— Mandarei arrancar as raízes que comprometeram a parede — explicou —, mas preservarei a árvore.

— E há também o jardim — lembrou Suzana.

— Sim, o jardim — reforçou Cavalcanti.

Dora moveu a cabeça, concordando sempre.

— Sim — disse após um instante —, o jardim...

E então todos se calaram por algum tempo.

— Eu não conheci esta casa em seus melhores dias — disse Dora por fim, e as atenções se voltaram para ela. Mesmo Helena, que se mantinha a parte, acomodou-se melhor na poltrona e se dispôs a escutar.

— Mas deve ter conhecido esse jardim quando ainda era um jardim — disse Suzana.

— Então não viveu sempre aqui? — perguntou Cavalcanti.

Não, não vivera sempre naquela casa. Já era adolescente quando viera com a família, “papai não se dava com a mãe” explicou, “minha avó, Rebeca...” e o nome de Rebeca — a lendária Rebeca —, pronunciado outra vez entre aquelas paredes soava como um encantamento, Dora pôde experimentá-lo

com uma sensação nova que não saberia descrever: tal nome parecia capaz de ressuscitar os mortos da família, trazê-los à tona de sua definitiva inércia, e por um breve momento foi o que aconteceu: como sombras, todos desfilaram diante de Dora, que se manteve calada, o busto ereto como num desafio, enquanto Cavalcanti, Suzana, Helena esperavam. Depois prosseguiu narrando as circunstâncias da fuga de seu pai e do seu regresso após a morte da matriarca. O pai tivera de fugir de casa para casar-se com a mulher que escolhera, “Rebeca não aprovaria o casamento do filho com uma empregada” explicou, “mamãe era empregada nesta casa desde criança. Minha avó rene-gou o filho e o proibiu de retornar. Depois de sua morte, viemos, eu, meus irmãos e meu pai, pois mamãe também já estava morta. Eu tinha treze anos então”.

— Mas a partir daí... — disse Suzana.

Dora sorriu, um sorriso mal entrevisto pois a luz do lampião a querosene criava sombras inusitadas, disfarçava os rostos, as expressões, fingia iluminar. Meditou um pedaço antes de prosseguir.

— Nessa época a casa já estava em franca decadência, conquanto tia Alice tivesse tentado recuperá-la: reformou-a no que pôde, replantou os canteiros, o jardim então abandonado voltava a florir... mas foi como o canto de um cisne: as coisas caminhavam mal, e também não havia interesse, é a verdade.

Dora suspirou. Agradava-lhe lembrar, fazia-lhe bem falar — e falava como se aqueles que ali estavam fossem a sua família.

— A impressão que se tinha nesta casa é que seus moradores haviam chegado aos seus limites. Pareciam presos em redes invisíveis, e além delas o mundo se extinguiu e nada mais tinha importância ou fazia qualquer sentido...

Suzana ouviu, séria, e Cavalcanti de pé, recostado no parapeito e com as mãos nos bolsos, contraía o cenho de leve.

— Bem — ele disse então —, mas você não devia se sentir afetada pelo modo de vida dos mais velhos, afinal era uma menina...

Dora sorriu. Mexeu-se na poltrona. Não sentir-se afetada?, Cavalcanti dissera, pois ela não passava de uma menina...

Moveu a cabeça com vagar enquanto sorria.

— Meus amigos — ela disse —, vou lhes contar uma história — e começou: — Éramos bastante pobres, apesar da fortuna de minha avó — fortuna que não bastara, segundo soube tempos depois, para que a casa não se visse em certa época à beira da miséria. Dora não conhecera aquela parenta velha cuja herança veio salvar a todos da ruína, “mas” ressaltou, “ainda que as ‘redes’ a que me referi há pouco persistissem, pôde-se pelo menos recuperar o padrão de vida de antes”. Mas a Dora importava-lhe menos a fortuna de sua avó que a pobreza de sua infância (“Vivíamos numa casinha modesta num bairro de periferia” explicou, “e meus pais trabalhavam bastante para nos manter: a mim, a mais nova; a minha irmã e a meu irmão mais velho,

mas este já era homem por época de nossa vinda, já se casara e tinha vida independente”), e ainda se lembra de sua surpresa diante do luxo que foram encontrar naquela casa enorme: um luxo pesado e antigo, talvez excessivo, mas nem por isso menos belo. Lustres de cristal iluminando os salões, imensos tapetes orientais recobrando o assoalho, móveis valiosos, quadros, esculturas, talheres de prata, finas porcelanas...

— O que é justo que se reconheça — ela disse — é que Rebeca tinha um gosto apuradíssimo!

— Mas você não se sentia em casa — observou Suzana.

— De certa forma — disse Dora —, pois... esta era a minha nova casa, e eu deveria sentir-me nela como Alice no país das maravilhas, mas...

De qualquer forma não haveria de durar, ela prosseguiu, e relatou quando uma de suas primas, Ana Lúcia, “Ana Lúcia Albuquerque, já devem ter ouvido seu nome. Tornou-se famosa no teatro, e sua morte há coisa de cinco anos atrás foi noticiada pela TV...”

— Como não! — disse Cavalcanti. — Lembra, Suzana? Nós a vimos muito no teatro...

— Sim! — confirmou Suzana, encantada com a novidade. — Íamos sempre assisti-la... eu a achava fabulosa...

— E teve uma vida escandalosa também — atalhou Dora. — Por exemplo, arruinou a vida de meu irmão, que por sua causa largou a mulher e a acompanhou.

— Oh!...

— Sim, a prima Ana Lúcia era muito... “moderna” — Dora sorriu, ajeitou os óculos que lhe escorregavam pelo nariz. Moveu a cabeça, num gesto de negação. Reconhecia, porém, que após todos aqueles anos não era possível condená-la. Ana Lúcia era apenas muito independente para os padrões da época, fizera-se atriz com menos de vinte anos contra o gosto da mãe, e como mulher livre sentia-se no direito de desfazer um casamento, não apenas por capricho, reconhecia (pois afinal a conhecera bem, convivera com ela nas últimas décadas), mas também para afirmar sua liberdade. — E meu irmão foi ingênuo. Deveria saber que Ana Lúcia jamais renunciaria à vida que escolhera por homem algum...

— Mas seu irmão... o que houve afinal entre ambos? — perguntou Suzana.

— Meu irmão desiludiu-se logo. Como aceitar que a mulher por quem se apaixonara dormisse com outros homens no camarim, ao fim de cada apresentação? Desesperou-se, não voltou para casa. Da esposa, que talvez o perdoasse, nunca mais se ouviu notícia. Acabou no exército, foi combater na Itália em 45... morreu lá...

Suzana estava atônita e Cavalcanti baixou a cabeça numa atitude de reverência, esperando.

— Não posso dizer — Dora continuou — que aprovo ou reprovo minha prima, nem que a condeno ou absolvo... tudo isso já faz muito tempo.

— Claro — disse Suzana, contente por fazer algum comentário —, claro, com o tempo... e também não vale a pena...

— Mas, bem... mudemos de assunto. Não era de minha prima que lhes queria falar — pois Dora desejava falar de si mesma, embora tenha sido porque sua prima fosse atriz e pouco tempo depois tivesse aparecido por ali com sua *troupe* que “minha vida tomou o rumo que tomou”. Os atores tinham-se hospedado na fazenda por cerca de um mês, e entre eles havia um rapaz...

— Um rapaz de cabelos amarelos feito gema de ovo — e Dora falou dele com ar sonhador. — Que cabelos! Nunca vi outros iguais...

— Será que teremos uma história de amor? — brincou Suzana, pois a perspectiva de um romance alegrava-a.

Dora jogou a cabeça para trás, respirou fundo. Bateu de leve com a bengala no chão, concentrando-se.

— Digamos uma... pequena tragédia de amor — ela disse. — Lui era um rapaz muito bonito, e eu uma menina... — fez nova pausa pensando em como contaria o que aconteceu depois. Mas ela não era pessoa que ficasse embaraçada em falar daquilo: — Eu abri a porta do meu quarto à noite para ele, naquela última semana...

Dora abriu a porta de seu quarto para o rapaz certa noite, e ninguém saberia de nada se ela não desandasse a chorar depois de sua partida. Dora não ouvira de Lui nenhuma promessa, e não podia esperar que ele ficasse consigo. Mas tinha apenas treze anos e estava apaixonada. Como evitar lágrimas ao ver-se sozinha?

— E então?

— Vocês bem podem imaginar o que aquilo representava para o meu pai!... Uma menina de treze anos nunca é dona do próprio corpo — e riu. Suzana também sorriu, Cavalcanti baixou os olhos, Helena ouvia com atenção, embora não demonstrasse. — Os seis anos seguintes vivi enfurnada num colégio de freiras, por pouco não sou obrigada a ordenar-me. Era a punição que me cabia pelo meu crime.

— Como num velho romance — disse Cavalcanti metendo as mãos nos bolsos e dando dois ou três passos pela varanda. Deteve-se junto ao parapeito, de costas para os demais, admirando a noite repleta de estrelas.

— Sim — Dora concordou —, como num velho romance.

— E você voltou a vê-lo? — perguntou Suzana.

Dora moveu a cabeça. Talvez ali estivesse a parte verdadeiramente triste da história. “E não foi por falta de irem atrás dele” ela disse, “papai mandou que Ana Lúcia o trouxesse a esta casa outra vez, com que intenção não se sabe, pois, está visto, não exigiria que se casasse comigo, a essa altura convertida na vergonha da família e escondida entre as freiras”, mas Lui havia a-

bandonado a *troupe* logo depois, e ninguém soube dele outra vez. Dora fungou, tornou a ajeitar os óculos, firmou-se na bengala para pôr-se de pé.

— Uma pena — acrescentou —, pois gostaria de tê-lo reencontrado. Nunca me casei. Talvez tivesse me casado com ele... quem sabe! — e chegou-se até o portão, ficou ali, imóvel, olhando para fora como se pudesse ver alguma coisa no escuro. De lá se ouviu sua voz: — Mas a família estava para acabar-se. Minha irmã casou-se e morreu tempos depois, tuberculosa. E todos foram morrendo, até ficar apenas tia Alice, uma prima dela, Francisca... e minhas primas, Ana Lúcia e Ana Luíza... foi daí que passei a me interessar pela história desta casa.

Fez-se então um curto intervalo na conversação durante o qual cada um abstraiu-se, divagou, enquanto se ouviam rumores entre as moitas e o pipilar de alguma ave noturna.

Cavalcanti lembrou-se do misterioso retrato. Quem sabe Dora conheceria a menina retratada e poderia esclarecer a história? Voltou-se então para ela disposto a tocar no assunto, porém conteve-se: Suzana pedira-lhe reserva sobre aquilo por enquanto, cumpria atender-lhe o pedido. Pigarreou, deu mais dois ou três passos na varanda, cantarolou um trecho de uma velha canção de sua época e, debruçando-se no parapeito, meditou.

Helena, no entanto — que até agora ouvira em silêncio a narrativa como quem assiste a um velho filme em preto & branco (pois não podia evitar a comparação: ouvir Dora sobre casos de sua infância era como estar numa sala às escuras, vendo passar antigos dramas em preto & branco, a imagem cheia de chuviscos e a música, as vozes, soando meio distantes, meio apagadas e irreais) —, teve um ligeiro sobressalto: a velha senhora de pé junto ao portão tornara-se mais próxima, mais íntima, quase cúmplice ainda que não o soubesse. Acabava de pronunciar um nome sobre cuja importância naquela trama Helena não tinha nenhuma dúvida: o escritor anônimo associara-o a uma tragédia que ela mal compreendia.

Minha prima, minha prima! Por quê? Afinal, você só tinha dezesseis anos!...

— Muito tempo depois eu estive aqui — Dora disse, ainda em seu mergulho —, e falei de minha intenção em reunir a família num jantar. Os membros que haviam restado: tia Alice, a prima dela, Francisca, minhas primas Ana Lúcia e Ana Luíza, e eu... havia uma outra prima de tia Alice, uma tal de Clara, mas ninguém sabia de seu paradeiro... no entanto minha idéia foi acolhida com indiferença... éramos tão poucos e não pudemos nos reunir...

Dora, tomada agora por suas lembranças, estava vencida: as emoções que não tinham lugar em sua vida conseguiam arrancar-lhe algumas lágrimas, e

quase se arrependia de ter começado a falar. Mas dominou-se: secou os olhos com discrição, fungou um pouco e foi sentar-se outra vez.

Suzana calou-se, preferia calar-se a falar alguma impropriedade: sempre fora de opinião que palavras de conforto terminam por soar como meros lugares-comuns. Cavalcanti sentiu-se um tanto confuso: confissões não deviam deixá-lo assim, refletiu, pois era médico e já devia estar habituado a elas (os clientes sempre se confessam aos seus médicos, como a padres); “*mas não estou num consultório agora, que diabos!*” pensou, “*e esta senhora não é minha paciente*”.

Então Helena, recolhida até esse momento, levantou-se e acercou-se de Dora.

— Senhora — ela disse, puxando para mais perto a poltrona que o pai deixara vazia.

Dora levantou o rosto.

— A senhora disse um nome... Ana Luíza...

— Ah, sim, minha prima Ana Luíza.

— Veja — e exibiu-lhe o volume com encadernação marrom —, diga-me o que sabe sobre isto...

Dora apanhou o diário e o abriu nas primeiras páginas. Demorou um pouco para dar-se conta do que tinha nas mãos, mas logo que passou as primeiras páginas, detendo-se em um ou outro trecho, a expressão de seu rosto falou de perplexidade.

— Oh!... Então vocês o acharam... Olhem que procurei por ele em outros tempos!...

— Parece-me — arriscou Helena — que a senhora... sabe do que se trata...

— Oh, sim — e Dora sorriu —, por certo... conheço bem a história. Como lhes disse, depois de minha volta do internato passei a me interessar pela história desta casa. Este é o diário de João Manuel, li-o e reli-o várias vezes. Depois sumiu... pensei que estivesse mesmo perdido para sempre.

— João Manuel? — repetiu Helena.

Ainda sorria:

— Sim, João Manuel, um outro primo meu — e para os demais: — Temos uma outra história, querem ouvir?

Suzana fez um gesto de aquiescência, e Helena pôs a mão em seu braço:

— Oh, senhora, eu gostaria muito!

— Pois bem — e Dora parecia recuperada —, vamos a ela!

João Manuel era filho de Francisca, explicou, “essa prima de tia Alice de quem falei há pouco”. Dora não chegara a conhecê-lo, mas soube de tudo através de Anita “a tia Anita, irmã de minha mãe. Serviu também nesta casa como criada desde menina”.

— Pois foi tia Anita quem me falou de João Manuel. Tinha por ele um

carinho de mãe verdadeira. Foi praticamente ela, que nunca pôde ter filhos, quem o criou. Foi também a tia Anita a quem me apeguei mais quando voltei do internato, pois eu... eu lhes disse, não me sentia aqui como Alice no país das maravilhas, mas como uma estranha, e vivendo entre estranhos. Tia Anita possuía o dom de cativar aqueles que estavam sozinhos: eu estava só quando voltei do internato, João Manuel fora um solitário toda a vida.

— Mas por quê? — perguntou Helena.

— Francisca mantivera o filho sempre muito distante de si, desde a infância, nunca fora muito carinhosa nem muito presente, e parece que se culpava pelo que aconteceu depois... mas então já era tarde para arrependimento. Bem, mas não nos adiantemos: tia Anita fez-se de mãe para João Manuel desde quase bebê, e o criou. Lembro-me de uma frase de minha tia sobre aquele garoto que tanto amara e que lhe dera o imenso desgosto de partir: “Ele estava sozinho no mundo. Acho que foi embora para livrar-se da solidão, mas em cada lugar que ia era a solidão que encontrava, indo na sua frente e esperando-o chegar”. Tia Anita disse-me isto poucos meses antes de morrer. Lembrava-se sempre dele como de um filho ausente.

— Então — disse Helena — ele foi embora e...

— Ele foi embora muito jovem e nunca voltou. Correu mundo... correspondia-se com tia Anita, escrevia-lhe cartas muito bonitas que ela me deu para ler. As cartas estão ainda guardadas comigo.

— E então...?

— Estava no Canadá, em 34 ou 35, quando se suicidou num quarto de hotel...

— Oh!...

— ...com um tiro na cabeça. Havia deixado um bilhete falando de sua decisão, e pedindo que seu diário fosse enviado à mãe, no Brasil.

Então ventou um pouco. A chama do lampião tremeu, as sombras dançaram na parede, no assoalho, uma dança silenciosa, um balé sem música.

Mas do jardim, do arvoredo, vinha o rangido dos galhos, o rumor das folhagens. Um pio de coruja em algum ponto da escuridão.

— No entanto — disse Helena após um momento —, no diário... em diversas ocasiões ele... João Manuel... fala em Ana Luíza... alude a um drama... ela, ainda adolescente, entrega-se a um tio muito mais velho...

— Sim — diz Dora, explicando que se tratava da mesma pessoa a quem se referira há pouco. Aquela era uma história de desencontros, ela diz, e para que compreendessem seria preciso referir tudo desde o início. — Se não estiverem enfadados — ela acrescenta, voltando-se para Suzana e para Cavalcanti.

— Fique à vontade — diz Cavalcanti indo sentar-se na poltrona onde Helena estivera até há pouco. — Agrade-me ouvir.

— E a mim — disse Suzana estimulando-a a continuar — encantam-me histórias antigas.

— Quando cheguei nesta casa — Dora começa — me deparei com uma personagem muito estranha, um tio excêntrico, irmão de papai, que passava os dias enfiado na biblioteca quase sem falar com ninguém, raramente lendo (prima Ana Luíza dizia que ele mais folheava que lia os livros e as revistas), raramente saindo de casa, mesmo para descer até o jardim. O tio Célio...

— Célio? — e Suzana inclinou-se um pouco para frente. Célio — era este o nome citado na dedicatória do misterioso retrato que seria o dela, se não fosse muito mais antigo. “*Célio...*”, mas Suzana preferiu nada acrescentar.

— Sim, chamava-se Célio — disse Helena —, há uma referência a ele no diário...

— Sim, sim, sem dúvida. Aquele esquisitão era o tio Célio... Mas afinal — e Dora fez uma pausa para dar mais ênfase à sua narrativa — o que o havia transformado nesse homem de maneiras retraídas e atitudes estranhas? — olhou um por um e continuou: — Haverá razão mais forte que o amor?

— O amor? — disse Helena, que não compreendia bem esse sentimento devastador.

“*O amor, sempre o amor*” pensou Suzana enquanto ouvia a velha senhora relatar a paixão feroz e destruidora daquele tio excêntrico por uma moça das redondezas que o repudiou.

— Consta que ele fez o que pôde para conquistá-la — Dora prosseguiu —, até viajou ao estrangeiro para impressioná-la, mas — e balançou a cabeça — tudo inútil!...

— Quanto a Ana Luíza — prosseguiu após breve pausa —, era uma menina de doze ou treze anos quando se apaixonou pelo primo. João Manuel já era, pois sempre fora, o solitário que não se contentaria com os limites impostos por este lugar: a casa, a vida em família, essas coisas que contentam a maioria das pessoas; jamais corresponderia àquele amor de criança. Não se tratava, porém, de um simples amor juvenil, como a própria Ana Luíza me referiu tempos depois, e sim uma dessas paixões de romance, mórbidas, violentas, que a transformou da mesma maneira numa adolescente arredia e triste sempre à espera de que o primo voltasse. Para distrair-se, passou a ir algumas vezes à biblioteca, ora para apanhar algum livro, ora apenas para conversar com o tio, que agora não saía mais de lá, na inércia em que o havia lançado sua paixão...

E, enquanto ouvia, Suzana tirava novas conclusões acerca desse sentimento terrível que é capaz de subjugar as pessoas, transformá-las, converter-se em ódio, terminar em desolação e vazio. Porque não seria um estado de vazio absoluto o desse homem que no fim, após seus esforços vãos, se via confinado àquela casa, condenado a estar sozinho e retirado em um canto e que em seu desespero (ah, e como Suzana conseguia, mesmo agora, cinquenta, sessenta anos depois, penetrar aquele desespero, apenas presumindo a partir de

uma narrativa!) conjuga sua dor com outra, não menor nem menos desesperada, para encontrar se não uma solução, pelo menos um alívio? E também não seria desolação e vazio o que levara aquela menina de dezesseis anos a entregar-se ao tio muito mais velho, deitar-se com ele ali mesmo na biblioteca e depois deixar a porta de seu quarto aberta todas as noites para que ele pudesse entrar? Suzana não acreditava — em outras circunstâncias não acreditaria, e chegava a duvidar de que o amor fosse capaz de tornar as pessoas felizes. “*Ou não será amor*” refletia, “*mas doença, loucura...*”.

— Fez isso quando soube que o primo havia se casado com uma moça americana — disse Dora. — Quando viemos para cá, o filho de Ana Luíza era um lindo bebê de mais ou menos um ano. Tia Alice mal o olhava, mal falava com a filha.

— Um filho...

— Um filho louco — acrescentou Dora. — A loucura foi aparecendo à medida que o menino crescia. Quase adulto teve de ser internado num hospício pois passou a atacar as pessoas, feito fera. Morreu lá, antes dos quarenta anos.

E explicou que talvez tenha sido um dos motivos por que não conseguiu ver os últimos remanescentes da família reunidos à volta da mesa: “Será que o membro louco da família estaria também convidado?” Ihe dissera Ana Luíza quando fora procurá-la, propondo-lhe aquele encontro. “Ana Luíza estava certa de que tia Alice não aprovaria a presença de um louco furioso, inda mais filho de um incesto, em sua mesa” disse.

— Terá sido uma forma estranha de desforra contra o namorado que a abandonara, como aliás ele mesmo refere no diário? — Helena pergunta ainda sem compreender a atitude de Ana Luíza. Mas Dora não acreditava naquilo. E não sabia o que dizer a esse respeito, pois “minha prima nunca explicou seu gesto a ninguém”.

— Um dia, porém, o tio Célio deixou esta casa, de súbito e sem aviso. Foi embora e não deu notícias por muitos anos. Havia enfim abandonado o degredo, fora viver na cidade, conheceu prostíbulos, amasiou-se com uma negra e teve um filho preto que, segundo consta, nunca reconheceu. Pelo menos nunca o apresentou à família, e ninguém sabe onde vive, nem se ainda é vivo. Um dia voltou para cá, alguns anos depois morreu. Um final prosaico, não acham?

— Talvez um final infeliz — disse Suzana.

Dora suspirou. Moveu a cabeça.

Ainda tinha o diário consigo. Entregou-o a Helena:

— Guarde-o. Eu o li mais de uma vez. É muito triste, e agora por último não gosto de me lembrar de coisas tristes — parou um momento, ainda com o diário nas mãos, concentrou-se, baixando a fronte. — Hoje, no entanto... nem sei o que me deu hoje.

Helena apanhou o diário.

— Obrigada — disse, um pouco embaraçada. — É muito bonito, vou guardá-lo com cuidado — e levantando-se, saiu.

— Bem, bem — disse Cavalcanti. Pigarreou, esticou as pernas, pôs-se de pé, deu mais dois ou três passos pela varanda, as mãos nos bolsos. — Dora — disse por fim, sem disfarçar a emoção —, você dá vida às histórias.

Dora também se punha de pé, apoiando-se em sua bengala.

— Talvez não seja eu, doutor — ela replica —, mas elas, elas que permanecem realmente vivas. Além do que, conheço bem a história de minha família, menos por ter sido minha família, e mais porque sempre quis compreender o porquê de tantos desencontros.

xviii

Dora estivera um momento à janela, pensativa, “*o porquê de tantos desencontros*” ocorria-lhe mais uma vez, mas embaixo, o que um dia fora o jardim dos Gouveia Albuquerque não guardava memória da saga da família. “*Acabou-se*” pensou, mas perguntava-se se não estaria na verdade recomeçando, pois o jardim seria restaurado, a casa brilharia outra vez — e antevia os cômodos mobiliados, os lustres acesos de novo nos salões, a mesa posta para convidados que estariam entrando, saindo, conversando, reunindo-se em grupos...

Por enquanto a janela abria-se para um vão — enorme e incompreensível. “*Desencontros...*” acudia-lhe outra vez, e fechou a janela, sentando-se na cama.

Então ouviu batidas leves na porta.

— Entre — disse, e a porta se abriu. Suzana entrou, deteve-se, sorriu um pouco constrangida.

— Perdoe-me...

— Oh, esteja à vontade — e indicou a cama —, sente-se.

Suzana sentou-se ao lado de Dora, nas mãos um envelope de papel pardo em mau estado, meio comido de traças. Esteve quieta alguns segundos, pensando em como falar daquilo que ao mesmo tempo a intrigava e a deixava assustada.

— Há uma coisa que preciso saber — disse por fim — e embora meu marido já saiba do que se trata, minha filha e minha neta não, razão pela qual eu preferi que... — deteve-se, pensando em como continuar. Disse: — Meu maior receio é por Helena, que é uma pessoa... um tanto difícil às vezes... Por isso resolvi falar-lhe de maneira mais reservada...

Dora ouviu sem responder, apenas acompanhando com um movimento de cabeça.

— Desde ontem — continuou Suzana — eu me vejo às voltas com... um enigma.

— E eu poderei ajudá-la?

Suzana fez um gesto indefinível.

— Espero que sim — disse —, espero que sim — e fez um pausa, durante a qual esteve ainda pensativa. — Dora, hoje você conheceu Lara, minha neta. O que achou dela?

Dora deu de ombros. Uma linda menina, sem dúvida — e foi o que disse. “E muito bem educada” acrescentou com bom humor.

— Oh, sim... — Suzana sorriu — é muito bem educada... uma menina encantadora, que muito nos orgulha... mas... Você conheceu também a mãe de Lara, Helena. Deve ter notado que entre ambas não há semelhança alguma.

Dora moveu a cabeça — sim, percebera a dessemelhança entre mãe e filha, mas aquilo nada tinha de espantoso, afinal “os filhos nem sempre se parecem com os pais” disse.

— É que... — e Suzana sempre hesitava em falar. Teria medo do que estava prestes a descobrir? Pois estava certa de que Dora, que conhecera bem a própria família para compreender o porquê de tantos desencontros, como ela mesma dissera; Dora teria talvez uma resposta para o enigma, e essa resposta talvez a amedrontasse. “Mas *por quê?*” pensou, “*por quê?*”. — Bem... é que minha neta na verdade parece-se comigo, quando eu tinha sua idade... hoje eu sou uma mulher de cinquenta e cinco anos, mas quando jovem, quando menina... se pudéssemos ser postas lado a lado com a mesma idade, seríamos indistinguíveis, percebe?

Dora fez um gesto evasivo de mãos. Também não lhe passara despercebida a semelhança entre ambas, neta e avó, reconhecendo que a beleza outoniça de Suzana guardava traços de uma outra e rara beleza, que desabrochara em Lara.

— Ontem — prosseguiu Suzana — meu marido e o encarregado fazendo buscas no porão encontraram uma velha cômoda e decidiram trazê-la para cima... Às vezes encontram-se coisas bem estranhas em móveis velhos... Aquele diário, por exemplo, que tanto impressionou Helena, estava numa das gavetas; decerto fora guardado lá e acabou esquecido quando transportaram o móvel para o porão... mas encontramos também uma outra coisa... caído no vão atrás das gavetas encontramos este envelope.

Dora hesitou um momento diante do envelope que lhe era entregue mas, como Suzana fizesse um aceno com a cabeça para que o abrisse, abriu-o e retirou o retrato. Então seus lábios pouco a pouco se abriram num sorriso, quase podendo afirmar que já esperava por aquela surpresa.

— Percebe agora o meu espanto ao encontrar esta fotografia? — diz Suzana. — É o rosto de Lara, é o meu rosto quando eu tinha essa idade... poderia ser um retrato dela, ou meu de adolescência, só que é do final do século passado! Além do que não haveria uma explicação para o fato de ele ter vindo parar aqui.

Dora ainda admirava o retrato: já o vira outras vezes, e lembrava-se bem de o quanto aquelas feições a impressionaram em outra época — ainda que tenha sido de um tempo anterior ao seu. “*Então é isso!*” pensou, refletindo que não estivera equivocada ao se surpreender com Lara assim que a viu. A garota lhe parecera familiar, mas não se lembrara de imediato “*pois há quanto tempo não via um retrato de Rosinha? Tanto que já não me lembrava bem dessa história...*”. Agora, no entanto, tudo estava claro.

Suzana esperou enquanto Dora lia, no verso, a dedicatória a lápis, já um tanto apagada.

— Veja — disse então, entregando a Dora um documento seu, uma carteira de identidade com um instantâneo 3 x 4 bastante precário que havia tirado por volta dos vinte e cinco anos —, aqui, apesar da má qualidade do retrato e de eu já ser uma mulher feita, vê-se claramente a semelhança... diga-se de passagem, uma semelhança inacreditável...

Dora comparou ambas as fotografias anuindo com um movimento meditativo de cabeça e por fim, encarando Suzana, disse:

— Há pouco, na varanda, eu lhes falei de meu tio Célio e sua grande paixão por uma mulher que o repudiou.

— Suponho que seja ela — e indicou o retrato.

Dora fez que sim com a cabeça. Não a havia conhecido, disse, a não ser de fotografias, mas a tia Anita, mostrando-lhe certo dia aquele retrato, contara a história desse tio “perdido em sua solidão, na loucura de um amor sem esperanças”. Célio havia amado Rosinha desde a infância, criança ainda, mas rejeitado, e por fim sabendo-a perdida, isolou-se do mundo por muitos anos num cômodo daquela casa, “na biblioteca” disse, de onde raramente saía; soube também do caráter indomável da moça de beleza sem igual que a todos julgava indignos de sua atenção.

— Esse amor obsessivo do tio Célio — disse Dora —, o fato de ter sido rejeitado e as conseqüências que tiveram sobre si essa rejeição, tudo isso me impressionou, e eu quis conhecer mais fundo a história. Resolvi então procurar a irmã mais velha de Rosinha... Conversamos toda uma tarde em sua casa, uma linda granja em Petrópolis que pertencia ao homem com quem se casara em segundas núpcias. A princípio resistiu um pouco a falar da irmã; mostrou-me um álbum de fotografias, falou de seus pais, os Gonçalves, donos de uma fazenda aqui perto, “a fazenda Arcoverde” informou, e de suas relações com nossa família... Aos poucos, porém, enquanto eu passava as páginas, nas quais os diversos retratos de Rosinha repetiam e atestavam sua beleza, pôs-se à vontade, e falou dela. Ainda me recordo de um comentário seu, naquela tarde, olhando uma fotografia da irmã aos quinze anos: “Foi essa beleza que a perdeu”.

— Então era este seu nome de família, Gonçalves...

— Sim — confirmou Dora. — Foi em casa deles que o tio Célio, ainda

adolescente, esteve certo tempo, durante uma viagem de minha avó ao exterior. Talvez tenha sido dessa época a paixão do tio Célio pela menina Rosinha, com nove ou dez anos então.

— Gonçalves — e Suzana, com as mãos trêmulas, apanhou o retrato, olhou-o como se pudesse penetrar aqueles olhos que brilhavam no papel, submergir neles, e nesse mergulho descobrir uma verdade de que jamais suspeitara. De repente lembrava-se de fatos que começavam a encaixar-se, a fazer sentido, mas tudo lhe parecia tão assombroso e improvável que ainda não acreditava.

“Sua beleza é muito pouco comum, Suzana” havia-lhe dito certa vez aquela velha amiga de seus pais, Irene Gonçalves, de quem ela também se fizera muito íntima. Estavam sentadas no jardim uma tarde, Suzana havia completado catorze anos havia pouco. Após essa observação inicial acerca de sua beleza, Irene tomara-lhe o rosto entre as mãos como fazia às vezes, com ternura de mãe, mas em seus olhos pôde notar um ar de apreensão. Depois acrescentou: “Temo que você se deixe perder por ela”.

Suzana encarando-a com surpresa perguntara: “Ora essa, por que eu me perderia, dona Irene?”. Irene então meditara um pouco e por fim foi algo evasiva: “Porque eu já vi isso acontecer”, mas logo procurou desviar o rumo da conversa: “Mas não falemos mais disso, você é uma menina maravilhosa, não deixaria isso acontecer”.

“Rosa... não se chamava Irene, mas Rosa Gonçalves...”

— E o que... aconteceu com ela... com... Rosinha Gonçalves?

— Segundo tia Anita, Rosinha arranhou um namorado na cidade, um vigarista, conforme conhecimento de todos à época, que se aproveitou dela e roubou-lhe o dinheiro, parte de sua herança que os pais lhe deram ainda em vida para que, com sua partida, eles se vissem livres da filha de má fama. Meu encontro com a irmã não teria acrescentado muito, não teria acrescentado quase nada, exceto por ter visto outros retratos de Rosinha, se não revelasse a verdade acerca de sua saída de casa: os Gonçalves tinham o hábito de em tudo ouvir minha avó Rebeca, e foi ela quem os induziu a expulsar a filha, em nome da honra familiar. Também não fora o tal rapaz quem roubara Rosinha, mas alguns criminosos contratados por minha avó.

Dora sorri, com indulgência.

— Compreende-se: para eles a expulsão era em nome da honra. O nome da família — Dora explica — estava acima de qualquer piedade paternal, coisa que aliás não caiu de todo em desuso ainda hoje. Para Rebeca, porém, era a vingança pelo muito que seu triste filho havia sofrido.

— E depois?

Renegada pela família, Rosinha fora viver na cidade; muito tempo depois correu que se tornara prostituta e por fim dona de um bordel. “E é certo também que teve uma filha por volta dos quarenta e poucos anos” Dora diz

ainda, pois “ela procurou a irmã certa ocasião, contou-lhe sua história, falou-lhe da criança e de como e por que a havia entregue para adoção.”

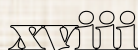
— Mencionou até esse último encontro com tio Célio — Dora acrescentou. A fotografia que casualmente haviam encontrado nessa velha cômoda fora um presente dela ao antigo admirador, quando se reencontraram já velhos e enfim se tornaram amigos. — Pela dedicatória, compreende-se que Rosinha se desculpava perante ele...

Mas Dora viu que Suzana tinha os olhos cheios de lágrimas, e que elas rolavam enfim. E compreendeu o que estava acontecendo: Suzana, a filha de Rosinha Gonçalves, acabava de descobrir sua própria história.

— Ela teve então uma filha — disse Suzana. — Mas não a criou...

— Para protegê-la, eu penso, de sua própria vergonha — disse Dora tomando-lhe as mãos e apertando-as. — Você falou de um funeral a que assistiu nesta casa quando moça — Dora acrescentou. — Lembro-me de a prima Ana Luíza ter comentado... naquele dia todos que haviam conhecido Rosinha se espantaram ao vê-la entrar no salão onde se velava o corpo de tio Célio, inexplicavelmente jovem e bela... só depois compreenderam a verdade, e mantiveram acerca do caso uma respeitosa reserva.

Suzana manteve-se calma, as lágrimas rolaram, secaram, e ela por fim se levantou. De pé, guardou o retrato de Rosinha outra vez no envelope e o ficou segurando, olhando para ele distraída como se de súbito lhe escapasse a noção de estar ali — o que não durou mais de um minuto: moveu a cabeça, esforçou-se em sorrir para sua hóspede e depois deixou o quarto.



Muito tarde da noite na vila, na casa de tijolinhos, o homem velho velava, insone, recostado nos travesseiros.

Fora um homem simples: sem preocupações filosóficas, sem opiniões políticas, ocupava-se na vida apenas com sua família (uma família não muito numerosa mas que lhe dera muito que fazer. Perdera a esposa há cerca de quinze anos, e em sua viuvez perguntou-se como seria enfrentar o último período de velhice sem a companhia daquela mulher miúda, de sorriso doce e modos afáveis, que adquirira o hábito de acordá-lo todas as manhãs com uma xícara de café fresco e fumegante. Dos quatro filhos, apenas dois estavam vivos. Costumavam visitá-lo nos finais de semana, e como não dispunham de muito tempo para cuidar dele (afinal cada um tinha sua própria família, suas próprias preocupações, e estavam velhos também), haviam contratado uma enfermeira — a mulher gorda que o levava a passear na praça).

Em sua sabedoria simples, ensinava aos mais novos que a vida pode ser muito boa, “quando sabemos viver” dizia, sentencioso. E se lhe perguntavam “como é que sabemos se estamos sabendo viver, seu Marcelino?”, ele fazia

um gesto vago, fechava os olhos por alguns instantes, meditava, respondia: “Sabe viver aquele que não desagrada a Deus”, com o que venciam qualquer argumento.

Com isso adquiriu reputação, conquistou o respeito da vila, e os pais ensinavam a seus filhos pequenos que deviam pedir-lhe a benção quando ele passasse.

O homem velho não conheceu as grandes questões da existência, não passou pelas angústias que afligem o ser humano, não viveu paixões: ter-se-ia embebedado uma ou duas vezes, três, se tanto, durante toda a vida; talvez tenha discutido com alguém mas não chegou a atracar-se, e fiel à crença de que jogo é coisa do diabo, jamais apostou — fosse nos dados, fosse nas cartas; satisfazia-se em vestir uma roupa nova e em lustrar os sapatos, freqüentava as festas, arrematou umas prendas em raros leilões; no mais, viveu apenas para seu trabalho, que lhe proporcionou uma vida sóbria, regrada, sem grandezas nem misérias; se vez por outra — e isto há muito tempo — recordava aquele amor de adolescência (revia-se tímido, encolhido contra uma parede, a admirar a beleza arrebatadora que a todos contagiava evoluindo entre os casais, ao som da música), era apenas com resignação, uma ponta de saudade e (quase) nenhum sofrimento. Quando, por fim, esperava com tranqüilidade e sem nenhum medo o grande e misterioso momento para o qual todos vivem (e que julgava próximo), era apanhado de uma hora para outra por um fato imprevisível e o passado, que nos últimos cinqüenta anos não o afetara, reabria-se diante de si como um túnel, uma travessia secreta que enfim se revelava...

O homem velho, ainda muito tarde naquela noite, pensava, remoía, cogitava, perdia-se...

Na quase total obscuridade do quarto (a lâmpada do poste em frente à sua janela havia queimado, e ele pôde deixar a cortina aberta, e como se sentisse melhor no escuro apagara também a lâmpada do quarto), fechando os olhos e abrindo-os em seguida, via surgir gradativamente a imagem de um rosto feito de névoa, uns cabelos de luz, um sorriso de imprecisão...

“Rosinha!...”

E o homem velho desejou morrer naquele momento, pois se tivera direito à dádiva daquela manhã, por certo — pensava — recebera o perdão dos seus pecados, e não precisaria temer a hora do Juízo.



Naquela madrugada Suzana acordou com o que parecia pancadas na porta, mas percebeu que chovia a cântaros e os trovões se sucediam. Aconche-gou-se às cobertas para voltar a dormir, mas outra vez aquele som como que de pancadas na porta se sobrepôs aos ruídos da chuva, e ela se pôs alerta:

levantou a cabeça do travesseiro prestando atenção: sim, não havia dúvida, batiam à porta; por fim reconheceu a voz do encarregado Gumerindo, que chamava por seu marido. O que queria ele tão tarde, embaixo daquele temporal? Só podia ser coisa grave, pensou, e como Cavalcanti dormia a sono solto, Suzana teve de sacudi-lo.

— Está chovendo — foi o que disse ao abrir os olhos, sem compreender o que sua mulher pretendia, acordando-o em plena madrugada.

— Estão chamando — disse Suzana, e Cavalcanti sentou-se na cama, esfregando o rosto. Quem estaria chamando? pensou com mau humor. Então já não podia dormir em paz? Mas lembrou-se de que era médico, *“e um médico não tem hora”*.

Levantou-se a tempo de ouvir novas pancadas e a voz do Gumerindo que o chamava. Embrulhou-se num roupão e saiu. Suzana ficou ouvindo os passos do marido corredor afora, depois na escada, e mais tarde a porta sendo aberta. Percebeu que falavam sobre alguma coisa, mas não era possível ouvir, não tanto pelos ruídos do temporal quanto pela distância. Por fim a porta foi fechada e não ouviu mais nada.

Será que o marido saíra com o encarregado? Mas com que fim? Na dúvida, Suzana levantou-se e foi até o corredor: sim, não havia sinal dele ali. Sai-ra? Aproximou-se do quarto da filha para ver se também havia despertado, mas nenhum ruído indicava que estivesse acordada. Suzana voltou para a cama e esperou.

Não se deu conta de quando voltou a adormecer, e quando abriu os olhos já era dia claro. Uma olhada no relógio de pulso que deixara ao lado da cama, e viu que já passava das sete. Cavalcanti não estava: já se havia levantado? Ou não teria voltado daquela saída misteriosa a altas horas, em pleno temporal? Suzana não pôde esconder sua preocupação, e após vestir-se com ligeireza desceu as escadas.

Mas ao chegar embaixo viu que a mesa estava posta, a Titina acabara de entrar com a leiteira e a neta tomava café com broa. Cavalcanti sorriu para ela e deu um bom-dia bem humorado, erguendo a xícara de café. As preocupações de Suzana se desfizeram e ela, ainda despenteada, sentou-se à mesa.

— A mulher do Gumerindo deu à luz esta madrugada — disse Cavalcanti antes que Suzana perguntasse. — Um menino forte e graúdo, com muita saúde!

Ah!... Então fora aquilo: a mulher do Gumerindo... Quem diria!

— Vovó, vamos até lá conhecer o neném?

— Oh sim, por certo iremos, querida. Sua mãe ainda está na cama?

— A mamãe estava se aprontando quando descí — disse Lara —, e dona Dora já se levantou. Saiu ainda há pouco, nem tomou café. Disse que ia à casa do Gumerindo...

Pelo visto, pensou Suzana, naquela manhã a casa do Gumerindo estava

bastante concorrida. A Titina serviu-a de leite, dizendo para provar da broa que fizera no fogão a lenha, “ainda está quentinha, dona Suzana, saiu do forno agora há pouco”, e mudando para o assunto do dia:

— Passei na casa do Gumerindo antes de vir para cá, dona Suzana — disse —, benza Deus, que menino!

Suzana corta uma fatia da broa, estende a mão para o bule, destampa a leiteira. Na noite anterior havia feito uma assombrosa descoberta acerca de si mesma, mas não teve com quem falar pois ao chegar em seu quarto o marido já dormia, e achou que não convinha acordá-lo. Deitou-se mas não dormiu de imediato, e tendo descoberto a verdade acerca de sua mãe, preferiu pelo menos durante aquela noite guardá-la apenas para si. Pela manhã, porém, decidira-se a esclarecer logo o mistério, revelando ao marido o que ouvira de Dora, e aproveitaria também para mostrar o retrato a Helena e contar-lhe aquela estranha história. Deteve-se ao pensar em Lara, pois não seria conveniente que a neta — ainda uma criança — soubesse da verdade, embora o sacrifício de sua mãe fosse um grandioso exemplo: e Suzana se entenece, pois que imensa coragem a de Rosinha em sua renúncia! E como assim se redimia, pensou Suzana, e como era certo conhecer na dor a sua redenção! Suzana ainda chorou muito, quieta para não acordar o marido, não incomodá-lo por enquanto, pois então se lembrava de que Rosinha estava no primeiro banco da igreja no dia de seu casamento, e enxugava os olhos com frequência. E no dia de sua morte, muitos anos depois, declinando de vez a saúde que nos últimos tempos decaíra rapidamente, Suzana estivera à sua cabeceira pouco antes do fim (“*quando foi mesmo? Parece que no verão de 56...*”) e tomara-lhe as mãos, e ela apertando-as frouxas nas suas sorriera, exigira dela — que era sua filha mas a quem nunca pudera dar esse tratamento — que fosse feliz e tornasse a vida das outras pessoas também feliz, “pois ser feliz” lembra-se de ter-lhe ouvido, a voz já bastante apagada, “ser feliz e fazer os outros felizes é o melhor que podemos almejar na vida”. Tudo isso lhe passou pela cabeça naquele momento, mas Suzana, não deixando transparecer no rosto o que lhe ia pelo espírito, esforçou-se por pensar em coisas menos graves, constatar por exemplo que havia chovido pela madrugada, mas a manhã trazia outra vez o sol — e a vida.

“E com a vida, a felicidade, pois não se pode dar lugar à amargura, não se pode sucumbir...”

Sua neta estava entusiasmada com a novidade (Lara estava sempre entusiasmada, como é natural nas crianças), e seu marido parecia muito guloso, comendo não porque estivesse com fome, mas porque se sentia feliz. Helena apareceu à porta, sentou-se à mesa com eles após um cumprimento breve e, enquanto adoçava o café, perguntou ao pai se o recém-nascido e a mãe estavam bem, “ouvi falar, quando vinha descendo a escada...”, então Cavalcanti, surpreso com o interesse da filha turrone por um assunto que, segundo ela

mesma, diria respeito apenas à criadagem, contou com satisfação uma vez mais sua aventura.

Suzana, contudo, fecha os olhos por um momento; está um pouco tensa agora, mas o brusco movimento da neta ao levantar-se da mesa dizendo que iria calçar as galochas faz com que desperte...

(— Preciso revelar uma coisa — Suzana diz, sentada na cama, olhando ora o marido, ora a filha, nas mãos um envelope grande de papel pardo. — Eu estive nesta casa certa vez, há muitos anos.

Ante a expressão de surpresa e incredulidade de ambos, prosseguiu seu relato, contando como, em juventude, viera a um funeral naquela casa em companhia de uma amiga de seus pais, “uma certa senhora Gonçalves, Irene Gonçalves, que sempre nos visitava”. Suzana, estranhando muito as circunstâncias de tal visita, lhe perguntara por que a levaria ao funeral de uma pessoa estranha, “foi um amigo, minha querida” ela dissera, “um velho e bom amigo. Eu não podia deixar de vir, mas tampouco queria viajar só”.

— Quando compramos a propriedade — Suzana continua —, pela localização e pelas informações que a proprietária nos deu, tive uma suspeita que, ao chegarmos, se confirmou: tratava-se da mesma casa, no entanto preferi não comentar o fato — então Suzana retira o velho retrato do envelope e o entrega à filha. — Agora é preciso que vocês conheçam a verdade...)

...e quando, naquela manhã, tomada de espanto Helena contempla o retrato de Rosinha Gonçalves e, recostado no peitoril da janela, Cavalcanti espera em suspense, Suzana lhes revela o que havia descoberto acerca de seu nascimento.



Então todos foram conhecer o bebê da Zefa, que se desculpou por não poder levantar-se. “Mas o Gumerindo...” começou, sendo no entanto interrompida por Suzana: que não se preocupasse, pois estavam ali apenas para dar as boas-vindas ao garoto e não para causar incômodo. E o bebê desfilou diante dos espectadores curiosos sob a vigilância da menininha preta, orgulhosa e protetora, que a todos lançava seus olhares enviesados de baixo para cima. Lara fez questão de segurá-lo um pouquinho, e o aninhou nos braços com tanto jeito que chamou a atenção do Gumerindo que entrava naquele momento. “A garota tem tino” ele disse, e Lara sorriu, encantada.

Todos se despediram desejando boa sorte, felicidades à mamãe e à criança, e Suzana, antes de sair, prometeu que na semana seguinte traria um bonito presente, “um enxovalzinho completo” disse, e a Zefa riu de puro contentamento. Aos pés da cama, o pai mantinha-se imóvel feito sentinela, alegre como se o futuro estivesse em suas mãos.

Helena entrou por último no quarto — ainda retraída, pois na véspera

não se julgaria capaz de tal atitude. Cumprimentou a Zefa que agora estava sozinha com o recém-nascido, olhou a criança no canto da cama e perguntou se já haviam pensado em um nome; não, lhe disseram, que ainda não houvera tempo, “mas de hoje pr’amanhã, não é?...”. Helena não se demorou, não quis pegar a criança pois não se sentia à vontade, no entanto sorriu para a mãe, e nesse momento não pensou que se tratava apenas da empregada da casa, além do mais negra: era uma mulher igual a ela, fértil, trazia ao mundo sua prole, e quando seu nome fosse apagado da memória seus filhos, seus netos, sua descendência estaria ali, povoando o mundo.

“E eu tenho uma filha que por sua vez haverá de povoar também o mundo...”

Com a chuva daquela madrugada o riacho encherá, transbordará, e o Gu-mercindo bem cedo tivera de providenciar umas tábuas mais compridas para servirem de ponte.

Dora, experimentando com a bengala, atravessava devagar. Mas foi impossível voltar com os sapatos limpos: as poças escondidas sob a relva eram traiçoeiras, e agora o pequeno grupo (Dora, Suzana, Cavalcanti, Helena e Lara) paravam junto à bica para lavar os pés. A Titina acudiu com uma toalha, mas lhe foi solicitado que providenciasse uns trapos para limparem os sapatos. Lara não titubeou: tirou as sandálias e enfiou os pés sob o jorro d’água fria. A Titina, muito sacudida, apanhou-a nos braços e a depositou na cozinha, em cima de um tapete improvisado com um saco de estopa, e entregou-lhe os chinelos.

Ainda secando as mãos Suzana parou à porta e seus olhos caíram outra vez sobre a inscrição.

Dora, aproximando-se, ajeitou os óculos quando Suzana indicou o entalhe na porta, examinou-o e afastou-se um passo, apanhando a toalha para secar as mãos. Helena detivera-se a um passo de distância, em expectativa.

— Como eu lhes disse ontem — entregou a toalha a Titina —, nesta casa aconteceram muitos desencontros — e examinou mais uma vez a inscrição pronunciando os nomes em voz baixa, como se falasse consigo mesma: — Jorge... Glenda...

Suzana esperava.

— João Manuel — Helena disse — refere no diário o amor entre Jorge e essa menina, que era uma filha desta casa. — O que aconteceu a ambos? De que tragédia ele fala?

Dora olha à sua volta para ver se todos a ouviam:

— Jorge, o antigo encarregado, serviu nesta casa desde a infância. Glenda era filha única de minha tia-avó, Ludmila, irmã de Rebeca. Ela e Jorge tinham a mesma idade. Na adolescência houve um namoro entre ambos, e não pense que tia Ludmila se opunha: tia Alice me garantiu que ela daria Glenda ao empregado de sua irmã se fosse esse o desejo da filha, pois conforme lhe teria dito fora muito infeliz num casamento de conveniência. Mas, pobre

dela!, não houve tempo: certo dia, pouco antes do almoço, Glenda fora fazer um passeio sozinha perto do açude. Não retornou. Todos estavam almoçando quando um dos trabalhadores chegou com o corpo da garota nos braços: não se sabe como, Glenda caiu no açude e morreu afogada. Tinha quinze anos.

Suzana ouviu consternada a história: a verdade não se aproximava nem um pouco de sua fantasia. Era prosaica e crua, e terrível, e mesmo Helena, que não tinha o temperamento poético da mãe e que acerca daquele desenho na porta não formaria idéia alguma, sentia-se tocada.

— Jorge amou a lembrança de Glenda toda a vida — Dora prosseguiu. — Às vezes, dizia-me tia Anita (com quem ele se casou), mesmo depois de muitos anos Jorge inadvertidamente deixava escapar o nome dela... dizia “Glenda...” mas depois se dava conta do que havia dito na presença da mulher e ficava confuso, punha-se vermelho... pobre Jorge...

Dora calou-se.

— E eu que pensei... — disse Suzana sem concluir. Enganara-se: sim, não podia esperar que estivesse certa em suas conjecturas, embora não fossem absurdas. Mas também não podia esperar que por trás daqueles traços a ponta de canivete, manejado pela mão trêmula de um octogenário, fosse encontrar o registro de uma tragédia.

— Quem teria sido feliz nesta casa?

Dora virou-se.

Helena baixou os olhos com acanhamento, mas a anciã meditava no que escutara: ela própria já se havia feito tal pergunta várias vezes.

— Bem — disse depois de um instante, dando à voz uma entonação de desprendimento (pois pensava que aquela não era uma hora para tristeza: a manhã estava esplêndida apesar do temporal da noite anterior, e acabavam de chegar de uma visita a um recém-nascido. Tudo isso eram motivos de contentamento, portanto “*alegre-mo-nos! Alegre-mo-nos!*”) e consultando o relógio de pulso —, já é tempo... vou subir para aprontar-me. Pretendo partir logo. Vocês ainda ficam?



Sim, ainda ficariam, só partiriam à tarde. E quando o automóvel desapareceu na curva (pois Dora guiava, e com muito perícia, apesar da idade), Suzana, que a acompanhara até a estrada, permaneceu no mesmo lugar por algum tempo enquanto a poeira levantada ia recaindo em silêncio sobre as folhagens, a relva, e seus cabelos.

Aquele foi seu momento: de todas as surpresas do final de semana, surpresas que a marcariam pela dor, algo ficara de que ela pudesse dizer: isto é bom, ganhei em troca do que perdi.

Pensando no retrato de Rosinha Gonçalves — na vida de Rosinha, na própria morte de Rosinha (que protegeria seu segredo não fossem circunstâncias inesperadas o trazerem à luz quase trinta anos depois) —, compreendeu que ela não estava de todo morta: Rosinha renascera primeiro na filha, e esta a fizera renascer também em sua descendência. Suzana sentia-se mais tranqüila agora, e pesando os sentimentos obscuros que se lhe entrelaçavam no coração concluía que no fim toda aquela trama alcançava uma serenidade muito próxima da paz: a descoberta que poderia lançar o inferno em seu espírito despertava nele uma harmonia nova, a impressão de que se fortalecera, de que seria capaz de enfrentar melhor os maus dias (pois os maus dias sempre vêm, mais cedo ou mais tarde ei-los que batem à porta). Agora o marido e a filha também conheciam a história de sua mãe: ouviram com assombro e sem saber o que dizer a revelação feita naquela manhã. Quanto a Lara, acreditava Suzana que no futuro, quando lhe fosse contada aquela história, ela se sentiria orgulhosa de sua beleza, sabendo que a primeira dona daquele rosto tornara-se uma lenda (e Suzana sorria desta perspectiva, pois Lara indagaria: “Vovó, eu serei igual a ela?”, e sem considerar detalhes superfluos responderia que sim, pois viera marcada pelo mesmo sinal, “como eu” acrescentaria mostrando-lhe fotografias de sua juventude, “pois saiba que eu já fui bonita como você”).

E também reconheceu que ter morrido jovem (pois a preocupava em certas ocasiões isso de viver muito ou pouco, de morrer na infância, na juventude, na velhice...) seria um desperdício e o quanto teria perdido!, do que só estava consciente agora que vivera cinquenta e cinco anos, desejando viver quem sabe mais trinta ou quarenta, pois muitas outras coisas talvez estivessem à sua espera!

Então pensou no amor.

E pensando no amor e nas traquinagens que esse demoniozinho costumava fazer às vítimas de suas flechas, lembrou-se de que no dia da chegada perturbara-a a idéia de que “sonhos dourados” não existiam, pois lhe ocorrera justamente esse pensamento: “*não existem sonhos dourados, não há eternidade a não ser na morte*” (e enquanto pensava fez meia volta, cruzando outra vez o portão seguiu pelos fundos da fazenda, atravessou a ponte sobre o riacho e enveredou pelo meio do mato: agora contemplava o brejo, a tiririca alta, a taboa, “*o açude...*”). Isto, contudo, não era verdade, a não ser se nos ativéssemos a conceitos apenas humanos e temporais. Não há sonhos dourados porque a estes atribuímos nossas limitações, e a eternidade só existia na morte porque apenas consideramos o estreito tempo da vida.

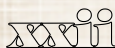
Ali estava a história de Jorge e Glenda para contestá-la: ele a amara na infância, e na extrema velhice ainda conseguia entalhar na madeira de uma porta o nome de ambos, unidos dentro de um coração. Alguém dirá sem pensar: “mas não é possível! Como alguém assim pode ter sido feliz?”, e no

entanto Suzana está certa agora de que Jorge foi um homem feliz, mesmo que ele não tenha tido consciência disto. Pois é feliz aquele que mantém um único amor por toda a vida e o transforma numa espécie de mito, de culto; é feliz aquele a quem nem o tempo nem a dor podem transformar, e se se buscasse um exemplo de perenidade além da morte, ei-lo, e por testemunho aquela inscrição na madeira: o amor de Jorge por Glenda.

“Eu estava errada...”

Sim, estava errada, pois agora abria os olhos, primeiro com medo, mas depois com alegria, pois fizera seu achado, compreendera os signos ocultos: fora uma mulher feliz, de hábitos simples, que trazia consigo a ternura como sinal, e por isso fizera seu homem feliz — do contrário, como poderia vê-lo, já velho, comprar uma propriedade decadente para restaurá-la e com isto rejuvenescer, sentir-se garoto outra vez? Pois tudo o que enxergava em José naqueles dois dias passados ali era a extrema juventude que renascia em seu ser, a alegria de estar vivo — e ela, a mulher que soubera fazê-lo feliz, era parte disto, e o era justamente por tê-lo feito. Sim, reconheceu que estivera errada e que no momento em que tais reflexões lhe ocorriam estava sendo injusta não só com ele, mas consigo mesma, e de ora em diante sentir-se-ia orgulhosa de si.

Porque passara por uma prova, e triunfara!



Naquela manhã, Helena também teve o seu momento.

Nos dois últimos dias passara por uma estranha experiência: a de descobrir que sua jovem existência (pois ainda não completara trinta anos) não era tão vazia. Fora uma garota comum, apaixonara-se muito jovem e sua paixão resultou em desastre, mas a consequência desse desastre — ainda que o sofrimento tenha pesado — era a melhor possível: sua filha — e pensando em Lara conheceu o remorso, lembrando-se de que às vezes em sua intolerância chegava a detestá-la, repelia-a com aborrecimento quando ela se aproximava e não se sentia afetada ao dar-se conta de tê-la magoado.

“Uma filha... minha filha... Lara...”

E Helena percebeu que era dona de um bem que o peso do mundo em ouro não poderia pagar — bem que ela estivera relegando todos aqueles anos com o risco de perdê-lo. A leitura do diário no entanto começara a revelar-lhe os arcanos da muralha que cruzava seu caminho: apavorou-a, começou por fragmentá-la, arrancá-la de sua segurança enganosa para uma verdade que se assemelhava a um pântano: submergiu nele, afogou-se na lama, na areia movediça que se abria aos seus pés, mas estava sozinha e de nada adiantaria clamar por socorro (pensou em gritar, ao seu lado estariam seus pais, sua filha, mas sentiu vergonha: se aquele era o teste definitivo, precisaria ir até o

fim sozinha, por isso persistiu — por isso obtinha agora sua vitória!). Assim afundou no pântano, submergiu na areia movediça, e enfrentou a grande indagação: de onde viera sua amargura? o que a tornara velha antes do tempo? E num relance Helena percebeu que a resposta era simples demais, tão simples que sempre estivera ali, à sua frente, e ela não a reconhecera pelo absurdo de sua simplicidade — e ao mesmo tempo que a reconhecia, compreendia também que já não estava num traiçoeiro pântano, mas emergia enfim num rio de águas puras e transparentes, de forma que olhando para baixo podia ver os próprios pés pisando a areia, e ao redor de seu corpo fluindo os peixes em cardumes. A margem era próxima, mas ainda que fosse distante estaria segura: a verdade estava consigo.

Era jovem e, conquanto isto não fosse o mais importante, o mundo estava à sua frente esperando por ela para conquistá-lo e torná-lo parte de si mesma — aliás, repetia agora consigo mesma que essa conquista tivera início há muito tempo, quando cedo ainda se tornara uma mulher bem sucedida e independente, conquista que no entanto permanecera obliterada por barreiras que, enfim, conseguira remover; restava, portanto, abrir-se para esse mundo que se oferecia a ela com suas cores, suas luzes, seu tanto de alegria e também — por que não! — de sofrimento. Compreendia que a *dor* não era um privilégio ou castigo apenas seu, mas que se repartia à sua volta cabendo mais a uns, menos a outros, mas de qualquer forma todos recebendo sua parcela. E por fim, que era da própria ignorância de suas forças que provinha essa dor, essa prostração que a deixara por tanto tempo vencida diante da muralha.

E sobrevinha a revelação: nunca houvera uma muralha; ela, Helena, a construíra à sua volta com essa ignorância de si mesma. Construíra-a pouco a pouco, ao longo dos dias, como quem ergue a própria cadeia, mas ao reconhecer-se, libertava-se, pois libertar-se estava tão só em si mesma.

E agora pensava na revelação daquela manhã: um misterioso retrato fora encontrado dentro de um móvel carcomido, um retrato do fim do século passado mas cujo rosto era o de Lara, e essa descoberta trouxera à tona uma história de amor e renúncia, que em parte era também sua própria história e que permaneceria encoberta se jamais tivessem comprado aquela casa, se tivessem atirado o velho e desconjuntado móvel ao fogo antes de abrir suas gavetas emperradas, se não tivessem tido o minucioso cuidado de olhar melhor...

“Só um amor muito grande pela filha pôde fazer com que Rosinha a renunciasse para sempre” ela pensa.

E então se debruça no parapeito da varanda, vê o (que restava do antigo) jardim — agora de outra maneira: os canteiros se destruíram com o tempo, as flores morreram e o mato tomara conta de tudo. Mas quando a casa entrasse em reforma, quando se restaurassem o gramado e os canteiros, na pró-

xima primavera, dali de onde estava agora poderia ver a profusão de cores que a terra era capaz de lançar de si na forma de pétalas e asas. Ela estaria ali para participar daquilo, e essa perspectiva a enchia de esperança e júbilo.

Por isso resolveu sair, caminhar pelo meio do mato como quem caminha pelo seu próprio coração, até torná-lo puro.

Então desceu os degraus, avançou alguns passos, parou. Lara, que nesse momento aparecera no fim da calçada e vinha em direção à varanda também parou. Primeiro fez menção de avançar até onde estava a mãe, depois recuou, ficou olhando para ela, temerosa de que mais uma vez a repelisse com sua frieza e indiferença habituais.

“Só um amor muito grande pela filha” ocorreu novamente a Helena, que lhe estendeu a mão — e Lara, ainda um tanto ressabiada, aproximou-se. O instante de hesitação que as embaraçava prolongou-se e durante esse tempo assim estiveram, imóveis, contemplando-se, e Helena mais uma vez se deu conta de o quanto corra o risco de perder.

A viração moveu os cabelos de Lara. Uma pétala abriu-se, secreta, sob a relva. No fundo da terra rebrilharia o ouro, o diamante, mas não havia luz no fundo da terra. Na superfície, somente asas: asas de pássaro, de borboleta, o vôo da águia, o condor sobre os Andes, as asas invisíveis de Lara.

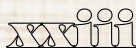
E a beleza incomum da filha, que antes incomodava Helena, revelava-se para ela agora, depois de conhecer a história de Rosinha, como um dom divino, e abraçá-la como então, quando a insegurança cedia lugar ao amor, comprimindo-a contra o peito; beijá-la como a beijava agora, nos cabelos, no rosto, nos lábios, era a garantia de que ainda não havia perdido seu tesouro.

Sua filha.

Nenhuma palavra seria necessária (*“mãe”* Lara começou, *“a vovó”* e indicou com um gesto que a avó tomara há pouco a direção do açude, mas interrompeu-se: de repente emudecia, movia os lábios em vão, olhava para a mãe com os olhos muito grandes, muito abertos, cheios de surpresa, cheios de lágrimas), e quando Helena lhe disse que fosse estar com sua amiguinha *“pois partiremos à tarde, meu amor, e você deve aproveitar um pouco mais”*, Lara se afastou com a certeza de que reencontrara sua mãe.

“Jamais a deixarei sozinha, minha filha, meu amor! Jamais permitirei que o mundo faça de você o que fez de mim por tanto tempo!”

E quando Lara desapareceu nos fundos da casa, Helena fechou os olhos e abriu os braços: com um pouco de imaginação estaria voando, viu quão simples era voar — e as imagens (o vôo da águia, o condor sobre os Andes...) voltavam. Sentiu a brisa, os cabelos soltos se agitaram, o vestido subiu, quase deixando-a exposta, seminua, mas não se importou, não quis interromper seu aprendizado e rodopiou: renascia agora, era de novo uma garotinha, já não se distinguia da filha com seus doze anos, ambas tinham a mesma idade, ambas tiveram seu momento naquela manhã, *“que há de ser perene... perene... ah!”*



O vento fez ondular a taboa, e no meio dela ouviu-se o grito agudo das saracuras. Noutros tempos esse mesmo vento faria ondular a superfície de um lago, o bote parado no ancoradouro jogaria um pouco e um martimpescador mergulharia feito uma flecha, subindo em seguida com um peixe no bico.

— Noutros tempos... — Helena começou, e Suzana teve a impressão de que a filha estivera pensando o mesmo que ela. Mas Helena não continuou: viera até ali procurar pela mãe, e agora, timorata, permanecia calada.

Suzana também não se arriscava a falar: alguma coisa movera a filha até ali, pensou, mas temia estar errada. A leitura do diário havia feito qualquer coisa mudar em seu comportamento, pois do contrário Helena não se sentaria à mesa, como na noite anterior, a um pedido de Lara: teria dois bons motivos para recusar — o fato de haver um subalterno com eles, como fazia sempre questão de frisar por meio de suas atitudes, e a chance de contrariar a filha, coisa em que demonstrava um prazer quase infantil. Mas então a presença do Gumerindo não a afastara, e o pedido da filha encontrou uma aquiescência sublinhada por um sorriso onde se podiam vislumbrar sinais de ternura.

“A leitura do diário” pensou Suzana outra vez, *“mas também a revelação sobre Rosinha”*.

Helena adoçava-se, pensou Suzana com alegria.

Pois Helena aparecera por ali, quem sabe por acaso, ignorando que fosse encontrar a mãe. Encontrou-a, e em vez de manter-se a distância como seria de esperar, ou de ir embora, ficou...

— Penso nas histórias desta casa que ouvimos... — Helena comentou após alguns minutos, durante os quais caminharam em silêncio ao longo da margem.

Mas o que pretendia com aquilo? Nada, reconheceu, queria apenas falar, dizer qualquer coisa, e esperava que a mãe retomasse onde ela havia parado, fizesse comentários, continuasse uma conversa que ela não sabia como começar. Suzana, por sua vez, esperava que a filha prosseguisse, e assim continuaram caladas por mais alguns minutos.

— Penso também em Rosinha.

Helena parou, as mãos nos bolsos do vestido. Suzana parou ao seu lado. Ambas imaginavam ali, onde ondulava a taboa, o ondular das águas do açude há cem anos. *“Cem anos?”* pensou Suzana, e como se tivesse ouvido o pensamento da mãe, Helena complementou para si mesma: *“Cem anos são muito tempo para um ser humano.”*

— O amor dura cem anos, talvez — disse Suzana por fim.

— Nas histórias contadas por Dora — disse então Helena — parece-me

que o amor é sempre um elemento nocivo. Mas não só nas histórias contadas por ela...

E Suzana percebeu uma boa dose de verdade no que a filha dizia, e percebeu que ela aludira ao sua própria desilusão. Sim, os amores relatados por Dora tinham sempre seu final triste, ou trágico — e o de Helena tampouco fora feliz.

— Mas nem sempre é assim, filha — disse Suzana para confortá-la, sem esquecer que Helena tivera seu amor, a ele entregara-se inteiramente, até que sobreveio o desastre, irremediável, avassalador. *“Um desastre do qual Helena não conseguiu emergir. Conseguirá algum dia?”*

Se, porém, naquela manhã tivesse visto o reencontro entre mãe e filha não teria mais dúvidas. Pois não se lembrava às vezes do tempo em que sua garotinha, doce e meiga, chegava da escola, atirava a pasta para um canto, os sapatos para outro e corria descalça pela casa, procurando-a, abraçando-a com carinho para contar as novidades? (*“Houve esse tempo...”*) Suzana admitiu, e reconheceu o quanto estivera equivocada... Bastaria portanto lembrar-se desse tempo para perceber que ainda havia esperanças...

— Não — disse Helena, concordando —, não é...

Sucedeu-se um novo intervalo, um silêncio que se foi prolongando indefinidamente. Suzana imaginou a menina morta nas águas profundas, lembrou o desenho e a inscrição entalhados na porta, e perguntou-se como seria um amor assim, que se mantinha apenas pela lembrança por toda a vida...

Helena não pensou em nada. Olhou para a mãe, olharam-se nos olhos, e ela sorriu.

— Então morreu uma menina aqui — disse, e contemplou o brejo, a taboa ondulando com a viração.

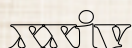
A Suzana aquilo soava como um absurdo — e o tempo lhe pareceu de repente uma grande esponja, tudo era absorvido por ele, e os piores horrores, cem anos depois, soavam como lendas, *“nada disso aconteceu”* ela pensou dizer, *“ninguém sentiu essa dor, ninguém viveu essa tragédia”*, mas não era assim: pois Dora lhe havia contado aquela história, e o amor de Jorge pela menina morta estava registrado numa das portas da fazenda.

No fim de tudo, Suzana refletia, ali estava ela: tudo aquilo a encantava, tudo num instante se convertia em uma epopéia onde a vida humana era apenas um incidente, ainda que estivesse no centro de todas as coisas, e o amor ressurgia inabalável, superior à tragédia, e deixava seu sinal para os homens.

“Cadeados” e a palavra que a havia perseguido naqueles dois dias tinha agora um significado diferente: não mais a imobilização, as portas trancadas, correntes e grilhões, mas a possibilidade de mover-se, de ser aberto, ter seu segredo revelado e, feito de aço, ser por fim partido.

“Bem” disse Helena, e Suzana soube que a filha iria deixá-la agora; ficou

olhando-a afastar-se, até sumir entre as árvores. Helena recolhia-se mais uma vez em si mesma, mas já não seria como antes: *“Ela está de regresso”* pensou quando se viu de novo sozinha, *“nós teremos outra vez nossa menina... pois é claro que ela está de regresso...”*



Cavalcanti passara boa parte da manhã caminhando e refletindo sobre a revelação de Suzana à hora do café, *“então aquele retrato... que coisa extraordinária!”*, e compreendera que viver pode assemelhar-se a estar diante de uma velha cômoda com suas gavetas saltadas que nada haviam revelado de novo: as gavetas, assim vazias como apareciam aos seus olhos, escondiam surpresas para aqueles que ousassem ir adiante, investigar, procurar pelo que se julga inexistir, *“de forma que temos sempre de olhar dentro das gavetas, e atrás delas... poderemos encontrar um bom livro, um retrato perdido... o ‘mapa do tesouro’”*.

“Se não tivéssemos vindo...” pensou, lembrando-se da curiosa conjunção de acontecimentos que conduziram até aquela surpreendente revelação: uma carta do banco para comparecer e regularizar algumas pendências em sua conta, um jornal que casualmente lhe caiu às mãos enquanto esperava ser atendido, o anúncio de uma propriedade à venda no interior, a súbita decisão de procurarem a proprietária, que fora muito gentil e dera todas as informações necessárias, por fim a compra, a viagem, a busca no porão...

Cavalcanti, que já era velho e pensava ter visto tudo, aprendeu a lição de que sempre haverá algo novo para ver, e que por isso o mistério do mundo não chegou ao fim.

Já perto das onze horas, retornando de seu passeio, foi encontrar a mulher na varanda: partiriam antes ou depois do almoço? perguntou, adiantando que preferia não chegar muito tarde em casa, pois tinha muito o que fazer se desejava iniciar as obras o mais rápido possível, “o arquiteto, por exemplo, preciso entrar em contato com ele e trazê-lo aqui para uma avaliação” disse.

— Mas hoje é domingo, José — lembrou-lhe Suzana. — Não se trabalha num domingo.

— É domingo — ele disse —, mas não é impróprio para eu conversar com o Chaves e preveni-lo de que no próximo sábado viremos para cá — e após elogiar o Chaves como um arquiteto competente, prosseguiu enumerando seus projetos: falaria com o Chaves, contrataria trabalhadores, conversaria durante aquela semana com alguns criadores que lhe poderiam informar sobre as raças mais indicadas...

— José — interpôs Suzana com suavidade.

Cavalcanti calou-se; estranhou, pois a mulher tinha o hábito de sempre ouvi-lo até o fim. Esperou...

— Uma coisa de cada vez, meu querido — ela disse, apertando-lhe suavemente o braço num afago. — O navio não está naufragando.



Conclusão

Agora a fazenda voltava à imobilidade.

Fazia uma hora que os novos proprietários haviam partido (Cavalcanti esperava paciente com a chave na ignição, aquecendo o motor com leves aceleradas. Lara esbanjava sua alegria correndo em volta do carro, numa última brincadeira de piques com a menininha preta, que não se cansava de persegui-la com o bracinho esticado. Não tardou que Suzana aparecesse, e a Titina e o Gumercendo também, que vinham despedir-se; por último Helena, caminhando com sua habitual tranqüilidade. Cavalcanti estranhava-lhe o semblante sereno, pleno de alegria, e estranhou ainda mais quando a viu curvar-se e beijar a menininha preta antes de entrar no carro. Não fez qualquer comentário, tampouco sua mulher disse qualquer coisa acerca daquele gesto imprevisto, mas estava certo de que alguma coisa acontecera, e concluiu mais uma vez que estivera enganado: sim, a vida tem seus mistérios, era preciso crer neles para não ser pego de surpresa).

O Gumercendo olhou o relógio: eram quase duas horas. (Na vila um homem muito idoso, acomodado em sua cadeira de rodas no quintal de uma casa de tijolinhos, viu passar um carro diferente dos que de ordinário passavam por ali — pois é assim nessas cidadezinhas de interior: os carros são todos conhecidos, este é o do farmacêutico, aquele o do dono da confeitaria, aquele outro do juiz de paz, e a caminhonete... —, e espiando de relance através dos vidros (pois o carro passava devagar) pôde convencer-se de que o dia anterior de fato existira em sua vida, não fora uma invenção dos sonhos daquela turbulenta noite de chuva. Se nesse relance conseguiu desfazer a dúvida acerca de sua sanidade, mesmo já passando dos noventa — e pelo brilho dos seus olhos não é de duvidar que tenha desfeito —, pôde reforçar a certeza recém adquirida de que o tempo de certa forma costuma fazer voltas, e assim pensando murmurou mais uma vez aquele nome, um encantamento, um mantra, “*Rosinha*”...)

Incumbido de consertar o portão, o Gumercendo acabava de remover os destroços. Apressava-se, pois já iam dar três horas e depois do café, conforme ordem do patrão, sairia para arregimentar trabalhadores que deveriam começar já no dia seguinte a limpar toda a frente da casa, capinar entre o arvoredor, remover o entulho, refazer a cerca, drenar o riacho, alargá-lo e aprofundá-lo o suficiente para que não transbordasse com as chuvas, reconstruir a ponte — e para isso o Dr. Cavalcanti lhe deixara um cheque, autorizando-o a comprar na vila todo o material de que necessitasse.

A Titina passou por ele: vinha de fechar a porta dos fundos, após uma última arrumação nos quartos e na cozinha. O Gumercendo secou a testa com as costas da mão e fez um comentário qualquer, ela parou para ouvi-lo e depois seguiu direto para casa: estava feliz com os novos patrões, tão amáveis e que pagavam com tanta generosidade!

A menininha preta surgiu no fim do terreiro e acenou para o pai. Depois correu para ele, que se apressou para estar mais uma vez com sua esposa e o filho recém-nascido antes de sair. Sua vida se renovava: todo aquele lugar se renovaria também e ele seria testemunha do progresso, participaria dele junto com toda sua casa.

Mas a Titina se fora, a menininha preta se fora com o pai, a fazenda voltava a ficar deserta.

No meio da tarde, com o sol quente tinindo na estrada e murchando as folhagens, ouvir-se-ia o renitente cantar das cigarras, e quando elas silenciassem, todas ao mesmo tempo como ocorre vez por outra, restaria no ar uma lembrança de seu canto, uma impressão de ruído a persistir como algo sólido que tornasse o ar mais espesso. No instante seguinte o canto das cigarras recomençaria, o sol filtrando entre os ramos chegaria ao chão desenhando manchas móveis e a casa secular flutuaria no ar parado.

Ainda estaria ostentando seu ar de abandono, as paredes ainda reteriam as marcas do tempo (como por exemplo aquela rachadura provocada pelas raízes da imensa paineira que crescera junto à calçada), ninguém arriscaria um palpite favorável, e quem passasse — e quem estivesse próximo e ouvisse algum estalido na estrutura — diria sem hesitação que aquelas paredes continuariam de pé por pouco tempo, sem saber o quão distante estava da verdade.

Pois a velha casa dos Veiga Albuquerque tornava-se agora um embrião prestes a renascer, e o tempo uma vez mais se abria em perspectivas: um batalhão estava a caminho — engenheiros, marceneiros, pedreiros, pintores, auxiliares — para tornar verdade essas cogitações.

Fim

“Quem teria buscado tanto pela vida, para no fim só encontrar a morte?” ela pensou à medida que lia, pois conquanto tivesse vencido sua curiosidade, evitando ler a última página, antevia o que lá estava, pois cada frase, cada palavra, cada reticência falava da tragédia, prenunciava a tragédia.

Jogou a cabeça para trás por um momento, espiando o forro de madeira do teto onde goteiras haviam desenhado manchas, e concentrando-se nessas manchas podia visualizar montes, rios, casas — paisagens fantásticas de um mundo fabuloso; ou rostos distorcidos, corpos deformados, aleijões — uma anatomia martirizada pelo horrível, pelo medonho.